

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Losana Hada de Oliveira Prado

**Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de
crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo***

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Losana Hada de Oliveira Prado

**Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de
crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção do título
de Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob a
orientação da Professora Doutora Ana Rosa
Ferreira Dias.

SÃO PAULO
2009

BANCA EXAMINADORA

À *Larissa Prado Yoshida*,
pessoa mais importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser presente em mim.

À Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias, pela orientação cuidadosa, pelo carinho e pelas observações que me conduziram a reflexões pertinentes.

À Professora Doutora Vanda Maria da Silva Elias, professora admirável de quem tive o privilégio de ser aluna desde o *Lato Sensu*, pelas significativas contribuições ao trabalho no Exame de Qualificação.

À Professora Doutora Vera Lúcia Meira Magalhães, por participar da minha Banca de Qualificação com orientações valiosas para a finalização desta dissertação.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, pela dedicação e pelos valiosos ensinamentos que contribuíram nesta etapa de minha formação.

Aos meus pais, Antônio de Oliveira Prado e Yoshiko Hada de Oliveira Prado, pela incessante preocupação.

Aos meus irmãos, Raquel Hada de Oliveira Prado e Adalberto de Oliveira Prado, pelo amor fraterno e por fazerem parte da minha história.

A Alberto Mamoru Yoshida, pelo amor, compreensão e apoio de sempre.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação, pela troca amigável e produtiva.

À Patrícia Karin de Almeida Rodrigues e Sílvia Rodrigues de Andrade, pessoas maravilhosas que tive o privilégio de conhecer durante o percurso do mestrado.

À CAPES, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.



José Geraldo Couto



José Roberto Torero



Juca Kfoury



Xico Sá



Tostão

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil...

Machado de Assis

RESUMO

PRADO, Losana Hada de Oliveira. (2009). *Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado (Língua Portuguesa). São Paulo: PUC-SP.

A presente dissertação tem por objetivo estudar as crônicas esportivas do caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo*, examinando as marcas de intertextualidade que ocorrem no texto dos cronistas José Geraldo Couto, Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade), José Roberto Torero Fernandes Júnior, Juca Kfourri (José Carlos Amaral Kfourri) e Xico Sá.

A pesquisa visa a contribuir com os estudos do texto, verificando de que forma processos intertextuais determinam a produção de sentidos. Para o embasamento teórico desse estudo, fundamentamos a dissertação na Linguística Textual, na Teoria Literária e na Análise do Discurso. Assim, considerando a materialidade lingüística do texto, demonstramos que a identificação do intertexto é importante para o estabelecimento da interação e para a produção de sentidos na leitura das crônicas.

A análise procura contemplar procedimentos teórico-analíticos. Nesse sentido, princípios cognitivos, ligados à produção de sentidos, à intertextualidade e à alteridade ocupam um lugar de destaque.

Os resultados obtidos demonstraram que as crônicas futebolísticas solicitam do leitor a ativação de conhecimentos prévios para identificar a intertextualidade e produzir sentidos na leitura das mesmas. Todo o procedimento desta pesquisa propicia a comprovação de que, com o desenvolvimento dos estudos sobre a intertextualidade, não se pode mais pensar em textos puros ou em autoria sem influências.

Palavras-chave: Intertextualidade, Imprensa, Crônica Esportiva, *Folha de S. Paulo*, Análise do Discurso, Linguística Textual.

ABSTRACT

PRADO, Losana Hada de Oliveira. (2009). *Intertextuality written advertising: a reading of the chronicles Sporting for the newspaper Folha de S. Paulo*. Master's dissertation (Portuguese Language). São Paulo: PUC-SP.

The objective of this research is to study the chronicles written by José Geraldo Couto, Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), José Roberto Torero, José Carlos Amaral Kfourir (Juca Kfourir) and Xico Sá in the sporting section of the newspaper *Folha de S. Paulo*, examining the traces of the intertextuality.

The research aims at contributing to the studies of texts, verifying how intertextual processes can determine the production of meaning. In order to achieve that, we have grounded the dissertation in the light of bakhtinian studies, Text Linguistic and Discourse Analysis.

Considering that a text is composed by others texts and at the same time is part in the other texts, the identification of the intertexture is important to produce the meaning in the chronicle reading.

The analysis was carried out so as to contemplate theoretical analytical procedures. In this sense, the cognitive principles attached to others stand out.

The results obtained have evidenced that the reader must activate his previous knowledge and identify the intertextuality to build the main idea in the opinion sections reading. All the procedure of this research proves that the development of the studies about intertextuality can no longer be conceived of pure texts or of unbiased authorship.

Key-words: intertextuality, press, sporting chronicle, newspaper *Folha de S. Paulo*, discourse analysis, text linguistic.

SUMÁRIO

Introdução	11
-------------------------	-----------

Capítulo I – Considerações metodológicas

1.1 Apresentação e constituição do <i>corpus</i>	16
1.2 O jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	16
1.3 Caderno de esporte	20
1.4 Cronistas	21
1.4.1 José Geraldo Couto	22
1.4.2 Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade).....	22
1.4.3 José Roberto Torero Fernandes Júnior	23
1.4.4 Juca Kfourir (José Carlos Amaral Kfourir)	24
1.4.5 Xico Sá	25

Capítulo II – A crônica

2.1 Origem da palavra e breve percurso histórico	27
2.2 A crônica esportiva	32

Capítulo III – Fundamentação teórica

3.1 Conhecimento prévio	37
3.2 Intertextualidade	40
3.2.1 Sentido amplo (<i>lato sensu</i>) e sentido restrito (<i>stricto sensu</i>)	46
3.2.2 Intertextualidade explícita	47
3.2.3 Intertextualidade implícita	49
3.2.4 Intertextualidade temática.....	52
3.2.5 Intertextualidade estilística.....	53

Capítulo IV – Análise do *corpus*

4.1 Análise das crônicas	55
4.1.1 Texto I – Os aflitos	57

4.1.2 Texto II – Meu vizinho é pior que Hitler	67
4.1.3 Texto III – Meu vizinho Torero	75
4.1.4 Texto IV – Apenas um jogo, mas como dói	84
4.1.5 Texto V – A emoção e a beleza do esporte	92
Considerações finais	100
Referências Bibliográficas	102
Anexos	106

INTRODUÇÃO

A Lingüística Textual tem se dedicado ao tema da intertextualidade de modo que há muitos estudos e pesquisas abordando esse assunto, dentre eles, os de M. A. K. Halliday, H. Weinrich, O. Ducrot e W. Dressler, além de T. A. Van Dijk. A intertextualidade está sempre presente na produção textual, sendo esse fenômeno percebido ou não pelo produtor durante o processo de produção de um texto, independentemente do gênero a que este pertence.

Um dos gêneros textuais que mais nos chama a atenção é a crônica em mídia impressa. Segundo Pereira (2004), no jornalismo, a crônica pode ser definida como um gênero de autonomia estética que abriga as várias manifestações da linguagem, cuja característica principal é reescrever os acontecimentos cotidianos de forma que os seus significados não sejam impostos ao leitor.

O tema desta pesquisa é a leitura de crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo*, tendo em vista que a imprensa desempenha papel essencial de veículo das diferentes ideologias que formam uma sociedade. Embora os grandes jornais tenham se pautado pela defesa da objetividade jornalística, é possível notar que, da escolha do assunto à redação, o jornalista toma decisões subjetivas, uma vez que é suscetível às tendências sociais, políticas e culturais de sua época. Podemos afirmar, assim, que não existem discursos neutros, pois a linguagem é uma forma de ação e, essencialmente argumentativa, constituindo-se como um elemento básico de qualquer discurso.

No processo de leitura, a exigência não é apenas a decodificação do material lingüístico compartilhado pelos interlocutores, mas a percepção da intertextualidade que depende, em grande medida, do conhecimento do leitor sobre a temática abordada e desta com o gênero textual que lhe serviu como veículo interativo, comunicativo e expressivo. A intertextualidade está ligada ao chamado “conhecimento de mundo”, comum ao produtor e ao receptor de textos, que pressupõe um universo cultural de identificação e reconhecimento de remissões a obras ou a textos que exigem, do interlocutor, a capacidade de interpretar a função de uma dada citação ou alusão em questão. A leitura de um jornal requer a atenção do leitor para que este não explore o texto somente em sua superfície, mas que desenvolva um olhar crítico-interpretativo para captar o sentido implícito do texto, bem como interpretações possíveis.

Para compreendermos melhor o fenômeno da produção de textos escritos, importa entendermos previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, como unidade lingüística comunicativa básica, uma vez que o que as pessoas têm para dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. Nesse sentido, de acordo com Beaugrande (1980:10), podemos definir texto como “evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais”. Trata-se, necessariamente, de um evento dialógico (Bakhtin, 2003), de interação entre sujeitos sociais – contemporâneos ou não, co-presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante.

No presente trabalho, partimos da concepção de texto como “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais dialogicamente, nele se constituem e são constituídos” (Koch & Elias, 2006: 7) e que operam escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e lexical por meio de ações lingüísticas e sociocognitivas. Assim, em todo texto há implícitos que são identificados pela mobilização do contexto sociocognitivo.

O contexto sociocultural em que se insere o texto também constitui elemento condicionante de seu sentido na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), o princípio de intertextualidade é aquele que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outros textos. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros, que funcionam como seu contexto. Essa afirmação é válida tanto para a fala coloquial, em que retornam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou o noticiário dos jornais, que requerem o conhecimento de outros textos já divulgados, os quais são tomados como ponto de partida ou são respondidos.

O estudo da intertextualidade, dada a sua importância para a construção de sentidos, justifica-se pela necessidade de se perceber a prática da leitura intertextual, o diálogo entre textos, a importância do contexto e a influência de leituras realizadas para a compreensão de leitura de textos em geral, e especificamente para o caso de nossa pesquisa, leitura de crônicas esportivas.

O processo de intertextualização não se limita ao simples reconhecimento de um texto em outro, mas permite considerar todos os sentidos que compõem esse contexto maior de produção textual e, focalizando a mídia impressa, chama-nos

atenção a intertextualidade nas crônicas esportivas, mais especificamente as que tratam de assuntos futebolísticos.

A análise se restringirá ao caderno de esporte, uma vez que nos textos das crônicas esportivas estão presentes estratégias argumentativas em que se utilizam recursos lingüísticos intertextuais.

O *corpus* da pesquisa é constituído por crônicas do caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo*, relativas ao tema futebolístico e delimitadas aos meses de janeiro a julho de 2007. Nessa perspectiva, a delimitação ao futebol explica-se pelo fato de esse esporte representar um dos paradigmas brasileiros e constituir-se como elemento de identidade da cultura nacional. O escritor Nelson Rodrigues (1993:179), decerto, tinha razão ao definir o Brasil como a “pátria em chuteiras”.

Quanto à organização deste trabalho, entendemos e acreditamos que o primeiro passo do pesquisador é a investigação seguida da observação do material selecionado que, no nosso caso, são as crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo*. O segundo passo é a busca de uma fundamentação teórica que possibilita a retomada do *corpus* para responder às questões reflexivas levantadas e efetivar o processo analítico.

Dessa forma, além da introdução, das considerações finais, das referências bibliográficas e dos anexos, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos um breve histórico do jornal *Folha de S. Paulo*, com ênfase na formação do conglomerado jornalístico. Delineamos em seguida o caderno de esporte e apresentamos os colunistas José Geraldo Couto, Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade), José Roberto Torero Fernandes Júnior, Juca Kfourì (José Carlos Amaral Kfourì) e Xico Sá.

O segundo capítulo apresenta, resumidamente, a conceituação do gênero crônica, bem como seu percurso histórico. Em seguida, abordamos especificamente a crônica esportiva, uma vez que se trata do gênero escolhido para nossa análise.

O terceiro capítulo é destinado à apresentação da base teórica que dá sustentação a esta pesquisa. Procedemos ao tratamento do fenômeno da intertextualidade sob a perspectiva de pontos de vista teóricos distintos, tanto da Análise do Discurso e da Lingüística Textual quanto da Teoria Literária, no interior da qual o conceito teve sua origem.

No quarto e último capítulo, apresentamos a análise das crônicas selecionadas para a pesquisa, abordando a intertextualidade e suas relações com a

produção de sentido. A temática do futebol nas crônicas de José Geraldo Couto, Xico Sá, Juca Kfourri, José Roberto Torero e Tostão dialoga com outros textos de outras áreas, evidenciando a interação verbal e a característica dialógica da linguagem.

Devido às relações intertextuais e à importância de se aprofundarem conhecimentos acerca do fenômeno da intertextualidade, julgamos relevante a realização desta pesquisa e questionamos: de que forma se manifesta esse fenômeno nas crônicas esportivas e qual a importância da sua identificação para a produção de sentidos?



CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

...o que nós procuramos nos clássicos e nas peladas é a poesia

Nelson Rodrigues

1.1 Apresentação e constituição do *corpus*

Tendo em vista os objetivos pretendidos por esta pesquisa, o *corpus* escolhido para a análise é constituído por cinco crônicas esportivas intituladas *Os aflitos*, *Meu vizinho é pior que Hitler*, *Meu vizinho Torero*, *Apenas um jogo, mas como dói* e *A emoção e a beleza do esporte*. A publicação das crônicas no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* compreende os meses de janeiro a julho de 2007. Nesse período, ocorrem alguns campeonatos futebolísticos e os autores selecionados discutem e dialogam por meio de suas crônicas diárias os fatos cotidianos desse esporte.

Dentre os motivos que nos levaram a esta escolha, o primeiro corresponde ao fato de a crônica esportiva ser considerada um gênero de significativo alcance popular, em que o autor não chega a ser um formador de opinião, mas cria polêmica, suscita debates e, ora é amado, ora odiado. O segundo motivo está relacionado ao discurso intertextual e ao grau de envolvimento que acontece entre o texto e o seu leitor, por meio de uma linguagem coloquial, simples e direta.

Durante os meses mencionados, acompanhamos as publicações de vários textos jornalísticos veiculados no jornal e as crônicas esportivas chamaram nossa atenção por conterem os elementos que procurávamos, ou seja, a intertextualidade e suas várias formas de constituição, além de relações intertextuais.

Para contextualizar o *corpus* em estudo, faremos um breve histórico sobre o jornal *Folha de S. Paulo*, considerando informações sobre o caderno de esporte, conceito sobre crônica, além de informações a respeito dos cronistas José Geraldo Couto, Xico Sá, Juca Kfoury, Tostão e José Roberto Torero.

O breve histórico que apresentaremos a seguir foi elaborado segundo informações constantes do Manual da Redação (2006) do jornal *Folha de S. Paulo* e do trabalho da socióloga Gisela Taschner (1992).

1.2 O jornal *Folha de S. Paulo*

O jornal *Folha de S. Paulo* foi fundado em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha. Conforme analisa Gisele Taschner, em sua obra *Folhas ao Vento*, os jornais, mais efetivamente no ano de 1891, em uma fase que compreende entre 1880 e 1930, passaram a se organizar de maneira empresarial num processo que está

ligado à modernização tecnológica e, portanto, à diferenciação funcional. As gráficas dos jornais foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais. “De outro lado, as inovações influíram sobre as características dos jornais, que evoluíram para um formato *standard* e puderam ampliar suas tiragens” (Taschner, 1992:31). Nessa época (1891), começa a se formar no país uma imprensa de massa.

Também nessa década começou a formação da maior cadeia de jornais que o Brasil já teve: a dos *Diários Associados*. Além do grande número de títulos de jornais, espalhados por todo o Brasil, este império incluiu revistas, estações de rádio e canais de televisão. Alguns dos seus componentes foram fundados nos anos 20, como *Diário da Noite*, em 1925, e o *Diário de S. Paulo*, em 1929, embora nem todos pertencessem à cadeia desde a sua origem, como é o caso da revista *A Cigarra*, criada em 1914, e da *O Cruzeiro*, de 1928 e que chegou a ter circulação nacional. Registre-se, finalmente, a fundação do jornal *O Globo*, em 1925, por Irineu Marinho, início do que, muitos anos depois, seria o maior complexo de meios de comunicação de massa do país.

Nesse contexto histórico, começa a funcionar também o jornal *Folha da Noite*, que é o primeiro veículo de comunicação impresso da empresa *Folha da Manhã*, dona de vários jornais, dentre eles a *Folha de S. Paulo*.

Em 1931, Octaviano Alves de Lima, Diógenes de Lemos e Guilherme de Almeida compraram os títulos e alteraram a razão social da empresa que os editava para *Empresa Folha da Manhã Ltda.* A partir dessa mudança, a linha editorial dos diários passou a ser marcada pela defesa dos interesses dos produtores rurais paulistas.

O jornalista José Nabantino Ramos assumiu o controle acionário da empresa em 1945 e mudou sua razão social para a que mantém atualmente, qual seja, *Empresa Folha da Manhã S.A.* Além disso, fundou a *Folha da Tarde* em 1949 e, em 1960, uniu os três títulos em um, *Folha de S. Paulo*. A linha editorial do jornal, que havia sido mantida até 1945, sofreu mais uma mudança e passou a identificar os interesses das classes médias urbanas do estado.

O esforço de Nabantino é revelador especialmente do embrião de uma estratégia que seria mais tarde radicalizada: a de eleger vários “targets”, consumidores-alvo, e dispor de diversos produtos que atendam às expectativas de cada “alvo”. No dizer de Taschner:

De qualquer maneira, Nabantino expressa, nessa frustrada tentativa de diversificar a linha de produtos, um ensaio de modernização e um momento de transição na história das Folhas. A administração seguinte prosseguiria esse caminho, só que em outro contexto e com outros meios. (Taschner, 1992: 84)

No contexto desse trabalho, Nabantino Ramos sobressai como figura responsável por um grande número de alterações editoriais no jornal, sempre tendo em mente a instituição de “alvos” (ou leitores-modelo) distintos. Entre os exemplos de inovações dessa época, citamos o significativo aumento do número de páginas do produto (100% maior que na década anterior); a diversificação dos conteúdos e a divisão destes em cadernos temáticos; a diagramação prévia das páginas, com aproveitamento mais racional do espaço editorial; o fim do texto truncado, cortado “pelo pé”, e o surgimento do copidesque, que editava as histórias de forma mais lógica; os primórdios do uso da Primeira Página como vitrine promocional do jornal (o espaço era até então usado exclusivamente para abrigar reportagens inteiras), entre outros. No plano organizacional, Nabantino disciplinou as atribuições dos chefes das editorias e procurou regradar a maneira de escrever de cada repórter, deixar uma “tábua de leis” com o que devia ou não ser publicado (embrião dos atuais Manuais da Redação) e no passado instituiu prêmios de produtividade não pela qualidade dos textos, mas pela centimetragem que cada jornalista era capaz de produzir no acumulado do mês.

A empresa passou por sérias dificuldades econômicas; em 1962, os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram o controle acionário da empresa. A partir de então, o desafio dos empresários era reestruturá-la financeira e administrativamente. Durante cinco anos, esse foi o principal objetivo.

A partir de 1974, com a infra-estrutura da empresa recuperada, a Redação passou a ser modificada. O jornal percebeu a abertura política do regime militar e investiu nela durante os dez anos seguintes. Chaparro (1994:89) esclarece como teria surgido a idéia do Projeto Folha, após um encontro de Cláudio Abramo com Octávio Frias:

Abramo e Frias chegaram à conclusão de que somente num regime democrático a *Folha de S. Paulo* poderia crescer e tornar-se um jornal forte. E aí se tomou a decisão de implantar mudanças de linha editorial que colocassem a Folha na vanguarda da luta pela redemocratização do país.

Na campanha das *Diretas-Já*, em 1984, a *Folha de S. Paulo* conquista enorme prestígio entre vários segmentos da sociedade ao levantar a bandeira da redemocratização. Dois anos depois, o jornal tornou-se um dos diários de maior circulação no país, condição que mantém até os dias de hoje:

De qualquer forma, a experiência das “Diretas-Já!” provou que um jornal não é só um produto a ser gerenciado com mais ou menos competência, quando conquista a confiança e atrai as expectativas do público, torna-se uma entidade social e cultural, carregada de emoções, alimentando processos complexos de comunicação com informações, análises e opiniões que podem contribuir para mudar os rumos de povos e nações. (Chaparro, op. cit.: 92)

Se o jornal é considerado hoje como o mais vendido do país, em situação confortável ante seus concorrentes diretos, tal condição deve ser atribuída às contundentes práticas empresariais de Frias e Caldeira (este já fora do controle da empresa), que souberam aproveitar as características de um conglomerado para obterem ganhos de escala na distribuição e produção do material (um mesmo jornalista poderia escrever para até três produtos distintos); na elaboração de uma estrutura de marketing; na criação de um instituto próprio de pesquisa, o Datafolha, em 1980 (que, como quase todos os setores da empresa, fatura com serviços internos e externos); na obtenção de empréstimos para a construção de um parque gráfico-tecnológico de proporções inimagináveis para os antigos proprietários dos jornais que se integraram ao Grupo *Folha*.

Dando continuidade ao perpétuo ciclo de fusões e aquisições – que parecem práticas já introjetadas na mentalidade da empresa gerida a partir da “era Frias” – o grupo vendeu ou encerrou vários de seus títulos, sendo atualmente configurado por dois jornais gerais (*Folha de S. Paulo* e *Agora*), que enfocam públicos bem distintos; 50% de um título especializado (*Valor Econômico*); um site e um portal de internet (*Folha Online* e *UOL*); duas gráficas (*Centro Tecnológico* e *Gráfico Folha e Plural*); uma empresa de distribuição (*TransFolha*); uma agência de notícias (*Folhapress*); e uma editora (*Publifolha*).

1.3 Caderno de esporte

O jornal *Folha de S. Paulo*¹ está organizado em cadernos temáticos diários e suplementos que possuem periodicidade semanal: “Folha Brasil”, “Folha Ciência”, “Folha Cotidiano”, “Folha Dinheiro”, “Folha Esporte”, “Folha Ilustrada”, “Folha Mundo”, “Folha Informática”, “Folha Equilíbrio”, “Folha Turismo”, “Folhinha”, “Folhateen”, “Mais!”, “Revista da Folha”, “Folha Construção”, “Empregos”, “Folha Negócios”, “Folha Imóveis”, “Guia da Folha” e “Moda”.

Dentre esses cadernos, os que possuem circulação diária, ou seja, de segunda-feira a domingo, são “Folha Brasil”, dedicado à vida política, institucional e aos movimentos sociais; “Folha Ciência”, notícias sobre as últimas descobertas e pesquisas mais recentes e importantes no Brasil e no mundo; “Folha Cotidiano”, que oferece ao leitor informações nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor, além de trazer diariamente notícias relativas às principais capitais do país; “Folha Dinheiro”, que tem como alvo principal a conjuntura econômica brasileira e internacional, e o mundo dos negócios; “Folha Ilustrada”, dedicada à cultura e ao entretenimento; “Folha Mundo”, publica diariamente as principais notícias internacionais e a “Folha Esporte”, que trata o esporte como espetáculo e fenômeno empresarial. É, atualmente, segundo o próprio jornal, um dos cadernos mais lidos da *Folha*. Os demais circulam em dias diferentes e possuem periodicidade semanal.

As competições esportivas acontecem quase que diariamente e o leitor procura o jornal de sua preferência com o intuito de obter maiores informações sobre a contratação dos jogadores, dos técnicos, as tabelas de jogos, os times escalados, entre outros assuntos.

Todos os jornais, escritos ou televisionados, dispensam parte ou a totalidade de suas páginas ou programação para a cobertura de eventos esportivos. Talvez seja esse um dos motivos que levaram Coelho (2003) a afirmar que nenhuma matéria está tão escancarada diante do jornalista quanto as matérias sobre evento esportivo. Equipes esportivas proliferam pelo país e é preciso dar-lhes destaques, pois um dos assuntos que o leitor mais procura é a informação sobre esporte.

¹ (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca> - acesso em 16.10.2008)

Cada jornal busca sua marca própria, individual e, assim, conseguir a preferência diante dos concorrentes. Coelho (2003) considera que, quanto mais alto for o grau de reflexão que a matéria oferecer, e quanto maior for sua capacidade de atrair tanto o leitor que já tem conhecimento das notícias do esporte como o que ainda não as tem, mais elevado será o nível de elaboração dos jornais esportivos. Para realizar esse tipo de noticiário, maior também deverá ser a capacidade de investimento das empresas da imprensa esportiva.

Segundo Coelho (2003), o jornal *Folha de S. Paulo* nunca foi muito afeito às matérias de esporte. Até pela falta de cultura esportiva de seu diretor, Octávio Frias Filho, o jornal sempre preferiu voltar-se para a boa cobertura política, nas colunas e em um caderno de prestígio como a *Ilustrada*. O esporte vinha em segundo plano, pois a *Folha de S. Paulo* não tinha penetração, não era respeitada como um dos principais cadernos de esporte do país. Mas, a partir de 1983, tornou-se contradição. Se a *Folha de S. Paulo* se tornava dia após dia o jornal mais importante do país, por que não conseguia consolidar um bom caderno de esporte?

Para Coelho (2003), a resposta estava lá mesmo, nas entranhas do edifício-sede da empresa, no centro de São Paulo. Segundo ele, a *Folha de S. Paulo* firmou-se em definitivo no jornalismo esportivo quando passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontece dentro dos campos e das quadras. No entanto, de acordo com o autor, isso não significa que o caderno de esporte tenha se tornado desejado por quem gosta de esportes. Para ele, a *Folha de S. Paulo* continua sendo tratada como o jornal que despreza a paixão e vive muito mais da razão.

1.4 Cronistas

Notamos, pela escolha dos cronistas, uma clara intenção de o jornal colocar, na sua coluna de esportes, profissionais com diferentes perfis, com experiências diversas, embora todos claramente apaixonados pelo futebol.

De escritores, roteiristas a comentaristas esportivos atuantes nos mais diversos canais de comunicação, suas crônicas futebolísticas dão uma dimensão mais rica aos fatos esportivos, com textos repletos de recursos intertextuais.

A seguir apresentaremos breve biografia dos cronistas selecionados para a análise que será realizada.

1.4.1 José Geraldo Couto²

José Geraldo Couto nasceu em Jaú, São Paulo, em 1957. Formou-se em História e Jornalismo pela Universidade de São Paulo - USP. Apesar de não exercer uma militância tão assídua como historiador, organizou o livro intitulado “Quatro autores em busca do Brasil” para a editora Rocco, em que entrevistou um antropólogo (Roberto DaMatta), um filósofo (Renato Janine Ribeiro), um psicanalista (Jurandir Freire Costa) e um historiador (José Murilo de Carvalho), para que cada um falasse sobre os 500 anos de História a partir da perspectiva de sua disciplina.

No jornal *Folha de S. Paulo* desde 1984, foi redator e editor-assistente do *Cotidiano*, redator da Primeira Página, redator e repórter do *Mais!* e da *Ilustrada*. Cobriu a Copa do Mundo da França (1998), Olimpíadas de Sydney (2000) e diversos festivais de cinema e feiras internacionais de livro. É autor de *André Breton - A Transparência do Sonho* (Brasiliense) e *Brasil: Anos 60* (Ática). É articulista e crítico de Cinema e Literatura da *Folha de S. Paulo*, além de tradutor da editora Companhia das Letras e Cosac & Naify. Escreve na coluna do caderno de esporte da *Folha* aos sábados.

1.4.2 Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade)³

Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como Tostão, nasceu em Belo Horizonte, em 1947. É considerado um dos grandes jogadores de futebol brasileiro e mundial. Mesmo atuando no meio de campo, com a responsabilidade de armar as jogadas para os atacantes, Tostão é o maior artilheiro da história do Cruzeiro, com 248 gols.

O Mineirinho de Ouro, como foi apelidado, integrou o mitológico ataque da seleção que conquistou o tricampeonato mundial em 1970, transferiu-se do Cruzeiro para o Vasco em abril de 1972, na maior transação envolvendo clubes brasileiros até aquela época. Como jogador do Vasco, naquele mesmo ano, consagrou-se campeão da Minicopa pelo Brasil. A contratação de Tostão foi o símbolo do início de uma nova fase no Vasco, que passava por uma crise, e empolgou a torcida. Infelizmente, os vascaínos não puderam contar por muito tempo com seu futebol

² http://www.folhapress.com.br/web/galeria/colunista.php?cd_galr=137 (Acesso em: 16/10/07)

³ Wikipédia, a enciclopédia livre. (acesso do dia 16/10/07)

brilhante e inteligente. Depois de um ano, Tostão voltou a sentir os problemas na vista, consequência de um descolamento na retina que sofrera em 1969 ao levar uma bolada do zagueiro Ditão, do Corinthians. Depois de passar vários meses fora do time, acabou abandonando o futebol no início de 1974.

Afastado do esporte, estudou medicina na UFMG, tornou-se professor universitário e trabalhou em hospitais e, no fim dos anos 1990, foi convidado pelo jornalista Luciano do Valle para comentar jogos de futebol na televisão. Os argumentos equilibrados e inteligentes logo fizeram de Tostão um dos principais nomes da crônica esportiva brasileira. Atualmente, é cronista esportivo escrevendo para diversos jornais no Brasil.

1.4.3 José Roberto Torero Fernandes Júnior⁴

José Roberto Torero Fernandes Júnior, conhecido como Torero, nasceu em Santos em 1963. Formou-se em Letras e Jornalismo pela Universidade de São Paulo – USP. Iniciou, sem terminar, cursos de pós-graduação em Cinema e Roteiro. Sua carreira de cronista começou no *Jornal da Tarde* de São Paulo, e, posteriormente passou a escrever textos sobre futebol para a revista *Placar* e para o jornal *Folha de S. Paulo*, com a qual colabora desde 1998. É autor do best-seller *O Chalaça* (prêmio Jabuti 1995), *Terra Papagalli*, *Uma história de futebol* (livro infantil com mais de dois milhões de exemplares vendidos), *Dicionário Santista*, entre outros. Como cineasta, dirigiu e escreveu curtas-metragens, dentre os quais se destaca o premiado *Amor!*, e trabalhou como roteirista nos longas *A Felicidade É*, *Pequeno Dicionário Amoroso* e *Uma história de futebol*, que concorreu ao Oscar de curta-metragem estrangeiro em 2001, além de *Pelé Eterno*, longa-metragem sobre Pelé. Na televisão, escreveu roteiros para os episódios de *Retrato Falado*, pequenos quadros do programa *Fantástico* da TV Globo. É sócio proprietário da Realejo Livros, em Santos (SP). Escreve na coluna do caderno de esporte da *Folha* às quintas-feiras.

⁴ http://www.folhapress.com.br/web/galeria/colunista.php?cd_galr=137 (Acesso em: 16/10/07)

1.4.4 Juca Kfourì (José Carlos Amaral Kfourì)⁵

José Carlos Amaral Kfourì, conhecido como Juca Kfourì, é um importante membro do jornalismo esportivo do Brasil. Cursava Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), quando foi convidado para trabalhar no Departamento de Documentação (DEDOC) da Editora Abril, em 1970. Trabalhou no DEDOC até 1974, tendo chegado a chefe do departamento e, em seguida, com a mesma função, assumiu a *Placar*. Ficou no cargo até 1979, quando foi convidado por Jairo Régis e Milton Coelho da Graça, que estavam saindo da revista e da Abril, para ser o diretor de redação de *Placar*, cargo que ocuparia desde então enquanto trabalhou na Abril.

Na televisão, Juca começou com uma rápida passagem como diretor de esportes da TV Tupi, em 1978. Depois, foi comentarista do SBT (1984 a 1987) e da TV Globo (1988 a 1994). Participou do programa *Cartão Verde*, da Rede Cultura. Ficou no programa entre 1995 e 2000, ano em que foi contratado pela Rede TV para apresentar o programa *Bola na Rede*. Esteve na emissora entre 2000 e 2003, quando deixou a emissora. Voltou ao *Cartão Verde*, onde ficou de 2003 a 2005, ano em que foi contratado pela ESPN Brasil para participar do programa *Linha de Passe*, onde está hoje, além de ter iniciado, em fevereiro de 2007, na ESPN Internacional, um programa de entrevistas, *Juca Entrevista*. Apresentou, ainda, o programa de entrevistas *Juca Kfourì*, na rede CNT, entre 1996 e 1999.

Em jornais, foi colunista de futebol de *O Globo* entre 1989 e 1991. Mais notadamente, foi colunista do jornal *Folha de S. Paulo* entre 1995 e 1999, logo depois foi para o diário *Lance!*, onde ficou até voltar, em 2005, para a *Folha*. No mesmo ano, também foi contratado pelo UOL, onde mantém um blog.

No rádio, trabalhou como comentarista esportivo em noticiários da Rádio América e teve um programa na Americansat. Em 2000, tornou-se apresentador do programa *CBN Esporte Clube*, onde está até os dias atuais. Obras: *A Emoção Corinthians* (1982); *Corinthians, Paixão e Glória* (1996, com relançamento em 2002); *Meninos Eu Vi...* (2003); *O Passe e o Gol* (2005). Escreve na coluna do caderno de esporte da *Folha* duas vezes por semana.

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Juca_Kfourì (Acesso em: 16/10/07)

1.4.5 Xico Sá⁶

Xico Sá nasceu em Cariri em 1963. Iniciou a trajetória em Recife e atua em São Paulo há quinze anos. Jornalista por profissão, coleciona vários prêmios de reportagem, entre eles o Prêmio Esso de Jornalismo e o Prêmio *Folha*. É escritor, cronista, roteirista, letrista e colunista da *Folha de S. Paulo*, jornal no qual foi repórter especial durante oito anos. Já escreveu também para a Revista da *Folha* e, atualmente, escreve para as revistas *Trip* e *Tpm*, entre outras. É autor de um estilo cáustico e bem-humorado, que pode ser observado nas crônicas de seu blog, *O carapuceiro*. Roteirista do filme *O Deserto Feliz* (2007), de Paulo Caldas. É colaborador da banda Mundo Livre S/A, autor de *Modos de Macho & Modinhas de Fêmea* (Record), *Divina Comédia da Fama* (Objetiva) e faz parte de antologias como *Boa Companhia – crônicas* (Companhia das Letras), entre outros. Escreve na coluna do caderno de esporte da *Folha* às sextas-feiras.

⁶http://www.folhapress.com.br/web/galeria/colunista.php?cd_galr=137 (Acesso em: 16/10/07)

A sepia-toned photograph of three soccer players running on a grassy field. The player on the left is wearing a white jersey with the number 12 and dark shorts. The player in the middle is wearing a white jersey with the number 11 and dark shorts. The player on the right is wearing a white jersey with a crest and dark shorts. They are all running towards the right side of the frame. The text is overlaid on the right side of the image.

CAPÍTULO II

A CRÔNICA

*A crônica é a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro,
que não tem estrutura para se infiltrar como notícia,
reportagem, editorial, comentário ou
anúncio publicitário no jornal. E, contudo,
é um pouco de tudo isso.*

Lourenço Diaféria

2.1. Origem da palavra e breve percurso histórico

Desde o século XIX, esse gênero literário de nossa imprensa se perpetua na mídia impressa nacional. Para haver melhor entendimento do gênero, faz-se necessário refletir sobre a origem da palavra *crônica*.

Etimologicamente, a palavra *crônica* guarda relações intrínsecas com a noção de tempo na cultura ocidental, como define Massaud Moisés:

Do grego Cronikós, relativo a tempo (chrónos) pelo latim chronica, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. (1978: 245)

A conceituação de *crônica* demonstra que, na estruturação do gênero, o mais importante era a organização cronológica dos fatos e todo o esforço de enunciação desses fatos só teria legitimidade se estivesse ordenado sob a cronologia dos eventos sociais, logo, não havia interpretação dos fatos, mas apenas exposição feita em função de uma ordem cronológica. Quaisquer discursos que relatassem os efeitos de algum grupo social poderiam ser entendidos como *crônica*, desde que fossem anunciados em um tempo linear, cronologicamente. Para Arrigucci Jr. a noção da *crônica* é multiforme:

São vários os significados da palavra *crônica*. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego chrónos. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida. Mas a *crônica* sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. (1987: 51)

Originária do folhetim francês, a palavra *crônica* é usada para nomear uma modalidade de narrativa breve, periódica, com episódios que tenham merecido atenção por parte do público e da crítica. É considerada um texto de manifestação que navega entre o literário e não-literário. Faz-se de fatos e comentários do autor sobre a realidade próxima ou distante, mas sempre a partir de uma ótica atualizada. Trata-se de uma escritura que encontrou nos veículos de comunicação de massa, notadamente, nos jornais e revistas, seu principal e dominante instrumento de divulgação, embora em segundo plano, freqüente também os espaços do livro.

Um de nossos cronistas pioneiros foi Machado de Assis (1839 – 1908). Na crônica *O folhetinista*, ele discorre sobre a origem desse estilo que ainda não havia se instalado efetivamente nos jornais brasileiros:

Uma das plantas européias que dificilmente se têm aclimatado entre nós, é o folhetinista. Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade... O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo de espírito moderno; falo do jornal. ... O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. ... Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas perigosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. (2003: 39 e 40)

O crítico Antônio Cândido faz uma análise dessa variante literária nacional:

... ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção ‘Ao correr da pena’, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (1980: 6 e 7)

Cândido também discorre sobre a consolidação da crônica no Brasil:

Acho que foi decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (1980: 8 e 9)

Percebe-se, então, um gênero de natureza híbrida, que pode ser, ao mesmo tempo, jornalismo e literatura – uma vez que o seu meio de difusão é o jornal, e o seu tom é literário, seja a sua abordagem ficção ou realidade.

Sobre o hibridismo de gênero, explica Campos:

O 'hibridismo dos gêneros', no contexto da revolução industrial que se inicia na Inglaterra na segunda metade do século 18, mas que atinge o seu auge, com o nascimento da grande indústria, na segunda metade do século 19, passa a se confundir também com o hibridismo dos *media*, e a se alimentar dele. A emergência da grande imprensa desempenha um papel fundamental nos rumos da literatura. A linguagem descontínua e alternativa, característica da conversação, vai encontrar na simultaneidade e no fragmentarismo do jornal seu desaguadouro natural. (1979: 285)

No contexto em que a grande imprensa absorve e dá espaço à oralidade, vemos surgir na América Latina esse gênero híbrido, que escapa a definições precisas e recupera a agilidade do jornal.

Essa condição permeável da crônica revela uma realidade literária híbrida evidente, ou seja, a negação das fronteiras explícitas entre os gêneros, nas palavras de Monegal:

... os gêneros não desapareceram totalmente mas suas fronteiras continuam modificando-se, apagando-se até o indiscernível, produzindo obras que não correspondem a uma só categoria. (1972: 142)

A dificuldade em defini-la está no fato de que ela pode ser comentário político ou esportivo, crítica, ficção, e sua flexibilidade está diretamente relacionada à liberdade de criação desfrutada pelo cronista, o que de pronto o separa dos outros profissionais da redação.

A crônica está presente em meio às reportagens do dia-a-dia, pelo formato característico de artigo assinado e pelo tamanho demarcado cotidianamente na mesma página. Ou seja, o leitor é informado de que aquele espaço específico é um espaço de autor, que tanto pode escrever sobre o universo real quanto ficcional. Assim, é estabelecido de antemão um pacto estético com o leitor, como afirma Medel:

.... a retórica do discurso jornalístico (posto que todo dizer requer sua retórica, implícita ou explícita, formal ou informal) é, em muitos casos, essencialmente coincidente com a do discurso literário. Com efeito, se a *ficção* própria da literatura a exime das provas comprobatórias e se baseia mais em um pacto estético do que em um pacto ético de credibilidade (como acontece com o discurso jornalístico), podemos estar diante de ficções *fantásticas* (nas que o conteúdo funciona de modo muito distinto ao mundo em que habitualmente nos encontramos inseridos) ou diante de ficções *realistas* (nas que a retórica do discurso funciona, seguindo os velhos postulados da verossimilhança aristotélica como se se tratasse de um discurso factual. (2002: 24)

Para entender como se dá a convivência do texto literário com o texto jornalístico dentro do jornal, ou melhor, do imaginário com a realidade, é preciso entender os caminhos da literatura, em especial da brasileira, e dos meios de comunicação de massa, dos quais o jornal é parte integrante. Isso sem desconsiderarmos o fato de que muitos escritores latino-americanos – Gabriel García Marquez, Euclides da Cunha, Machado de Assis, José Martí, entre outros –, em algum momento de suas vidas, exerceram o ofício de jornalista, como lembra Saer:

É difícil separar a mescla um pouco confusa de expressão e de informação que constitui a essência dos *media*, e isto fica claro quando se considera a questão do jornalismo. São muito poucos os autores da América Latina que nada tiveram a ver, de um modo ou de outro, com o jornalismo em algum momento de sua carreira. Estas relações nem sempre se limitaram a conceber o jornalismo como um trabalho adicional capaz de subministrar a segurança econômica indispensável para poder dedicar-se à literatura. ... No livro primeiro de Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia* (1925 – 1930), o 'Poema de Jornal'⁷, não só nos ensina a influência do jornalismo sobre a literatura, mas também permite comprovar que um poema pode ser ao mesmo tempo uma síntese de reflexão sobre o jornalismo e sobre a poesia. (1972: 312)

A crônica pode ser uma narração histórica ou registro de fatos comuns; texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana. Também pode ser um pequeno conto de enredo indeterminado, que encontra no jornal o seu principal meio de difusão. O fato é que, não há conto sem história, enquanto a crônica pode dispensar uma história – e o acontecimento jornalístico – e se deter justamente nas impressões, opiniões, enfim, nas idiossincrasias do cronista, que, como um narrador, arma uma relação de desabafo – o monólogo interior de que falam Sodré e Ferrari (1986) – com o seu leitor-ouvinte-confidente.

Nessa condição, o cronista se assemelha à figura do narrador descrita por Benjamin.

⁷ Poema que faz parte da obra *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade (1930:19)
 O fato ainda não acabou de acontecer
 E já a mão nervosa do repórter
 O transforma em notícia.
 O marido está matando a mulher.
 A mulher ensangüentada grita.
 Ladrões arrombam o cofre.
 A polícia dissolve o meeting
 A pena escreve.
 Vem da sala dos linotipos a doce música mecânica.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. No narrador, o cronista conservou-se, transformado e por assim dizer secularizado. (1986: 201 e 209)

“Não há cronista fora de jornal”, afirmou o escritor Carlos Heitor Cony (2006), notório cronista em atividade no país. Segundo ele, trata-se de um gênero da imprensa brasileira, que apesar de ser centrado na primeira pessoa do singular, o que poderia denotar certo tom romântico, não floresceu como gênero romântico, mas sim como gênero da imprensa.

Segundo Melo:

... se não existem, no jornalismo inglês, alemão ou norte-americano, ‘correspondentes precisos’ à chamada ‘crônica latina’, verifica-se o cultivo de formas de expressão jornalística que lhe são assemelhadas. É o caso dos gêneros jornalísticos que os ingleses rotulam como *action stories* e daqueles que os norte-americanos chamam de *features* ou até mesmo de *glosa* alemã. (2003: 141- 142)

A partir do século XX, período em que a crônica passa por transformações que a fazem se firmar como uma produção literária, o Brasil desponta como “(re) criador” desse gênero singular, pois a crônica passa a apresentar características particulares:

É uma narrativa condensada; possui tons distintos; é um texto desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade; constitui-se meio-termo entre jornalismo e literatura; seu texto pode ser objetivo ou subjetivo; o foco narrativo geralmente está na 1ª pessoa do singular; há um diálogo entre o cronista e o leitor; possui marcas da oralidade; apresenta uma linguagem descontraída e; pode apresentar valor de documento histórico. (Sá, 2007: 34)

A Semana de Arte Moderna (1922), marco importante da história intelectual do país, imprime à crônica um aspecto condizente com as necessidades do momento e reforça nela o caráter de linguagem nacionalista: voltada à expressão mais autêntica da realidade brasileira.

Após 1930, grandes autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Luís Martins, Raquel de Queirós, Cecília Meireles e, mais contemporaneamente, Fernando Sabido, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Lourenço Diaféria e Flávio Rangel escreveram crônicas, incorporando a fala coloquial brasileira, que se ajusta à observação dos fatos da vida cotidiana, como bem fez Rubem Braga.

O sentimento nacionalista ativa as idéias de manifestação em uma linguagem mais espontânea, própria do temperamento brasileiro. Portanto, como elemento da modernidade, a crônica – por sua apuração no traço da linguagem, pela linguagem acessível, pela penetração psicológica e social ou pelo humor – adquire densidade de texto literário, reconhecendo, então, a realidade e os conflitos do homem moderno: capitalista, dividido entre os anseios e as limitações das grandes cidades.

Aproximando a crônica ao cotidiano desse novo homem, Arrigucci Jr. dá-nos uma concepção moderna do gênero:

A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor de bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia. (1987:38)

Das várias crônicas escritas nas diferentes épocas, emergem algumas tendências do gênero. Levando em consideração as diversas possibilidades de elaboração, Coutinho apresenta uma proposta de classificação das crônicas por categorias:

- a) crônica narrativa: cujo eixo é uma história ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu, perdendo as tradicionais características de começo, meio e fim.
- b) crônica metafísica: constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens.
- c) crônica poema-em-prosa: de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.
- d) crônica comentário dos acontecimentos: tem, no dizer de Eugênio Gomes, aspecto de um bazar asiático, acumulando muita coisa diferente ou díspar.
- e) crônica-informação: mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal. (1971: 45)

Partindo dessas classificações, registramos que, em nossas análises, utilizaremos o conceito de “crônica-informação”, uma vez que toda a produção dos colunistas selecionados para esta pesquisa divulga fatos e comentam sobre o tema futebolístico.

2.2 A crônica esportiva

Desde o início do século XX, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto,

Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicavam à temática futebolística.

Entretanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol que, ainda disputava a preferência do público com outras modalidades como o turfe, o remo e o ciclismo. Não havia também cronistas especializados no assunto. Eles abordavam em seus textos temas gerais, associados ao cotidiano, ou seja, tratava-se ainda do jornalismo social. Contudo, podemos afirmar que, entre os gêneros literários a crônica é o que tem uma proximidade mais remota em relação ao futebol.

Foi com a atuação de Mário Filho e seu círculo de influências, centrado no *Jornal dos Sports*⁸, que surgiu a crônica esportiva propriamente dita:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem na imprensa esportiva. (Melo, 2003: 17)

Dentro do gênero crônica, a esportiva passou a ser, provavelmente, o subgênero mais popular e o que mantém a mais estreita relação com o seu público, logo, é estabelecida uma relação em que o autor é influenciado pelo seu público leitor, mas também é um forte formador de opinião. Essa relação pode ser considerada um indício do compromisso do cronista com um contexto histórico próximo do real.

As crônicas sobre o futebol ou as crônicas esportivas exercem o mesmo sentido simbólico da crônica social, ou seja, proximidade com o objeto e com o cotidiano.

Proença (1981: 28) afirma:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de *atuante*, do fazer artístico [...]; chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de

⁸ Periódico especializado em esportes, mas com ênfase no futebol.

“com os pés no chão”), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor.

No decorrer do século XX, a crônica acabou sendo especializada. Nesse período, surgem, então, a crônica esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras mais específicas. Com isso, percebe-se uma sensível oscilação de conteúdo e estilística entre as diversas classificações. Não se trata de um rompimento dentro da crônica brasileira, mas de sutis diferenças.

A crônica esportiva que só se consolidou a partir da década de 1940, sofreu um tipo de cisão entre os chamados *racionalistas*, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade, e os *apaixonados*, mais preocupados com os aspectos subjetivos ligados à dinâmica do esporte, em detrimento à estatística e dados mais precisos. No entanto, muitos cronistas não se enquadravam nesse modelo e a abordagem de seus textos encontrava outras formas justamente para fugir do convencional, buscando a adesão do público leitor que ganhava um repertório cada vez maior de crônicas e escritores nos periódicos brasileiros e, conseqüentemente, esses leitores tornavam-se mais críticos e seletivos.

O irmão mais novo de Mário Filho, o dramaturgo Nelson Rodrigues, mantinha uma autonomia literária. No entanto, foi um dos primeiros intelectuais a sentir e trabalhar em suas crônicas a dicotomia entre racionalidade/paixão manifesta na prática do futebol.

Por meio de suas crônicas, mescla de ficção e realidade cotidiana, Nelson Rodrigues tornou-se uma referência para o entendimento de mudanças ocorridas na sociedade brasileira, como a busca intensa da formação de uma identidade nacional, em que o brasileiro deixa de ser visto como um fracassado, passando a ter a imagem positiva e celebrada. Nelson costumava também, com suas crônicas, dialogar com seus pares. Ora elogiando veladamente um posicionamento, a seu ver, acertado, ora criticando de forma ácida algum desafeto. Foram vários seus interlocutores: seu irmão Mário Filho, José Lins do Rego, Sérgio Porto e, principalmente, um novo jornalista que estava em ascensão, Armando Nogueira.

Com a profissionalização da crônica esportiva, nos anos 80/90, Nogueira tornou-se uma referência, pois foi um dos primeiros escritores a serem reconhecido no meio literário mesmo redigindo textos exclusivamente sobre esportes.

Outros escritores consagrados como Oswald de Andrade, Mário Prata, Ruy Castro, Mário de Andrade, Stanislaw Ponte Preta, Vinícius de Moraes, Carlos

Drummond de Andrade, Luiz Fernando Verissimo, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, escreveram sobre o assunto e Nogueira não foi o único cronista especializado de destaque. Outros ganharam notoriedade, como João Saldanha, Sérgio Porto, João Máximo, Juca Kfourir, Tostão, José Roberto Torero, Xico Sá e José Geraldo Couto, os cinco últimos, cronistas selecionados para o *corpus* desta pesquisa.



CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Redescobri assim aquilo que os escritores sempre souberam (e tantas vezes disseram):
os livros falam de livros e toda história conta uma história já contada.*

Umberto Eco
Pós-escrito a *O nome da rosa*

Neste capítulo, apresentamos bases teóricas que norteiam esta pesquisa. Em um primeiro momento, trazemos à tona algumas considerações sobre como os conhecimentos prévios (lingüístico, enciclopédico e interacional) exercem influência para a compreensão textual e para a produção de sentido. Na sequência, além da definição do termo intertextualidade, enfocamos também suas várias classificações como temática, estilística, explícita e implícita, bem como o sentido amplo e restrito que ela pode assumir.

3.1 Conhecimento prévio

O conhecimento prévio desempenha um papel importante e decisivo na compreensão de um texto e no estabelecimento da coerência. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Não é possível uma análise em contexto fechado, uma vez que há sempre a palavra de um outro, ou seja, o diálogo que perpassa todo o discurso.

Segundo Bakhtin (2003: 88):

Apenas o Adão mítico, que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.

Na realidade, sempre que lemos um texto, entendemos algo e relações e associações são estabelecidas pelo sujeito-leitor para engendrar ao texto sentidos de todos os tipos. Compreender não é uma ação apenas lingüística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (Marcuschi, 2008).

Para Kato (1990: 61):

O conhecimento prévio que permite fazer predições, pode advir do próprio texto ou de informações extratextuais que provêm dos esquemas mentais do leitor. O foco não é mais a sentença, mas o texto. A leitura deixa de ser vista como resultado de uma decodificação de sinais gráficos e passa a ser vista como um ato de construção, “os dados lingüísticos são apenas um fator que contribui para o significado construído” o que é relevado é como se dá a compreensão, como esta se processa. Numa perspectiva pragmática, considera-se como a imagem do autor é projetada pelo leitor através de sua interação com o texto.

Os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande ao compreendermos um texto. Koch (2006) afirma que para o processamento textual

recorrem três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional.

O conhecimento lingüístico desempenha um papel central na compreensão textual porque abrange o conhecimento lexical e gramatical. É responsável pelas escolhas ou interpretação do material lingüístico presente na superfície textual. É necessário, também, considerar o nível do conhecimento lingüístico do leitor. Em determinados casos de desconhecimento de um item lexical, a compreensão pode se dar pelo contexto lingüístico ou pelo contexto de situação, porém, se o desconhecimento lingüístico for muito grande, a produção de sentidos ficará prejudicada.

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é o conjunto de informações que está armazenado na memória de longo termo⁹. Esse conhecimento consiste em uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória, contendo experiências de vida, acontecimentos, eventos situacionais cotidianamente (ou não) vividos e adquiridos durante a vida cotidiana, armazenados na memória, em blocos chamados *frames*¹⁰. No momento da leitura, essas representações mentais são retomadas para estabelecer o tema de que se trata no texto e assim realizar a produção de sentidos.

O conhecimento interacional refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos: ilocucional, comunicacional, metacomunicacional e superestrutural. O primeiro deles refere-se à capacidade de reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional.

Por sua vez, o conhecimento comunicacional é a quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o interlocutor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto. Compreende a seleção da variante lingüística adequada a cada situação de interação e a adequação do gênero textual à situação comunicativa.

Já o conhecimento metacomunicativo permite ao produtor assegurar a compreensão do texto por meio de vários tipos de ações lingüísticas, apoios

⁹ (MLT) – memória de longo termo, aquela em que os conhecimentos são representados de forma permanente.

¹⁰ *Frames* são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo “rótulo”, sem que haja qualquer ordenação entre eles (Koch e Travaglia, 2008)

textuais, formulação textual específica que demonstra a intenção de realçar a comunicação de determinados dados na composição do texto. Dentre as várias construções textuais, podemos encontrar a grafia destacada, expressões e comentários sobre o próprio texto (metalinguagem), relação com o não-verbal.

O conhecimento superestrutural permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Esse conhecimento leva o leitor à identificação dos vários gêneros de textos. A competência textual do leitor compreende estratégias de construção e interpretação de um texto. Essa competência propicia a ele a possibilidade de reconhecer no texto seqüências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo.

O fato de os conhecimentos prévios terem relação com as experiências individuais de cada participante da interação não quer dizer que esses conhecimentos sejam totalmente diferentes em cada sujeito. É importante, para a compreensão de um texto, que o leitor tenha algum conhecimento em comum com o escritor, caso contrário, a compreensão estaria inviabilizada. Esse conhecimento comum entre os participantes da interação chama-se *conhecimento partilhado*. Com respeito aos conhecimentos partilhados, Koch e Travaglia (2008) afirmam ser impossível que duas pessoas partilhem exatamente o mesmo conhecimento de mundo. É preciso, no entanto, que elas possuam, ao menos, uma boa parcela de conhecimentos comuns.

Em situação de leitura, quanto maior for essa parcela, menor será a necessidade de explicação no texto, uma vez que o leitor será capaz de suprir as lacunas, por exemplo, por meio de inferências. Os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constituem, segundo Koch e Travaglia (2008), a informação *velha* ou *dada*, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação *nova* trazida pelo texto. Para que um texto seja coerente, é preciso haver um equilíbrio entre essas informações.

De acordo com Koch (2006), para que os textos sejam coerentes, o leitor deve produzir inferências sobre as informações textuais. O leitor competente (re)significa o texto, (re)construindo os significados textuais, inferencialmente, e, sem a atuação do conhecimento prévio, num processo indispensável e devidamente inserido no contexto, não há inferências para realizar.

Marcuschi (2005) explica o conhecimento entendido como partilhado ou como conhecimento mútuo entre os indivíduos, situando-o como suposições que pedem a

reciprocidade e produzem dadas expectativas. Atuando com o conhecimento mútuo numa experiência localizada, na mesma comunidade, partilhamos normas sociais e aspectos culturais.

Referindo-nos ao conhecimento prévio, salientamos a opinião de Fávero (2004: 73) sobre ele, situando-o como *o elemento-base, subjacente a todos os outros*. A autora esclarece que a compreensão textual se estabelece quando ativamos o conhecimento prévio. Nessa ocasião, a nossa memória seleciona os dados nela armazenados e relacionados aos elementos lexicais do texto, esses conhecimentos interagirão para permitir-nos construir a sua compreensão textual.

Conforme Koch (2004), o conhecimento lingüístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo, inseridos e constantemente atualizados e armazenados na memória do leitor, formam o seu *background* de conhecimentos particulares, possibilitando-lhe atuar na compreensão da leitura. E isso nos permite entender o conhecimento prévio como sendo de fundamental importância.

A autora explica que o conhecimento de mundo, semântico ou enciclopédico é uma contribuição da Psicologia Cognitiva e da Inteligência Artificial. Ao ser adquirido e armazenado na memória, ele pode ser do tipo declarativo, quando formado por proposições que se ligam a fatos do mundo, ou do tipo episódico ao estabelecer-se por meio de modelos cognitivos de base sociocultural e decorrentes da experiência de cada ser.

A seguir, refletiremos sobre a importância da intertextualidade e suas formas de constituição na construção dos sentidos.

3.2 Intertextualidade

O termo intertextualidade foi introduzido por Kristeva em 1966 por influência da noção de dialogicidade que Bakhtin havia desenvolvido. Para ele, cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação. Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos:

... nossa fala é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias

expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reacentuamos (Bakhtin, 2003: 89)

De modo geral, Bakhtin (2003) associa os fenômenos ideológicos às condições e às formas de interação social. Os signos ideológicos resultam da materialização dessa interação. Portanto, é impossível pensar o homem fora dessa relação com o “outro”. O sujeito só se constitui nesse processo de interação, e ignorar a natureza dialógica da linguagem seria o mesmo que desconsiderar a ligação existente entre linguagem e fala.

Essa questão do dialogismo, que se constitui na medida em que um enunciado é concebido como reflexo de outro enunciado por refuta, confirmação ou complementaridade, pressupondo assim seu conhecimento prévio, é uma constante em Bakhtin. Para esse autor, qualquer enunciado, inclusive o monólogo solitário, tem seus “outros” e só existe em relação ao contexto de outros enunciados:

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. (...) O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante do diálogo social. (Bakhtin, 2003: 86)

Para Kristeva (1978), o processo de leitura realiza-se como ato de colher, de tomar, de reconhecer traços. Ler passa a ser uma participação agressiva, ativa, de apropriação. A escritura, então, torna-se a produção dessa leitura que se cumprirá. Um livro remete a outros livros, que, num procedimento de somatória, propicia uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação.

Kristeva estende o conceito de dialogismo tanto aos sistemas não-verbais quanto à própria noção de texto. A autora considera texto quase todos os sistemas e estruturas culturais. Isso é importante para estender as fronteiras da intertextualidade para muito além do campo lingüístico. Atualmente se estuda a intertextualidade nos mais variados campos, como artes plásticas, cinema, dança e multimídia.

A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda seqüência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro corpus, de maneira que toda seqüência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra

escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura). (Kristeva, 1978: 120 - 121)¹¹

Um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, preconceitos, medos e esperanças. Nesse contexto, a leitura e a produção textual devem ser abordadas sob a perspectiva da língua como instrumento de interação social, comprometida com a formação de sujeitos críticos e atuantes.

Na perspectiva bakhtiniana e também na de Kristeva, o texto é fator de mudança, porque se insere de um modo ativo e dialético na sociedade, reproduzindo e, ao mesmo tempo, transformando seus dados ideológicos num contínuo “diálogo textual”. Portanto, tanto em Kristeva quanto em Bakhtin, podemos afirmar que a intertextualidade é entendida como um fator de construção social.

A intertextualidade pressupõe um universo histórico-social e cultural muito amplo e complexo, pois implica a identificação das referências; o conhecimento de mundo, que deve ser comum ao produtor e ao receptor de textos; o reconhecimento de remissões a obras, além de exigir do leitor a capacidade de compreender a função da presença daquela citação ou alusão a outros textos.

Fairclough (2001) defende a visão de que a intertextualidade está ligada a uma historicidade inerente aos textos, ou seja, o texto absorve e ao mesmo tempo é construído por textos passados. Nessa perspectiva, os textos são os maiores artefatos que constituem a história. “Essa historicidade inerente aos textos permite-lhes desempenhar os papéis centrais que têm na sociedade contemporânea no limite principal da mudança social e cultural”. (Ibid, p. 135)

Nesse sentido, é possível afirmar que a intertextualidade aproxima os homens, as culturas e os tempos: tudo o que produzimos está inserido num grande patrimônio em contínua evolução. Seguindo esse raciocínio, cada homem contém em si a comunidade humana.

Para Barthes (1977), não há textos puros na medida em que “qualquer texto é um novo tecido de citações passadas” e todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos conhecíveis. O

¹¹ “Le langage poétique apparaît comme un dialogue de textes: toute séquence se fait par rapport à une autre provenant d'un autre corpus, de sorte que toute séquence est doublement orientée: vers l'acte de la reminiscence (évocation d'une autre écriture) et vers l'acte de la sommation (la transformation de cette écriture).” KRISTEVA, Julia. **Semeiotike: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1978, p.120/121.

autor se refere à leitura como sendo um ato lexicográfico, o que significa dizer que, quando lemos estamos escrevendo nossa leitura, portanto, encontrando sentidos que nos levam a outros sentidos.

Nessa perspectiva, Vigner mostra o papel da intertextualidade na construção do(s) sentido(s) do texto.

... pensemos que durante séculos a literatura francesa, para ficar nela, foi um sistema de troca intertextual, particularmente ativa com a literatura grega e latina e que, para o leitor de outrora que tivesse estudado Humanidades, ler tal poema de Ronsard era ler simultaneamente certa passagem de Virgílio, de Horácio ou de Píndaro. A intertextualidade definia, assim, uma espécie de horizonte de expectativa, sobre o qual o novo texto vinha inscrever-se e adquirir sentido. (2002: 32-3)

Para o autor, mesmo reconhecendo que a intertextualidade é especialmente manifestada na literatura, é fundamental contemplar o fenômeno da intertextualidade para além das fronteiras do discurso literário. Afinal, ela está presente em outros discursos, como o político e o científico, e pode ocorrer com a mesma intensidade. O autor afirma ainda que, devido às relações intertextuais, todo texto propaga fragmentos de sentidos que de alguma forma são do conhecimento do leitor.

A intertextualidade ocorre em diversas áreas do conhecimento. Na literatura, estabelecendo uma relação intertextual com diversas obras literárias. Na pintura, recriando quadros de pintores famosos do século passado. No jornalismo, a publicidade de anúncios retoma obras-primas criando enunciado-slogan para campanhas publicitárias. A intertextualidade assume na publicidade a função não só de persuadir o leitor como também de difundir a cultura, uma vez que trata de uma relação com a arte (pintura, escultura, literatura etc).

Para Kristeva (1978:72), “todo o texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade”. É exatamente essa busca de elementos novos, apoiados na assimilação e transformação, que torna relevantes os pressupostos da autora, já que possibilita leituras capazes de recuperar outros textos que, uma vez deslocados de sua origem, ganham nova significação.

A autora, assim como outros estudiosos, aproximou bastante a noção de intertextualidade da literatura. Para a pesquisadora, o texto literário permite uma grande abertura de significação porque é constituído na sua essência por um cruzamento de superfícies textuais.

Os pesquisadores da Análise do Discurso abordaram a intertextualidade como condição de existência do próprio discurso, portanto, a intertextualidade em um sentido amplo. Maingueneau (1997) afirma que um discurso não vem ao mundo numa “inocente solitude”, mas sendo construído por meio de um “já-dito” em relação ao qual toma uma posição. Segundo o autor, o intertexto é um componente importante para as condições de produção, justamente porque – sendo a leitura um processo cognitivo, resultado de informações fornecidas pelo texto – decorre de fundamentos inter e multidisciplinares.

Beaugrande e Dressler (1981) afirmam a necessidade de se evidenciar que os textos estão em constante convergência, interação e diálogo. É justamente pela relação que se estabelece entre o texto e textos anteriores que os interlocutores acionam fragmentos de sentidos já conhecidos por eles e que estão relacionados com a informação nova. Conforme os autores, a interdependência entre a produção e recepção de um determinado texto e o conhecimento que os participantes do processo de comunicação têm de outros textos ocorre por meio de um processo de mediação que está intimamente ligado à atividade de elaboração do texto e sua relação com textos precedentes.

Segundo Jenny (1979), só se apreende o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionarmos com seus arquétipos que são abstraídos de textos anteriores que constituem a constante:

Esses arquétipos, provenientes de outros tantos “gestos literários”, codificam as formas de uso dessa “linguagem secundária” (Lotman) que é a literatura. Face aos arquétipos, a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define. (1979: 32)

A autora afirma que fora de um sistema a obra é impensável, ou seja, a compreensão de uma obra pressupõe a competência na decifração da linguagem literária, que é adquirida na prática de uma multiplicidade de textos. Segundo a autora, a intertextualidade se faz presente até mesmo no conteúdo formal de uma obra: uma paródia se relaciona simultaneamente com a obra que pretende caricaturar, ao mesmo tempo em que se relaciona com todas as obras parodísticas que fazem parte do seu próprio gênero textual.

Jenny (1979) distingue dois tipos de intertextualidade: a implícita e a explícita. Para conceituar a intertextualidade implícita, ela parte do pressuposto de que todo

texto remete implicitamente a textos que o antecedem, apresentando-se de forma atualizada. Por sua vez, a intertextualidade explícita é a que se faz presente no conteúdo formal da obra. Nesse caso, o texto deixa transparecer a sua relação com o outro(s): “A determinação intertextual da obra é então dupla: por exemplo, uma paródia relaciona-se em simultâneo com a obra que caricatura e com todas as obras parodísticas constitutivas do seu próprio gênero” (Jenny, 1979: 6). Esse tipo de intertextualidade se dá por meio de citações, resenhas, paráfrases e itens lexicais que permeiam o texto, possibilitando despertar na memória do leitor informações ou textos reminescentes.

Nossa compreensão de um texto depende de nossas experiências de vida, de nossas vivências, de nosso conhecimento de mundo, de nossas leituras. Quanto mais amplo o cabedal de conhecimentos do leitor, maior será sua competência para perceber que o texto dialoga com outros, por meio de referências, alusões ou citações, e, assim, mais ampla será sua compreensão. A competência em leitura e em produção textual não depende apenas do conhecimento do código lingüístico, uma vez que para ler e escrever com proficiência é imprescindível conhecer outros textos, estar imerso nas relações intertextuais, pois um texto é produto de outro texto, nasce de/em outros textos.

A pessoa que lê deve identificar, reconhecer, entender a remissão a outras obras, textos ou trechos. As obras científicas, os ensaios, as monografias, as dissertações, as teses, por exemplo, remetem explicitamente a autores reconhecidos, que reforçam os pontos de vista defendidos. Já a compreensão de uma charge de jornal implica o conhecimento das notícias do dia. A leitura de um romance, conto ou crônica esportiva, como é o caso do *corpus* desta pesquisa, aponta para outras obras, muitas vezes, de forma implícita.

Assim como a leitura é um ato complexo e relacionado a outros textos, podemos afirmar que escrever é a habilidade de aproveitar criticamente e de forma criativa, outros materiais interdiscursivos¹², outros textos. Quem escreve não escreve do vazio, pois um texto não surge do nada. Nasce de/em outro(s) texto(s). É por isso que quem lê está em situação privilegiada para escrever, uma vez que se apropria, mediante a leitura, de idéias e de recursos de expressão.

¹² Todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**. Esse último está para o *discurso* como o *intertexto* está para o *texto*. (Charaudeau & Maingueneau, 2008:286)

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção, isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007), partindo do princípio da heterogeneidade de Bakhtin, distinguem a intertextualidade em sentido amplo e em sentido restrito.

3.2.1 Sentido amplo (*lato sensu*) e sentido restrito (*stricto sensu*)

A intertextualidade em sentido amplo nada mais é do que a condição de existência do próprio discurso; ocorre sempre de maneira implícita, ou seja, está presente em todos os tipos de texto. Esse tipo de intertextualidade vai muito além da relação de um texto com outro texto, ela é a própria cultura. Koch, Bentes e Cavalcante (2007) sugerem o termo interdiscurso para a intertextualidade em sentido amplo. Por sua vez, a intertextualidade de sentido restrito é a relação de um texto com outros textos existentes.

Para a autora, a argumentatividade está presente na intertextualidade em graus diferenciados. Quando a intertextualidade for de sentido amplo, a presença da argumentatividade será mínima. Isso é bem diferente nos casos de intertextualidade de sentido restrito, em que o grau de argumentatividade é bem mais elevado, como no caso das citações referenciais que são manifestações típicas de argumentação por recurso de autoridade.

Fairclough (2001) usa uma nomenclatura diferente de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), fazendo a distinção entre intertextualidade manifesta e interdiscursividade (intertextualidade constitutiva). Para ele, a intertextualidade manifesta se aplica quando há recorrência explícita de textos específicos dentro de um texto. Ao passo que a intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade está mais ligada à maneira como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos.

O autor destaca ainda que os textos variam muito com relação a seus respectivos níveis de heterogeneidade, podendo ser complexos ou simples, dependendo das relações intertextuais:

Os textos também diferem na medida em que seus elementos heterogêneos são integrados, e também na medida em que sua heterogeneidade é evidente na superfície do texto. Por exemplo, o texto de um pode estar claramente separado do resto por aspas e verbo *dicendi*, ou pode não estar marcado e estar integrado estrutural e estilisticamente, talvez por meio de uma nova reformulação do original, no texto em sua volta. Novamente, os textos podem ou não ser 'reacentuados'; eles podem ou não recorrer ao estilo ou ao tom predominante (irônico ou sentimental) do texto circundante. Ou novamente, os textos de outros podem ou não ser fundidos com suposições do segundo plano do texto que não são atribuídas a ninguém, por meio da pressuposição. Desse modo, textos heterogêneos podem ter uma superfície textual desigual e 'acidentada', ou relativamente regular. (Fairclough, 2001: 137)

Discini (2004) prefere utilizar outra terminologia: a de Authier-Revuz (1982) – heterogeneidade mostrada e não mostrada e, por analogia, intertextualidade mostrada e não mostrada. A autora defende que a intertextualidade não mostrada é, na verdade, a heterogeneidade constitutiva de todo o discurso, ou seja, a intertextualidade que não se mostra na superfície textual, mas que está presente em todos os textos.

A intertextualidade mostrada é aquela em que o outro é mostrado de forma deliberada, seja pela imitação dentro de um discurso, seja pela materialização na expressão textual. Dentro desse ponto de vista, há uma intertextualidade mostrada e marcada, como no caso da citação, do discurso indireto livre, das formas interpretativas e explicativas. Mas há igualmente uma intertextualidade mostrada e não marcada, como no caso de uma imitação. Discini cita, por exemplo, a noção de estilo considerada como uma retomada consciente e intencional da palavra do outro, mostrada, mas não necessariamente marcada no texto que está intertextualizado.

3.2.2 Intertextualidade explícita

Ocorrerá a intertextualidade explícita quando um texto apresentar uma indicação direta da fonte, como acontece com as paráfrases, com a citação referencial, com um comentário crítico de um livro ou de um artigo, etc.

A citação referencial tem origem no princípio jurídico que obriga o indivíduo a prestar testemunho ou depoimento à justiça. Com o tempo, ela foi ganhando *status* de autoridade e de legitimação da verdade de qualquer discurso: científico, religioso, jurídico, jornalístico.

Apesar de o recurso da possibilidade da citação surgir em qualquer discurso, há aqueles em que ela se apresenta com maior frequência e grau de importância do

que em outros. Por exemplo, no discurso jornalístico a citação surge com frequência justamente porque “reproduzir declarações textuais confere credibilidade à informação, dá vivacidade ao texto e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia”. (Manual da Redação da *Folha de S. Paulo*, 2006: 39).

No discurso religioso, por exemplo, a citação adquire *status* de verdade absoluta. Normalmente, a homilia de um sacerdote está intertextualizada com uma citação bíblica, e aquilo que o sacerdote diz em seu discurso é apenas um elemento ilustrativo da citação bíblica, que deve ser o núcleo da homilia, aquilo que deve vir em evidência para os interlocutores.

Essa postura difere da postura do discurso científico, no qual a citação não deve ser tomada como verdade absoluta, mas como um instrumento para dar credibilidade àquilo que está sendo apresentado. Ainda no discurso científico, a citação pode até mesmo ter a função de evidenciar uma outra corrente de pensamento divergente do estudioso que lhe faz o uso, ou seja, um pesquisador pode utilizar a citação de um estudioso em seu trabalho e depois discorrer contra ela, por ela apresentar um ponto de vista diferente do que está sendo defendido em sua pesquisa.

O mesmo gênero de texto pode apresentar graus diferenciados de importância da citação. No discurso jornalístico, como mostramos, a citação pode ter a função de dar credibilidade ao texto do jornalista que normalmente aborda temas dos quais ele não é um especialista e, por isso mesmo, necessita demonstrar que consultou alguém com mais respaldo e conhecimento do assunto tratado. Entretanto, essa não é a única função da citação referencial no discurso jornalístico. Ela pode, por exemplo, ser usada como chamariz para atrair a atenção do leitor; pode ser utilizada para dinamizar o texto e até mesmo para a transferência de responsabilidade: o jornalista transfere para o autor da citação a responsabilidade do que está sendo dito, eximindo-se, dessa forma, de qualquer problema que ela, porventura, poderia trazer-lhe.

A citação traz consigo a idéia de que o texto emprestado permanece imaculado por estar escrito literalmente no texto de quem o empresta. Mas isso não passa de uma falsa impressão: um jornalista pode usar o recurso da descontextualização para modificar o sentido da citação, ou seja, ele pode usar a afirmação de um político, dita dentro de um contexto com um sentido X e utilizá-lo como citação em seu texto em outro contexto com sentido Y.

A apropriação indevida da citação não é um recurso apenas do discurso jornalístico. Um fiel pode distorcer o sentido de uma citação de uma escritura religiosa, da mesma forma que um juiz pode ter uma interpretação equivocada de uma citação da lei e aplicá-la como verdade.

Maingueneau (2008) considera ingenuidade acreditar que o discurso direto é a reprodução fiel do discurso citado. Além disso, o autor também evidencia o caráter ambíguo da citação: o locutor citado surge ao mesmo tempo como sendo o não-eu e como a autoridade do que está sendo intertextualizado. Para o autor, na citação há dois locutores distintos convivendo no mesmo enunciado que, na verdade, é construído por apenas um deles.

Sobre esse aspecto Bakhtin (2003) afirma que o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, a concomitância é um discurso sobre um discurso, uma enunciação sobre a enunciação.

3.2.3 Intertextualidade implícita

A intertextualidade será implícita quando não houver nenhum elemento indicador explícito da fonte do texto base que, de alguma forma, foi aproveitado em um outro texto e, diante dessa definição, podemos apontar a seguinte discussão: como encontrar recurso ou sinais verossímeis e evidentes de que, de fato, há intertextualidade implícita num determinado texto?

Mesmo reconhecendo a complexidade do questionamento, é possível confirmar a existência de estudos que apontam caminhos indicativos que comprovam a presença da intertextualidade implícita nos textos. O estilo é uma das formas, talvez a mais significativa, de percepção da presença da intertextualidade implícita. Segundo Discini (2004), o estilo é “o homem entendido como efeito repreensível de uma totalidade de discursos”, ou seja, um homem construído por meio da observação das relações de interdependência entre expressão e conteúdo.

Importa que a enunciação do estilo, realizada na totalidade de um dizer e dito, construída na e pela totalidade enunciada, delimita-se com o não-eu por fronteiras tornadas permeáveis. Verificar como a intertextualidade estilística se constrói no vai-e-vem que acaba por diluir fronteiras de totalidade, mostrando a ambigüidade do dizer e do dito, é a meta a ser perseguida. (ibid, p. 229)

Nesse sentido, um leitor pode identificar uma obra romântica pelo estilo de época que marca o Romantismo. Pode-se também identificar a influência de um determinado autor num outro, mesmo não havendo indicação explícita. Certamente, para isso é necessário um leitor proficiente para conseguir fazer esse tipo de relação textual.

Outro aspecto que evidencia a presença da intertextualidade de forma implícita é o gênero textual. Para Vigner (2002), todo texto em seu funcionamento segue leis e convenções definidas pelo texto geral ou arquitexto, como se toda produção cultural fosse um grande gênero. O pensamento bakhtiniano também trilha por esse caminho, redimensionando a velha noção de gênero, vinda da literatura, que defendia um cânon fundamentado a partir de normas rígidas responsáveis pela aceitação das obras literárias. Bakhtin (2003) amplia a noção de gênero para qualquer discurso, visando à compreensão das práticas sociais.

Na visão bakhtiniana, não se pode enquadrar a noção de gênero em regras normativas ou classificatórias. O pensador russo defende que, dentro das multiplicidades do uso da língua, dos contextos e dos usuários, as regularidades são elementos importantes para determinar a natureza lingüística comum dos gêneros dentro de suas respectivas heterogeneidades.

Segundo Machado, a noção de gênero deve ser associada a uma dimensão temporal em uso. Isso significa dizer que os gêneros são determinados pelas formas de uso das línguas e linguagens.

O conceito de gênero é potencialmente a imagem de uma totalidade, onde os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo, decorrente, sobretudo, dos vários usos que se faz da língua. (Machado, apud Brait, 2007: 153)

Seguindo as idéias bakhtinianas, Machado (2007) afirma que o gênero deve ainda ser concebido como um conceito plural, pois ele se reporta às formações combinatórias da linguagem em suas dimensões verbal e extra-verbal, assim como articula formas discursivas criadoras da linguagem, de visões de mundo e de sistemas axiológicos. De acordo com a autora, o conceito de gênero em Bakhtin é instância de criação e acabamento do objeto estético. Nessa perspectiva, o gênero tem um papel relevante para a análise estética da obra, pelo fato de ser o responsável por mobilizar aspectos internos e externos da manifestação estética.

A intertextualidade implícita também é percebida na noção de conteúdo que está relacionada ao conhecimento de mundo (Koch e Travaglia, 2008). Os autores apresentam, como exemplo, o caso de uma série de matérias jornalísticas sobre um determinado fato, elaboradas durante alguns dias. A cada novo artigo produzido, o jornalista pressupõe que seu leitor terá um mínimo de conhecimento do assunto abordado. Isso significa que ele não irá repetir todas as informações anteriores relacionadas ao assunto. O jornalista pode limitar-se apenas a uma síntese das matérias.

O mesmo acontece com o discurso científico. Um palestrante, por exemplo, que irá apresentar suas pesquisas no campo da análise da conversação pressupõe que seu público tenha um mínimo de conhecimento para processar significados ligados a expressões básicas para a compreensão da palestra. Caso contrário, o palestrante ocupará grande parte de seu tempo com explicações elementares. E se ele não “perde esse tempo” é porque acredita que seus interlocutores, por meio da intertextualidade, já tiveram contatos anteriores com textos essenciais à compreensão do que será exposto sobre a análise da conversação.

A intertextualidade implícita ainda se estende para casos de manipulação em que o produtor do texto opera sobre texto alheio ou próprio, com o fim de produzir determinados efeitos de sentido. Segundo Grésillon e Maingueneau (1984), essa concepção denomina-se *détournement* (*desvio*), que consiste em “produzir um enunciado que possui as marcas lingüísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque dos provérbios reconhecidos” (op.cit.: 114).

Os autores apontam a existência de dois tipos de *desvio*: o *lúdico* – em que se apela apenas para um jogo de sonoridades entre o novo enunciado e o evocado, sem que se estabeleça relação de sentido entre eles, havendo, nesse caso, o plano limitado da alusão; e o *militante* – que consiste na produção de um enunciado que esteja a serviço de uma estratégia política ou ideológica. Salientam, ainda, que tal classificação impõe problemas de fronteiras, tendo em vista que há desvios militantes que se efetuam jogando-se apenas com a língua. De acordo com os autores mencionados, pode-se falar também em orientações distintas desse procedimento, conforme se trata de utilizar a seu proveito a autoridade proverbial (*captação*) ou de contestá-la (*subversão*).

A *captação* consiste em imitar um texto tomando a mesma direção que ele, ou seja, consiste em transferir para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao

texto ou ao gênero fonte. Dito de outra forma, um texto apropria-se do valor pragmático de outro em benefício próprio.

Já a *subversão* consiste em desqualificar a autoridade do texto, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações ou orientá-lo para outro sentido diferente do original. Assim, conforme salienta Maingueneau (2008:173), “o discurso da imitação estrutura sua própria identidade”.

O *détournement* envolve casos de substituições, supressões, acréscimos, transposições operadas sobre o enunciado-fonte e, por meio dessas formas de retextualização, isto é, de transformação de um texto em outro, operam-se diversos tipos de *détournement* como de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, textos ou títulos de textos literários, clichês, slogans, passagens bíblicas, hinos, canções populares, fábulas tradicionais etc.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007) todo e qualquer exemplo de *détournement* é “militante”, uma vez que apresenta sempre valor argumentativo em maior ou menor grau, visto que ele vai orientar a construção de novos sentidos pelo interlocutor. Dessa forma, as autoras ampliam a abordagem teórica e afirmam ainda que há casos de intertextualidade implícita sem *détournement*, ou seja, casos em que, a partir do texto original, constrói-se um novo texto, que se insere em um outro contexto. Assim, o texto primeiro “conta-se de novo”, para permitir a construção de novos sentidos.

3.2.4 Intertextualidade temática

Julgamos importante e pertinente definir a intertextualidade temática ou de conteúdo, uma vez que a mesma é notada na análise do *corpus* dessa pesquisa.

O fenômeno da intertextualidade temática ocorre quando textos de uma mesma área do saber ou de uma mesma corrente de pensamento partilham temas e se servem de conceitos e terminologias próprios. Os textos científicos, os textos literários, as revistas semanais e as matérias de um mesmo jornal que tratam do mesmo assunto configuram-se nessa intertextualidade. As matérias jornalísticas, por exemplo, normalmente “dialogam” entre si, ao tratarem de um fato em destaque (Koch e Travaglia, 2008).

Para os autores, o entendimento e a coerência de textos depende também do conhecimento de outros textos. Cada artigo de jornal pressupõe que os leitores

conheçam os artigos sobre o mesmo assunto publicados anteriormente, estabelecendo com eles a intertextualidade.

Conforme Bazerman (2006: 97), o conhecimento de outros textos usados em um novo contexto leva à recontextualização e, assim, produzem um novo sentido nesse novo contexto. O autor ainda afirma que “em certas ocasiões, a recontextualização passa despercebida, uma vez que os sentidos originais não estão distantes do sentido no novo contexto.”

A respeito da temática, pode ocorrer de um mesmo assunto ser colocado em um contexto menos amistoso ou mais crítico, ou ainda em algum contexto que a discute, então, segundo o autor, podemos chamar essas recontextualizações de comentários intertextuais.

3.2.5 Intertextualidade estilística

A intertextualidade estilística ocorre quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades lingüísticas (Koch, Bentes e Cavalcante, 2007).

Um leitor que entra em contato com algum texto que mantenha intertextualidade com a Bíblia, por exemplo, pode até atribuir-lhe sentido, mas certamente deixará de perceber muitas das significações pretendidas pelo produtor dos mesmos. Há também o jargão profissional, o dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade, ou seja, várias maneiras em que o intertexto é imitado para a construção de novo sentido.



CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO CORPUS

Aqueles que acreditam tudo saber devem saber pelo menos uma coisa: eles não entenderam nada do futebol.

Éric Cantona, *Football International*, nº 5, setembro de 1994

4.1 Análise das crônicas

Este capítulo trata do objeto de estudo da dissertação, as crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo* produzidas entre janeiro e julho de 2007. O conjunto de crônicas selecionado teve como tema o futebol e o objetivo da análise, como já dito no primeiro capítulo, é identificar a presença da intertextualidade para a produção de sentidos e estabelecer possíveis relações entre as narrativas refletindo sobre a importância da ativação do conhecimento prévio que envolve o conhecimento lingüístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento interacional.

A análise procura enfatizar a busca de sentidos no texto por meio de processos cognitivos influenciados pelo contexto sociocognitivo. Como nosso objetivo é mostrar a intertextualidade nas crônicas selecionadas, em alguns momentos migraremos para outros espaços do caderno para enfatizarmos nossas conclusões. Isso acontecerá quando um texto fizer referência a notícias e fatos altamente relevantes para comprovação de nosso estudo. Certamente, não será uma migração aleatória, mas autorizada, tendo como ponto de partida a própria crônica. Isso significa que será justamente por meio dela que remeteremos nossa análise para outras seções sempre que se fizer necessário à demonstração de nossos argumentos com relação à intertextualidade nas crônicas esportivas.

Quando lemos, estabelecemos relações entre o que está escrito no texto, o que não está e relacionamos com o que temos em nossa memória discursiva. Como mencionado, a intertextualidade é a presença de um texto inserido em outro texto produzido anteriormente. Para a identificação da intertextualidade, é necessário que o texto-fonte faça parte da memória discursiva do leitor e ele seja ativado no momento da leitura. A produção de sentidos desejada na leitura em muitos casos depende da identificação da intertextualidade. Ela pode ser identificada por um intertexto de maneira implícita ou explícita. O texto-fonte pode ser ativado por um trecho, estilo, gênero ou tipo.

A seguir apresentamos, para uma visão mais global, a reprodução da página do jornal em que a crônica foi publicada. A crônica esportiva possui diagramação e espaço definidos, o que facilita a localização rápida por parte dos leitores que sabem que têm a sua frente um artigo assinado por um autor conhecido que pode escrever sobre fato real ou ficção. As crônicas em estudo aparecem sempre no alto da página e no meio do caderno de esporte, nunca na primeira ou última páginas.

Para melhor leitura da crônica, transcrevemos na íntegra o texto e a data de publicação logo depois da reprodução da página do jornal em que se localiza a crônica.

Adotamos também o procedimento da transcrição de cada trecho analisado que aparece em fonte menor, recuo da margem e em itálico. Em seguida, apresentamos a aplicação dos pressupostos teóricos segundo as bases teóricas escolhidas.

4.1.1 Texto I

D4 esporte SÁBADO, 20 DE ABRIL DE 2007

FOLHA DE SPALLO

JOSÉ GERALDO COUTO

Os aflitos

Avocação para o sofrimento
do time seguem vivas na
torcida do Corinthians

SALVEO Corinthians. A frase que abe o hino corinthiano ganha de tempos em tempos (como agora) um sentido dramático. Em momentos assim, a torcida alvinegra fica à espera de alguém que salve seu time.

Pode ser qualquer um — um treinador, torcedor como Carpegiani ou um talento adolescente como Lulinha, um escrotoe como a mala cheia de dólares suspeitos ou o pai-de-santo da esquina —, pouco importa, contanto que salve.

O salvacionismo é a verdade da religião corinthiana. É o Pacemebê é o verdadeiro endido dos aflitos. Na noite de anteontem, na derrota para o Náutico, o lugar foi palco de cenas de um grotesco desespero.

Numa delas, talvez a mais eloquente, um torcedor entredado invadido o campo, enganou um par de seguranças com fitas de corpo, sob a proteção da torcida (que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer), e acabou tendo

a calça arrancada quase inteiramente quando tentava saltar o alambrado de volta para a arquibancada.

O detalhe é que, na sua evolução errática pelo gramado, o invasor jogou fora ou debaixo calça negligente e a camisa do clube, que tracia na mão. Foi como se dissesse que o Corinthians não interessava mais, e sim a odiosa narcísica da sua própria falta de rumo, do seu devanço.

Para seguir vivo na Copa do Brasil, o Corinthians podia empurrar o jogo em 0 a 0 ou 1 a 1. O placar de 2 a 2 levaria para os penáteis. Bastava, portanto, segurar a bola, deixar o adversário se inquietar, jogar no seu erro.

Mas o Corinthians, esse Corinthians espartocóico e acido, que emerge nos momentos de crise, não é capaz de premeditação e sangue

frio. Essas qualidades couberam ao Náutico, que poderia ter saído de São Paulo com uma goleada.

E, amigos, ser corinthiano é um aprendizado do sofrimento. Manuel Bandeira, ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol. Mas em 1906, quatro anos antes da fundação do Corinthians, compôs um poema que poderia ser o verdadeiro hino do clube, ou pelo menos a canção que todo corinthiano deveria cantar para ninar seu filho.

É o soneto "Fênix", do belo que meceva ser transcrito na linguagem, em homenagem aos 30 mil fêixes que foram ao Pacemebê anônimo: "Chora de manso e no fim, procura. Currir sem quebra o mal que te crucia. O mundo é sem piedade e a tua vida. Da tua incensável amargura.

"Se a dor enobrecer é grande e é pura. Aprenda a amá-la que a amará um dia. Então ela será tua alegria. E se ela não, se ventura.

"A vida é vá como a sombra que passa. Sofre sereno e de alma soberana. Sem um grão, sequer, tua desgraça.

"Encontra em ti tua tristeza insuportável. E pode humildemente a Deus que a faça. Tua doce e constante companheira.

FINAL EM ABERTO

Como todos esperavam, teremos um São-São na final do Paulista, se que com o santo trocado: o São Caetano no lugar do São Paulo. Há quem diga que o tricolor entrou em campo de salto alto contra o Azulão, e há quem diga que o time chegou ao ponto ótimo antes da hora e "virou o fio". O Santos também ficou perto de cair diante do Bragantino. Terá também "virado o fio"?

KAKÁ, O TRAVESSO

Com aquela cara de santo e aquele discurso carão, Kaká fez jogada encapada, digna de Garrincha, Dener ou Edison, no seu segundo gol contra o Manchester, nesta semana. Ao ver que teria a passagem barrada por dois zagueiros, antecipou-se com leve toque de cabeça, fez os marmanjos trobarem e saiu pelo lado para pagar a bola e fazer o gol. Chaplin não faria melhor.

ipeouto: @usd.com.br

‘Esquecido’, Popó luta em unificação

Dono do cinturão dos leves pela OMB, pugilista enfrenta hoje nos EUA o americano Juan Diaz, campeão pela AMB

Experiente, baiano afirma não ligar para fato de ter sido excluído dos rankings independentes e aparecer como azarão nas apostas

EDUARDO ORRATA
ENVIADO ESPECIAL A MASHANTUCKET

É com a imagem de um azarão — o velho que Acácio Freitas, o Popó, sobe ao ringue hoje para unificar os cinturões dos leves (62,2 kg) da AMB (Associação Mundial de Boxe) e da OMB (Organização Mundial de Boxe), contra o americano Juan Diaz, em Connecticut (EUA). O resultado está fora dos rankings independentes feitos por especialistas, amargos papéis de zebra nas bolsas de apostas e ouve apressarem a luta de hoje como "a passagem da tocha".

"Isso não me incomoda. Não sou americano, não fico nos EUA o tempo todo, não ando por aqui. Então, é normal acontecer", justifica Popó sobre sua atual situação. "Quero ver o Brasilinho logo de novo."

É um momento histórico, um dos mais importantes combates de Freitas. Dizem que de está velho, que seu tempo já passou. Mas isso faz mais história melhor", diz Oscar Suarez, um dos técnicos de baianos. Popó foi retirado dos rankings independentes das publicações "The Ring" e "Boxing Digest" após anunciar sua aposentadoria. Mas, mesmo sendo voltado atrás três dias depois, não figurou mais nas listas.

No ranking "The Ring", referente a setembro de 2006, Popó aparecia como o quarto leve. Diaz era o sétimo. Na edição seguinte, Popó já havia sido removido, e "El Terro" era o quinto — hoje está em segundo.

No "Boxing Digest", fenômeno semelhante ocorreu. A revista tira Diaz em sexto. Também na seção anual em

que a "The Ring" apresenta o "melhor pagador" de cada categoria, "as melhores lutas que poderiam ser feitas" e "melhor luta do ano", e na qual era habitual, Popó foi "esquecido".

As bolsas de apostas abriam

com Popó como azarão na proporcão de 2,75 por 1. Seu último combate, no qual conquistou o título das leves da OMB, é lembrado de forma negativa.

Na entrevista coletiva, Don King e outros se referiram co-

mo "o momento de Freitas passar a tocha a Diaz". Na vida toda, evolui. Veja que este castanho está construindo nome edificadas. Assim também é no boxe", filosofou o promotor.

Questionados pela **Folha**, Freitas afirmou: "Não sei se

Popó é Diaz reconheceu que a situação atual lembra aquela na qual Popó derrotou o cubano Joel Casamayor em 2002: o jovem e ambicioso campeão contra seu mais perigoso e conhecido adversário. Só que agora, para o lutador brasileiro, seu papel foi invertido.

É só que eu venço meu adversário daquela vez. E Diaz não vai [ganhar]", falou Popó. Todos dizem que esta é a luta mais importante para Freitas, como ele foi com Casamayor, deve fazer com ele. Para tomar o lugar de alguém você deve bater esse alguém", disse Diaz, 23, que em um ano e meio se formou em direito pela Universidade de Houston.



Com Don King no fundo, Popó e Juan Diaz, adversários nesta noite, posam em Mashantucket

O COMBATE			
Pela unificação de cinturões dos pesos-leves			
	Acácio Freitas		Juan Diaz
	Popó	Arleão	El Torito
	31	Idade	23
	21. set. 05	Data de nascimento	17. set. 83
	Salvador (BA)	Local de nascimento	Houston (EUA)
	1,68 m	Altura	1,68 m
	38	Vitórias	31
	1	Derrotas	0
	32	Nocturnas	15
	Campeão da OMB	Título	Campeão da AMB

BOA SORTE A AMBOS

Joel Casamayor, considerado hoje o melhor leve do mundo, mas sem apelo televisivo, foi à cerimônia de pesagem e abençoou Popó e Juan Diaz, desejou boa sorte a ambos e disse a cada um, separadamente, que eles venceriam o combate. Ele deseja uma chance contra o vencedor, Popó e Diaz, pesam o limite da categoria (62,2 kg). Na principal preliminar, o brasileiro Agnaldo Nunes pega Carlos Navarro.

Estratégia do brasileiro faz do contragolpe a arma

DO ENVIADO ESPECIAL A MASHANTUCKET

A fórmula que Popó usará para tentar domar "El Torito" Juan Diaz terá mais contragolpe do que a iniciativa de Freitas, segundo a **Folha** constatou ao assistir ao último treino de brasileiro, autônomo. Seu time não confirmou a tática, mas, ao realizar treinos com manoplas (espécie de luvas usadas pelo técnico nas quais o lutador lança socos) com o treinador Ulisses Pereira, ficou claro que Popó pretende adotar como arma principal as finas para atrair Diaz para o ataque, além de usar rápida movimentação lateral e encorajá-lo ao longo do combate.

Popó ainda treina lançar golpes ao caminhar para trás, para tirar proveito do estilo do rival, que caminha para a frente mas não tem peso. A estratégia do americano é "afogar" os rivais com pressão e alta quantidade de socos. "O único

jeito de Popó não ganhar é se acontecer algo com seu fôlego na luta, mas isso não ocorre", diz o técnico Oscar Suarez.

A preocupação se deve ao fato de o limite Diaz acabar suas lutas quase no mesmo ritmo que as suas. Além disso, ele já se acostumou a disputar 12 assaltos. Quatro de suas seis lutas por título foram decididas por pontos — as outras foram vencidas por nocaut técnico.

Diaz, que não escondia que era gordo com oito anos, afirmou que o fato de ainda carregar gordura o ajuda. "Enquanto os outros ganham músculo e se desgastam mais nos assaltos finais, eu quero gordura. É como um tanque extra de combustível. Posso não ter o corpo mais definido do mundo, mas isso não é conceito de fisiculturismo." **ao**

NA INTERNET: veja a análise da luta por Eduardinho em www.folha.com.br/boxing/popodiaz

RODRIGO BUENO

Portunhol

Na América, a Libertadores
festeja barreira 'brazuca'; na
Europa, português fala pouco
e alto nos virtuais finalistas

momento, Cristiano Ronaldo é o luso quanto maior ameaça ao Milan, o mais brasileiro time dentre os semifinalistas da Champions League (até o checo Milan fala português).

O Chelsea, em boa viagem contra o Liverpool, entende muito bem o idioma de seu excelente treinador, José Mourinho, português que tem em sua comissão técnica, além de vários paricicos (Rui Faria, Sérgio Louro e André Villas-Boas), um brasileiro, Balthazar Brito. E o Liverpool, desde o título europeu de

2005, mais que arranha o espanhol. Em campo, Reina, Arbeloa, Xabi Alonso, Luis Garcia, Mark González, Mascherano e Puyol, sem contatos garotos Duro e Insua. Na comissão técnica, Rafa Benítez e mais cinco estrangeiros (Fábio Aurélio não tem com quem falar português no time).

A língua espanhola é dominante mesmo, porém, na Copa da Uefa. Espanyol, Osasuna e Sevilla vivem as semifinais e o time catalão já está com os dois pés na decisão após os 3 a 0 no Wondier Bremen de Diego e Naldo. No lugar desses favoritos, Eduardo Costa e Jonathan, do Espanyol, deverão falar português na final. Os "brazucas" Adriano, Daniel Alves, Luis Fabiano e Renato ainda são esperados lá com o Sevilla, apesar do 1 a 0 do Osasuna na partida de ida.

FIFÉ

Custou, mas veio um posicionamento de verdade da Fifa sobre a Copa de 1950. O Palmeiras ainda não é campeão mundial. E, se for aprovado como tal pelo Comitê Executivo da Fifa, não significa que será campeão mundial reconhecido por todo mundo. Mais uma vez, cada um reconhece o que quer.

FIAHANO

Amanhã, sai o segundo time no Mundial-2007. O Ba, de Fiji, joga forte e pelo empate contra o Waitakere da Nova Zelândia. O Pachuca, que fala espanhol, já está lá. Os últimos dois Mundiais foram ganhos por times "brazucas" com gringos.

INGLÊS

Na semana passada, "coloquial" os donos do Liverpool no comando do Manchester United. Gillett e Hicks são Reds, não Red Devils.

rbueno: @folha.com.br

A BERTA final das duas principais competições interclubes continentais do planeta mistura por um lado o segredo por outro a língua portuguesa da Espanha.

Em uma vinda de moço (o bom português brasileiro) na calada do dia, em meio ao início da atual Libertadores, não é difícil que se tenha uma final com times do mesmo país se três ou quatro clubes contrários chegassem às semifinais.

A mudança de regra em cima da hora visa, assumidamente, evitar mais uma decisão castrada (em 2005 e 2006, os dois portugueses) e vale por que a Conmebol não precisa seguir o Estatuto do Torcedor Brasileiro. O fato é que só haverá final brasileira agora se o extremo Paraná chegar obrigatoriamente às semifinais, deixando os botes e experimentados times de Libertadores Juniors, Nels, Sarsfield para trás. Mesmo assim, para sair essa terceira decisão "brazuca", conectada, além da maior façanha da história do Para-

ná, será preciso o Santos estar na semifinal, e o uruguaio Inferno, não. Artimeira da Conmebol e de cartolas dos países vizinhos que se unem na língua espanhola? Talvez.

Não há chance de final argentina (só restará um "hermano" nas quartas) ou de decisão mexicana (bom ainda a maior na Conmebol do que uma nova final em português). Há chance enorme, de todas as formas, de a decisão da Libertadores ser no Brasil, pois Flamengo, Grêmio, Santos e São Paulo decidem em casa na final contra o Boca Juniors e contragolpe que equipe mexicana pelo regulamento. Pode apostar desde agora em uma final espanhola portuguesa. Na Europa, a moda é futebol inglês, mas isso corrompe, só se certa página. O melhor jogador do

Os aflitos¹³

José Geraldo Couto

Salve o Corinthians.

A frase que abre o hino corintiano ganha de tempos em tempos (como agora) um sentido dramático. Em momentos assim, a torcida alvinegra fica à espera de alguém que salve seu time.

Pode ser qualquer um – um treinador tarimbado como Carpegiani ou um talento adolescente como Lulinha; um escroque com a mala cheia de dólares suspeitos ou o pai-de-santo da esquina –, pouco importa, contanto que salve.

O salvacionismo é a verdadeira religião corintiana. E o Pacaembu é o verdadeiro estádio dos aflitos. Na noite de anteontem, na derrota para o Náutico, o lugar foi palco de cenas de um grotesco desespero.

Numa delas, talvez a mais eloqüente, um torcedor embriagado invadiu o campo, enganou um par de seguranças com fintas de corpo, sob a ovação da torcida (que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer), e acabou tendo a calça arrancada quase inteiramente quando tentava saltar o alambrado de volta para a arquibancada.

O detalhe é que, na sua evolução errática pelo gramado, o invasor jogou fora ou deixou cair negligentemente a camisa do clube, que trazia na mão. Foi como se dissesse que o Corinthians não interessava mais, e sim a exibição narcisista da sua própria falta de rumo, do seu desvario.

Para seguir vivo na Copa do Brasil, o Corinthians podia empatar o jogo em 0 a 0 ou 1 a 1. O placar de 2 a 2 levaria para os pênaltis. Bastava, portanto, segurar a bola, deixar o adversário se inquietar, jogar no seu erro. Mas o Corinthians, esse Corinthians espasmódico e acéfalo que emerge nos momentos de crise, não é capaz de premeditação e sangue frio. Essas qualidades couberam ao Náutico, que poderia ter saído de São Paulo com uma goleada.

É, amigos, ser corintiano é um aprendizado do sofrimento.

Manuel Bandeira, ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol. Mas em 1906, quatro anos antes da fundação do Corinthians, compôs um poema que poderia ser o verdadeiro hino do clube, ou pelo menos a canção que todo corintiano deveria cantar para ninar seu filho.

É o soneto “Renúncia”, tão belo que merece ser transcrito na íntegra, em homenagem aos 30 mil fiéis que foram ao Pacaembu anteontem:

“Chora de manso e no íntimo... Procura/Curtir sem queixa o mal que te crucia:/O mundo é sem piedade e até riria/ Da tua inconsolável amargura.

“Só a dor enobrece e é grande e é pura./ Aprende a amá-la que a amarás um dia./ Então ela será tua alegria,/ E será, ela só, tua ventura...

“A vida é vã como a sombra que passa.../ Sofre sereno e de alma sobranceira,/ Sem um grito, sequer, tua desgraça.

“Encerra em ti tua tristeza inteira./ E pede humildemente a Deus que a faça/ Tua doce e constante companheira...”

¹³ Texto de José Geraldo Couto publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 28 de abril de 2007.

A análise será feita buscando-se as marcas da intertextualidade e a produção de sentido. Segue-se o estudo:

Os aflitos

Os aflitos é um título carregado de significados e nos remete ao nome do estádio do time do Náutico, que é justamente “Estádio dos Aflitos” e, por analogia e aproximação semântica das palavras, a títulos da literatura como *Os miseráveis*, de Victor Hugo.

A idéia de uma saga é bastante pertinente tendo em vista os elementos necessários para a cena descrita no texto em estudo. O termo “aflitos” explicita o estado emocional dos atletas e torcedores corintianos no campeonato da Copa do Brasil. Considerando a suposta analogia do título da crônica “Os aflitos” com o título da obra de Victor Hugo “Os miseráveis”, podemos, então, afirmar que ocorre um caso de *détournement* de título de texto literário, uma vez que procede a uma forma de retextualização por substituição de palavras.

O vocábulo “aflitos”, como empregado no título da crônica, define, caracteriza, nomeia. Nesse caso, a expressão “os aflitos” refere-se tanto aos jogadores que se encontram tensos na partida contra o Náutico, quanto aos torcedores que aguardam por um resultado satisfatório para o seu time. No decorrer do texto, o termo “aflitos” ganhará outra dimensão semântica, passando a qualificar o vocábulo “estádio”.

No plano lingüístico, temos o duplo sentido da palavra “aflitos”, o que ocorrerá também com a palavra “salve”, forma irônica que aparece confirmando o elemento intertextual presente no trecho a seguir.

Salve o Corinthians. A frase que abre o hino corintiano ganha de tempos em tempos (como agora) um sentido dramático. Em momentos assim, a torcida alvinegra fica à espera de alguém que salve seu time.

Quando o autor considera que, de tempos em tempos, a frase do hino ganha sentido dramático, ele está afirmando que, em outros tempos, o sentido difere, ou seja, o sentido do hino varia conforme a situação de determinado momento.

A expressão “Salve o Corinthians” aciona dois planos de leitura. O primeiro é o termo mencionado no início do hino do time corintiano¹⁴, “Salve o Corinthians,/O

¹⁴ Ver anexo IX, letra do hino do Corinthians.

campeão dos campeões,/Eternamente/Dentro dos nossos corações”, que tem o significado de saudar e que nos faz lembrar a figura de César, o estadista poderoso que recebia a saudação “Salve César”, quando aparecia em público. O elemento irônico está presente nessa idéia, pois os corintianos cantam o hino do time cuja letra é composta por vocábulos como “grande” e “altaneiro” que qualificam elemento grandioso, somado à saudação feita na maioria das vezes que o time aparece para uma partida. A segunda interpretação, que é a sugerida pelo autor, tem o significado de salvar, ou seja, socorrer alguém que esteja em perigo ou necessitando de ajuda imediata. Esse trecho mostra que dependendo do conhecimento prévio do leitor, este construirá ou não novos sentidos para o texto.

A intertextualidade implícita do trecho em estudo será de maior ou menor grau de compreensão dependendo do conjunto de informações que está armazenado na memória de longo termo. Esse conhecimento consiste em uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória, contendo experiências de vida, acontecimentos, eventos situacionais cotidianamente (ou não) vividos e adquiridos durante a vida, armazenados em blocos chamados *frames*¹⁵.

Pode ser qualquer um – um treinador tarimbado como Carpegiani ou um talento adolescente como Lulinha; um escroque com a mala cheia de dólares suspeitos ou o pai-de-santo da esquina –, pouco importa, contanto que salve.

Nesse trecho, a intertextualidade implícita nos remete a comentários aparentemente conhecidos do público em geral e sem esse conhecimento prévio, a produção de sentido fica comprometida. O cronista, com o procedimento da inversão, ou seja, os termos “treinador tarimbado”, “talento adolescente como Lulinha”, “mala cheia de dólares suspeitos” e “pai-de-santo da esquina” explica a situação desesperadora em que se encontra o time e que os papéis que cada um dos mencionados desempenha não são relevantes, contanto que salvem o time.

O autor contrapõe a experiência renomada de um técnico que já foi jogador de futebol, com um iniciante promissor no meio futebolístico como Lulinha. Ainda nessa idéia de contrastes, explora os nomes Carpegiani e Lulinha. Enquanto um tem nome estrangeiro, o outro não passa de um apelido no diminutivo.

¹⁵ *Frames* são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo “rótulo”, sem que haja qualquer ordenação entre eles (Koch e Travaglia, 2008)

No trecho “um escroque com a mala cheia de dólares suspeitos”, o autor conta com o conhecimento enciclopédico do leitor e faz alusão ao caso do assessor de um deputado que foi preso com dólares em uma mala e na cueca, fato amplamente divulgado nos meios de comunicação¹⁶. Assim, em relação à intertextualidade, podemos afirmar que conhecer o texto-fonte ou o modo de constituição é condição importante para a construção de sentido e, além do conhecimento do texto-fonte, a retomada de textos em outros textos sugere a construção de novos sentidos, pois são colocados em uma outra situação de comunicação e objetivos.

Quando o autor cita “pai-de-santo da esquina”, faz referência à crendice de que o Corinthians tivesse vínculo com umbandistas, remetendo ao conhecimento prévio desse episódio sabido pela maioria da torcida.

Segundo Bellos (2002):

Pai Nílson foi convidado para trabalhar no Corinthians em 1982 por Vicente Matheus, presidente do clube na época. Na verdade, pela mulher dele. Marlene Matheus esteve no terreiro de Pai Nílson nos arredores de São Paulo buscando orientação espiritual. Depois ele trabalhou na sede do Corinthians, o Parque São Jorge, ganhando cerca de quatro salários mínimos. “Todo esse negócio é muito disfarçado”, diz José Eduardo Savóia, um jornalista que cobre o Corinthians. “Ninguém do clube jamais admitiria ter um pai-de-santo porque estaria desvalorizando o trabalho do técnico e dos jogadores.”¹⁷

O autor retoma, no final do parágrafo em análise, o vocábulo “salve” com o sentido novamente de “salvar”, depois de relacionar as formas que poderiam proceder a esse salvamento.

O salvacionismo é a verdadeira religião corintiana. E o Pacaembu é o verdadeiro estádio dos aflitos. Na noite de anteontem, na derrota para o Náutico, o lugar foi palco de cenas de um grotesco desespero. Numa delas, talvez a mais eloqüente, um torcedor embriagado invadiu o campo, enganou um par de seguranças com fintas de corpo, sob a ovação da torcida (que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer), e acabou tendo a calça arrancada quase inteiramente quando tentava saltar o alambrado de volta para a arquibancada.

Por meio do uso da metáfora, o autor expressa a posição em que se encontra o time corintiano, comparando o salvacionismo à religião e o estádio do Pacaembu ao lugar onde devem estar os aflitos.

¹⁶ Ver anexo VII, matéria divulgada no dia 08 de julho de 2005.

¹⁷ BELLOS, A. *Futebol: o Brasil em campo*, p. 174-175.

Nesse trecho, o vocábulo “aflitos” que aparece no título do texto ganha novo valor semântico porque passa a qualificar a palavra “estádio”, ou seja, ocorre a recontextualização do léxico. Já o termo “cena” designa uma unidade de ações num teatro e o sentido produzido por seu emprego é do espetáculo que se vê em uma peça teatral e, pressupõe também, o cidadão que assistirá à apresentação.

Temos nesse trecho uma introdução à grotesca e cômica cena que os espectadores assistiram na noite anterior. A intertextualidade temática encontrada é a que faz referência a outro texto¹⁸ da mesma área. O autor menciona o episódio ocorrido com um torcedor que, bêbado, invadiu o campo, enganou policiais e teve a calça arrancada quando voltava para a arquibancada. A notícia foi divulgada pelo mesmo jornal no mesmo caderno no dia anterior à publicação da crônica, ou seja, mesmo que o leitor não tivesse lido a matéria, estaria inserido no assunto que foi resumido pelo cronista em seu texto.

Quando o autor explica entre parênteses (*que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer*), referindo-se à torcida que aguardava aplaudir a partida do seu time como fizera em outros momentos, entendemos que há intertextualidade implícita que recorre a outros textos de fonte não mencionada, porém armazenados na memória do leitor para a produção e interpretação do presente texto. A forma como o fenômeno é percebido mostra o diálogo de um texto com outro já existente. O autor recorre ao texto-fonte com a intenção de despertar no leitor o reconhecimento do texto e a realização sobre ele de alteração com o objetivo de um efeito novo de sentido e de humor.

Podemos resgatar Maingueneau (1997), que inclui nos fenômenos de heterogeneidade mostrada de imitação, dois valores opostos: a captação e a subversão. No primeiro, a imitação reflete a estrutura explorada, que é o caso do trecho em análise; no segundo, desqualifica-a no próprio processo de imitação. Koch (2001) aproxima-se dessa idéia quando propõe, então, a intertextualidade das semelhanças (o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa e, freqüentemente, para apoiar nele a argumentação) e das diferenças (o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão como a paródia, a ironia ou a estratégia argumentativa).

¹⁸ Ver anexo I, texto integral da matéria mencionada e publicada em 27 de abril de 2007.

O texto em análise consegue fazer com que os leitores riam do episódio e reflitam também sobre o ridículo do comportamento humano.

O detalhe é que, na sua evolução errática pelo gramado, o invasor jogou fora ou deixou cair negligentemente a camisa do clube, que trazia na mão. Foi como se dissesse que o Corinthians não interessava mais, e sim a exibição narcisista da sua própria falta de rumo, do seu desvario.

Aqui, o autor faz uma interpretação da ação do torcedor em deixar cair a camisa do time durante a invasão ao gramado do estádio e afirma ter sido um detalhe o ocorrido. Porém, percebe-se que o episódio é seguido de uma interpretação a respeito do que pensam os torcedores corintianos no momento do campeonato. Há uma analogia entre o torcedor embriagado, sem lucidez e inconsciente e o time do Corinthians que também estava desorientado, sem rumo e abandonado pela própria torcida.

O vocábulo “desvario” traz novamente o sentido extremo do desespero, da loucura, do delírio, do desacerto do time.

O autor destaca também que a camisa do time corintiano tem um simbolismo, representa sua devoção. Nesse contexto, as expressões “jogou fora” ou “deixou cair”, significam não mais “vestir a camisa”, expressão que indica o descomprometimento, o não fazer mais parte daquela equipe, daquele time.

A intertextualidade explícita nesse trecho está ligada à figura de Narciso, personagem da mitologia que idolatrava sua própria imagem refletida e, hoje, esse vocábulo faz parte do senso comum, léxico usado para qualificar o que é belo e ao mesmo tempo “doentio”. O termo “exibição” que recebe a qualificação de “narcisista” exemplifica certa prepotência por parte do time corintiano.

Para seguir vivo na Copa do Brasil, o Corinthians podia empatar o jogo em 0 a 0 ou 1 a 1. O placar de 2 a 2 levaria para os pênaltis. Bastava, portanto, segurar a bola, deixar o adversário se inquietar, jogar no seu erro. Mas o Corinthians, esse Corinthians espasmódico e acéfalo que emerge nos momentos de crise, não é capaz de premeditação e sangue frio. Essas qualidades couberam ao Náutico, que poderia ter saído de São Paulo com uma goleada. É, amigos, ser corintiano é um aprendizado do sofrimento.

A expressão “para seguir vivo” personifica o time de futebol e causa comicidade. Nesse exemplo, encontra-se um sentido indicador da incapacidade do time em relação a conhecimentos básicos, mínimos, pressupostos para o time “Bastava, portanto, segurar a bola, deixar o adversário se inquietar, jogar no seu

erro". Há uma "quebra" de expectativa por parte do público que esperava certa esperteza, mínima para o time. É possível perceber a relação que se estabelece e o efeito irônico que se busca no texto do colunista.

Nesse trecho, o vocábulo "espasmódico" sugere a falta de linearidade no desempenho do time, alternando bons e maus momentos. Por sua vez "acéfalo" sugere a falta de inteligência e controle emocional em momentos de decisão.

O vocabulário coloquial da crônica é uma ferramenta utilizada pelo cronista para enfatizá-la como texto informal, que se vale de um vocabulário próximo do público. No entanto, o que observamos com o emprego dos termos "espasmódico" e "acéfalo" é justamente a presença mais rebuscada do léxico para a composição do parágrafo. Logo, o que notamos é a riqueza de ambas as formas de linguagem, coloquial e formal na abordagem nesse gênero tão híbrido.

A linguagem coloquial, o texto informal e o uso do vocativo "É, amigos", referindo-se ao leitor, aproximam o locutor e o interlocutor, proporcionando a familiaridade de um bate-papo, comum na crônica esportiva.

A ironia presente na metáfora "ser corintiano é um aprendizado do sofrimento" aciona o *frame* de que o corintiano só sofre, é o estereótipo¹⁹ do sofredor, aliado ao mau desempenho do time no campeonato da Copa do Brasil.

Manuel Bandeira, ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol. Mas em 1906, quatro anos antes da fundação do Corinthians, compôs um poema que poderia ser o verdadeiro hino do clube, ou pelo menos a canção que todo corintiano deveria cantar para ninar seu filho.

A intertextualidade construída pelo colunista é irônica e intensifica o sentido jocoso da situação em que se encontra o time corintiano no campeonato da Copa do Brasil. O autor menciona um poema de Manuel Bandeira que, "ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol", mas compôs um poema que poderia ser um hino para ninar os filhos dos corintianos.

¹⁹ Para a Análise do Discurso, a questão do estereótipo aparece, inicialmente, associada ao pré-construído, conceito elaborado por Henry (1975) e fixado por Pêcheux (1975) à AD. A noção de pré-construído envolve a diferenciação entre o que está inscrito no enunciado e sua representação marcada pelas idéias, valores e crenças inerentes ao discurso. Charaudeau & Maingueneau (2006:401) esclarecem que o pré-construído "pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior; portanto ele se opõe àquilo que é construído no momento da enunciação".

A relação estabelecida entre o poema e a fase ruim do time é uma coincidência de semelhança temática que configura-se na intertextualidade temática, ou seja, o poema ganha novas interpretações no contexto em que foi empregado.

Notamos nesse parágrafo que o autor cita dois importantes nomes da literatura brasileira esperando que o leitor tenha conhecimento senão de suas obras, pelos menos de seus nomes consagrados e de suas áreas de atuação. A única informação dada é a de que um deles, Manuel Bandeira, compôs um poema, logo, trata-se de um poeta. Espera-se que o conhecimento prévio do leitor seja ativado para que a produção de sentido pretendida pelo autor alcance seu objetivo.

*É o soneto "Renúncia", tão belo que merece ser transcrito na íntegra, em homenagem aos 30 mil fiéis que foram ao Pacaembu anteontem:
"Chora de manso e no íntimo... Procura/ Curtir sem queixa o mal que te crucia:/ O mundo é sem piedade e até riria / Da tua inconsolável amargura.
"Só a dor enobrece e é grande e é pura. / Aprende a amá-la que a amarás um dia. / Então ela será tua alegria,/ E será, ela só, tua ventura...
"A vida é vã como a sombra que passa.../ Sofre sereno e de alma sobranceira,/ Sem um grito, sequer, tua desgraça.
"Encerra em ti tua tristeza inteira./ E pede humildemente a Deus que a faça/ Tua doce e constante companheira..."*

Identificamos aqui a intertextualidade explícita quando o autor cita e transcreve na íntegra o poema intitulado "Renúncia"²⁰ que, inserido na crônica, propicia a destituição da poeticidade constitutiva do enunciado, enquanto parte de um livro de poemas, e produz o efeito de humor no gênero em que aparece.

O soneto, no contexto em que foi empregado, é repleto de ironia e os vocábulos "dor", "desgraça", "tristeza", são termos que caracterizam o torcedor corintiano e os estados de conformismo, aceitação e renúncia que restam nesse momento. Segundo Maingueneau (2008), a ironia inclui-se nos fenômenos de intertextualidade manifesta como imitação que pode assumir valor de subversão. Nela, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão, desqualificando-o no próprio processo de imitação.

Segundo Marcuschi (2008), é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções. No entanto, isso não causa dificuldade para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e

²⁰ Poema que faz parte da obra *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira (1917:34).

dinamicidade dos gêneros. Mas, o autor aponta a dificuldade, em alguns casos, de identificar os gêneros e, para tanto, cita como exemplo, o texto que apareceu em quase todos os periódicos semanais e jornais diários, por ocasião da despedida do autor do personagem Snoopy²¹. O exemplo mostrava o gênero *tirinha de jornal* ou *história em quadrinho* e uma carta pessoal de despedida, ou seja, dois gêneros inseridos em um mesmo espaço, assim como ocorre no último parágrafo da crônica em estudo.

Temos o poema de Manuel Bandeira citado na íntegra na crônica esportiva, o que comprova que os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros (Bakhtin, 2003).

A seguir analisaremos o segundo texto do *corpus*, a crônica intitulada *Meu vizinho é pior que Hitler*, de José Roberto Torero, publicada no dia 25 de janeiro de 2007.

²¹ Ver anexo VI, reprodução da tirinha do Snoopy e data da publicação.

Começo lembrando aos mais desatentos que já tivemos os primeiros jogos dos campeonatos estaduais. Não houve nenhum clássico, mas há uma certa curiosidade sobre o torneio. Já se pensa que o Palmeiras está melhor que o ano passado, que o Corinthians superou a perda dos seus times, que o Santos já está montado e que o São Paulo começa a se recompor. Sem falar que o Noroeste parece ser a surpresa da vez. Ou melhor, da vez, não. De novo.

Muitos comentaristas respeitáveis não dão o mesmo peso aos torneios regionais. Acho que esses torneios regionais possuem um charme especial. E acredito que isso ocorra por três razões:

A primeira parte da própria história do futebol brasileiro. Ele nasceu

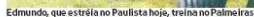
Uma segunda explicação é que, do mesmo jeito que o Brasil não é um país totalmente integrado culturalmente, com profundas diferenças regionais, seu futebol também é repartido e possui características locais. Assim, o futebol carioca é mais cadenciado do que o paulista,

Pergunte a um vascaíno se ele prefere vencer o Flamengo ou o Cruzeiro. Indague a um cruzeirense se ele gostaria mais de ganhar do Atlético.

Assim, nada mais normal do que

Mas devo claro que este não é o seu caso, seu Manoel, ainda mais que, depois de apenas quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, finalmente acabou sua reforma.

torre@uol.com.br



Atacante veterano deve ocupar hoje a vaga de William em sua estréia no Estadual

MÁRVIO DOS ANJOS
DA REPORTAGEM LOCAL

Aos 35 anos, tão respaldado pela torcida como o goleiro Marcos, Edmundo é um dos pontos de interseção entre o Palmeiras vitorioso dos anos 90 e o renovado time que busca reafirmar candidatura à taça.

SÃO PAULO, 17h
Palmeiras
Marcelo Diniz, Pierre e Edilson; Paulo Baler, Wenzel, Marcelo Costa, Edmundo, Valdeir e Michael; Osmar (William)
Técnico: Carlos Almaraz

Estádio Parque Antarctica
Joinville, Luiz Filipe de Oliveira

[+] SANGUENOVOS:
CRISTIANO DEVE
ESTREAR NO 2º TEMPO

Um dos três atletas provenientes do Paraná de Caio...

Jr., o atacante Cristiano foi relacionado e deve entrar durante o jogo. "A idéia é dar chance a ele na segunda etapa. Sempre uso três substituições, mas, obviamente, quem entra, depende da circunstância", diz Caio Jr.

despistar: "Na minha cabeça, eu tenho que vir sair, mas estou pensando com calma porque é uma situação nova e vou definir-me amanhã [hoje]."
Edmundo foi poupado das duas primeiras rodadas para corrigir um desequilíbrio muscular de 27% nas pernas. Também não jogou no Nacional, por suspensão semelhante.

O atacante está há dois meses e meio sem atuar, devido a uma contusão na retina final do primeiro semestre. Ele não havia declarado que deseja se despedir do futebol no time alviverde, de preferência com um título. "O Palmeiras merece".

Depois de sofrer com o amador e o meia Valdivia, com dores musculares, foram poupados, mas não devem ser problema para o clube. André, interpretando na tabela, Paulinho, sem pontos conquistados.

Estruturados, São Paulo e Cruzeiro ostentam contratos longos com quase todos os seus novos craques

[+] TRADIÇÃO:
DECISÃO VOLTA
A REUNIR 2 GRANDES

A final da Copa São Paulo júnior reúne neste ano dois fundadores do Clube dos 13. No ano passado, a decisão não despertou tanta atenção no país por ter sido disputada por pequenos times do interior paulista, América e Comercial. O São Paulo tenta o tricampeonato (venceu em 1993 e 2000). O Cruzeiro busca um título inédito.

caembu, palco da decisão da Copa São Paulo Júnior, as 10h.

Todos os nossos jogadores são profissionais, e alguns já jogaram em centros de treinamento com o Flamengo. É o caso de Francisco Júnior, que cuida do time júnior são-paulino.

Sergio Mota, meia que desfalca o São Paulo hoje por estar ausente há mais de um mês, tem grandes destques do torneio. Seu contrato com o São Paulo vai até agosto de 2008.

Não Cruzeiro, o principal nome da competição não se vinculou com o time, pela CBF, vai até novembro de 2009.

"Os contratos de nossos atletas podem ser até mais longos do que os do Real Madrid, mas alguns contratos têm opção por mais dois ou três anos", falou Marcone Barbosa, assessor de imprensa do Cruzeiro.

Levantamento feito pela Folha de São Paulo com os jogadores finalistas aponta que só um

atleta do São Paulo e quatro jogadores do Cruzeiro poderiam ser aproveitados por outros clubes. Neste ano, por término de contrato, o jogador de futebol "Nô" não cuidamos dos contratos, que é com o departamento profissional. Mas nos antecipamos, e, antes da Copa do Brasil, o jogador de futebol "ran entendidos", falou Marcos Tadeu Nunes, diretor das divisões de base do São Paulo.

O Flamengo, único grande clube brasileiro que não possui uma edição deste ano da Copa do São Paulo Júnior (88 times entram na disputa), teria ficado com recuo em especial de perder o jogador de futebol "ran entendidos", que não pode, devido a uma das maiores revelações paulistas, fizesse, foi para o São Paulo após o encerramento de seu contrato. Alexandre Pato só fez uma temporada no clube da Intercontinental, depois, que se

longo vínculo com seu clube. O Corinthians teme perder agora o lateral-direito Fagner, da seleção sub-20 —seu contrato atual acaba no final do mês.

▶ **NA TV - São Paulo x Cruzeiro**
Globo (só para SP); ESPN Brasil,
Rede Vida e Sportv, às 10h

FISIOTERAPIA
4 ANOS
na UNG
Notas
R\$ 675,00
0800 15 88 22
www.ung.br
UNIVERSIDADE
Novo Hamburgo
UNIG
Sua Universidade. Sua Carreira.

**SÃO PAULO
É COMO A BRAHMA:
TODO MUNDO AMA.**
PARABÊNS, SÃO PAULO.



The advertisement features a vibrant red background. On the left, a tall glass of golden beer with a thick white head of foam is shown. To its right are two bottles of Brahma beer; one is a full bottle and the other is a can, both condensation-covered. The Brahma logo, which includes a crest with a star and the text 'Cerveja Especial', is visible on the bottles. On the far right, the Brahma logo is repeated in a circular emblem, with the tagline 'TODO MUNDO AMA' underneath it. At the bottom right, the text 'APRECE COM MODERAÇÃO' is written in a smaller font.

Meu vizinho é pior que Hitler²²

José Roberto Torero

Calma, seu Manoel, não é nada contra o senhor. Leia o texto até o final e o senhor vai entender.

Começo lembrando aos mais desatentos que já tivemos os primeiros jogos dos campeonatos estaduais. Em São Paulo, por exemplo, ainda não houve nenhum clássico, mas já há uma certa curiosidade sobre o torneio. Já se pensa que o Palmeiras está melhor que no ano passado, que o Corinthians superou a perda dos argentinos, que o Santos está bem montado e que o São paulo começa a se recompor. Sem falar que o Noroeste parece ser a surpresa da vez. Ou melhor, da vez, não. De novo.

Muitos comentaristas respeitáveis são contra os campeonatos estaduais. Eu não (não sou contra nem muito respeitável). Acho que esses torneios regionais possuem um charme especial. E acredito que isso ocorra por três razões:

A primeira parte da própria história do futebol brasileiro. Ele nasceu nessas competições. Seu parto foram os campeonatos estaduais. O primeiro Paulista, por exemplo, aconteceu já em 1902. No entanto, a primeira competição interestadual, o Rio-São Paulo, só foi parida 31 anos depois. E o primeiro interregional, a Taça de Prata, veio à luz apenas em 1959 (e essa primeira edição foi vencida pelo Bahia, que tinha em seu ataque os grandes Bombeiro e Biriba e ganhou duas vezes do poderoso Santos de Pelé).

Uma segunda explicação é que, do mesmo jeito que o Brasil não é um país totalmente integrado culturalmente, com profundas diferenças regionais, seu futebol também é repartido e possui características locais. Assim, o futebol carioca é mais cadenciado do que o paulista, que é menos aguerrido do que o gaúcho etc... E, em geral, temos apreço maior pelo estilo da nossa própria terra.

E a terceira e principal razão para o meu gosto pelos campeonatos estaduais, seu Manoel, é que neles encaramos nossos algozes cara a cara.

Sim, porque o verdadeiro rival é aquele que está mais perto.

Pergunte a um vascaíno se ele prefere vencer o Flamengo ou o Cruzeiro. Indague a um cruzeirense se ele gostaria mais de ganhar do Atlético-MG ou do Internacional. Questione se um colorado quer ganhar de um Grêmio ou de um Palmeiras. E, para não ficarmos só no sul-maravilha, é bom dizer que o torcedor do Bahia gosta mesmo é de vencer o Vitória, que o do Remo quer é ganhar do Paysandu e que o do Vila Nova sonha em golear o Goiás.

Enfim, pergunte a um brasileiro se ele sonha em golear a Argentina ou a Alemanha.

Como dizia um grande sábio oriental (não lembro se foi Lao Tsé ou o seu Nakamura, que vende pastéis na feira perto de casa): “O barulho do radinho de pilha do vizinho me soa mais alto que um estrondo em Bagdá”.

Assim, nada mais normal do que nossos maiores inimigos serem nossos vizinhos. Saddam Hussein era um sujeito abominável, mas o cara que mora em cima de meu apartamento e que não conserta seu vazamento é que faz meus azulejos caírem. Bush Jr. Mata dezenas de pessoas a cada dia, mas o enlouquecido pequinês do 204 é que não me deixa dormir. E o Internacional é um grande clube, mas se o Santos ganhar do Corinthians é que eu fico feliz.

Esse sentimento de dar mais valor ao que está próximo não é algo muito bonito. Melhor seria se tivéssemos noção de que fazemos parte da humanidade, de um todo, do mundo. Porém não é assim que acontece. Para a grande maioria, o vizinho é um tirano maior do que Hitler.

Mas deixo claro que este não é o seu caso, seu Manoel, ainda mais que, depois de apenas quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, finalmente acabou sua reforma.

²² Texto de José Roberto Torero publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 25 de janeiro de 2007.

Podemos iniciar as observações afirmando que a narrativa é escrita em primeira pessoa e que o cronista utiliza recursos lingüísticos que produzem, para o leitor, um efeito irônico, brincalhão, de conversa fiada.

O título nos remete a uma personalidade da História: o grande ditador nazista Adolf Hitler, ou seja, uma referência negativa de uma figura que cometeu atrocidades conhecidas por grande parte da população mundial. No entanto, o autor não esclarece quem é Hitler e conta com o conhecimento prévio do leitor para a construção de sentido.

A afirmação “Meu vizinho é pior que Hitler” transmite-nos uma idéia informal de diálogo entre vizinhos, mas, ao mesmo tempo, com uma relação nada amigável entre eles, uma vez que a associação feita com a figura de Hitler permite-nos a imagem da inimizade e antipatia entre vizinhos.

Portanto, o título do texto, por meio da intertextualização da figura do líder nazista com os processos culturais que cristalizam a imagem do mesmo, enfatiza uma briga, disputa, desentendimento entre duas pessoas.

Desde o título, percebe-se a importância dos processos intertextuais, tanto para a significação quanto para a produção de sentido dos textos.

Calma, seu Manoel, não é nada contra o senhor. Leia o texto até o final e o senhor vai entender.

Começo lembrando aos mais desatentos que já tivemos os primeiros jogos dos campeonatos estaduais. Em São Paulo, por exemplo, ainda não houve nenhum clássico, mas já há uma certa curiosidade sobre o torneio. Já se pensa que o Palmeiras está melhor que no ano passado, que o Corinthians superou a perda dos argentinos, que o Santos está bem montado e que o São Paulo começa a se recompor. Sem falar que o Noroeste parece ser a surpresa da vez. Ou melhor, da vez, não. De novo.

No primeiro parágrafo desse trecho em análise, supomos que o autor escreve e se dirige diretamente ao “seu Manoel” porque o autor se defende supondo uma resposta precipitada do mesmo e pede que o vizinho leia o texto até o final para compreender o título da sua crônica.

A intertextualidade implícita faz referência a um contexto cujo sentido pouco explicativo do conteúdo desenvolvido, apenas o leitor inserido no contexto futebolístico seria capaz de compreender.

Inicialmente, o autor refere-se ao “seu Manoel” cuja identificação, à princípio, não fica clara, instigando a curiosidade do leitor e associando esse primeiro parágrafo da crônica ao título.

Também é notória a referência feita aos leitores mais “desatentos” para o início dos jogos dos campeonatos estaduais e, então, inserir-se em algumas informações e buscar uma compreensão do assunto desenvolvido.

Muitos comentaristas respeitáveis são contra os campeonatos estaduais. Eu não (não sou contra nem muito respeitável). Acho que esses torneios regionais possuem um charme especial. E acredito que isso ocorra por três razões: A primeira parte da própria história do futebol brasileiro. Ele nasceu nessas competições. Seu parto foram os campeonatos estaduais. O primeiro Paulista, por exemplo, aconteceu já em 1902. No entanto, a primeira competição interestadual, o Rio-São Paulo, só foi parida 31 anos depois. E o primeiro inter-regional, a Taça de Prata, veio à luz apenas em 1959 (e essa primeira edição foi vencida pelo Bahia, que tinha em seu ataque os grandes Bombeiro e Biriba e ganhou duas vezes do poderoso Santos de Pelé).

No caso do jornal *Folha de S. Paulo*, mais especificamente o caderno de esporte, o jornalista pressupõe-se certa assiduidade dos leitores e, nessa perspectiva, o texto estaria apoiado no processo intertextual: os leitores já tiveram contato com o conhecimento de outros comentaristas. O texto em estudo está apoiado na estreita sintonia entre os textos dos diversos colunistas dessa área. Nesse sentido, os novos leitores, ainda sem esse conhecimento prévio, certamente encontrarão alguma dificuldade para processar as informações contidas nesse trecho em que aparecem referências a outros comentaristas.

É possível perceber que o breve histórico apresentado pelo cronista sobre os campeonatos estaduais é insuficiente para que o leitor atinja a compreensão esperada pelo interlocutor. Para entender o texto em sua completude, é fundamental que o leitor possua o conhecimento prévio de alguns conceitos futebolísticos.

Uma hipótese relevante para que as informações não sejam apresentadas com rigor de detalhes encontra resposta justamente no dialogismo dos textos: como afirmam Koch e Travaglia (2008), a noção de conteúdo está diretamente ligada ao conhecimento de mundo. Isso implica dizer que os jornalistas não precisam explicar detalhadamente todas as informações que transmitem, por acreditar que boa parte já é de conhecimento do público. Assim, os autores dos textos podem se concentrar em transmitir aquilo que julgam ser novidade para as pessoas.

Uma segunda explicação é que, do mesmo jeito que o Brasil não é um país totalmente integrado culturalmente, com profundas diferenças regionais, seu futebol também é repartido e possui características locais. Assim, o futebol carioca é mais cadenciado do que o paulista, que é menos aguerrido do que o gaúcho etc... E, em geral, temos apreço maior pelo estilo da nossa própria terra. E a terceira e principal razão para o meu gosto pelos campeonatos estaduais, seu Manoel, é que neles encaramos nossos algozes cara a cara.

Nesses parágrafos, o colunista expõe a segunda e terceira explicações a respeito dos campeonatos estaduais e a afirmação de que o Brasil não é um país totalmente integrado culturalmente, levando o leitor a refletir sobre memórias, sobre cultura do povo, sobre diferenças sociais e questões de preservação do patrimônio histórico para que se tenha lembrança e estudo da história.

O cronista menciona o futebol carioca, atribuindo-lhe breves características baseadas em repertório próprio de conhecimento. Em seguida, ele faz referência ao futebol paulista, ao gaúcho e a reticência indica a continuidade dessa brevidade de relatos. Conclui afirmando que o apreço maior é pela terra onde se mora.

A terceira razão explicada pelo cronista é seguida de tom bastante coloquial quando diz “seu Manoel”, o que é próprio do gênero crônica jornalística, esse bate-papo com o leitor, a informalidade, a linguagem que aproxima os interlocutores.

Sim, porque o verdadeiro rival é aquele que está mais perto. Pergunte a um vascaíno se ele prefere vencer o Flamengo ou o Cruzeiro. Indague a um cruzeirense se ele gostaria mais de ganhar do Atlético-MG ou do Internacional. Questione se um colorado quer ganhar de um Grêmio ou de um Palmeiras. E, para não ficarmos só no sul-maravilha, é bom dizer que o torcedor do Bahia gosta mesmo é de vencer o Vitória, que o do Remo quer é ganhar do Paysandu e que o do Vila Nova sonha em golear o Goiás.

Quando o autor, por meio do verbo “perguntar” no modo imperativo, sugere que o leitor pergunte a “um vascaíno se ele prefere vencer o Flamengo ou o Cruzeiro”, é claro que o mesmo já supõe a provável resposta, pois a rivalidade entre o time do Vasco e do Flamengo, segundo os torcedores, é muito maior do que entre o time do Cruzeiro.

Nesses trechos revela-se a intimidade que o texto procura estabelecer com o leitor e há também uma intertextualidade implícita quando menciona a familiaridade e relações entre os times e seus verdadeiros rivais, ou seja, os clássicos estaduais mais interessantes e o regionalismo dos times. Novamente, o tom de bate-papo com o leitor, como se a conversa apenas se confirmasse nos comentários que, com certeza, o leitor concordará. Há constatações óbvias para o leitor que acompanha os

campeonatos estaduais e compartilha da opinião do cronista sobre a preferência por esses tipos de partidas futebolísticas.

Enfim, pergunte a um brasileiro se ele sonha em golear a Argentina ou a Alemanha. Como dizia um grande sábio oriental (não lembro se foi Lao Tsé ou o seu Nakamura, que vende pastéis na feira perto de casa): "O barulho do radinho de pilha do vizinho me soa mais alto que um estrondo em Bagdá".

Já é sabido e pode-se dizer que faz parte do senso comum futebolístico, afirmar que a partida Brasil *versus* Argentina é chamada de clássico dentro do mundo do futebol e golear esse adversário consiste em uma obrigação, por isso, a afirmação do cronista é irônica quando sugere perguntar a um brasileiro se ele sonha em golear a Argentina ou a Alemanha. O autor sabe a resposta para a suposta pergunta e tem a intenção de, mais uma vez, confirmar a sua defesa sobre as rivalidades locais, uma vez que a Argentina, país da América Latina, é vizinho do Brasil, enquanto que a Alemanha faz parte de outro continente.

No parágrafo seguinte, ainda no mesmo trecho em análise, temos a intertextualidade explícita quando o autor cita entre aspas a frase "O barulho do radinho de pilha do vizinho me soa mais alto que o estrondo em Bagdá". O risível desse trecho está no fato do cronista não saber a autoria da frase e atribuí-la a um grande sábio oriental que pode ser Lao Tsé ou ao seu Nakamura. Para a segunda personagem, o cronista, por meio do uso do apostrofo, tece explicação afirmando ser a pessoa que vende pastéis na feira perto de sua casa, porém para Lao Tsé, não faz comentários, logo o leitor, mesmo não sabendo tratar-se de um famoso filósofo chinês, compreende que as duas figuras não estão no mesmo plano intelectual, nem é essa a intenção do autor, mas apenas a de causar o riso e argumentar sua posição de que o que está mais perto incomoda bem mais do que o que está "em Bagdá".

Assim, nada mais normal do que nossos maiores inimigos serem nossos vizinhos. Saddam Hussein era um sujeito abominável, mas o cara que mora em cima de meu apartamento e que não conserta seu vazamento é que faz meus azulejos caírem. Bush Jr. mata dezenas de pessoas a cada dia, mas o enlouquecido pequinês do 204 é que não me deixa dormir. E o Internacional é um grande clube, mas se o Santos ganhar do Corinthians é que eu fico feliz.

O autor menciona, no trecho analisado, figuras conhecidas internacionalmente como Saddan Hussein e Bush Jr. e que fazem sentido na

comparação a que se propõe o cronista justificando que quem está mais perto causa mais problemas do que quem está longe, como é o caso das duas personalidades, ambas em continentes distintos. Temos a intertextualidade explícita porque há breve resumo de pessoas conhecidas no contexto internacional: Saddam Hussein, presidente do Iraque e Bush Jr., presidente dos Estados Unidos. Porém, caso o leitor não conheça ou não se lembre das figuras citadas, o autor tece explicação sobre as duas, sendo a primeira “um sujeito abominável” e a segunda, que “mata dezenas de pessoas a cada dia”.

O autor continua sua comparação no último período do parágrafo quando coloca, lado a lado, três times de futebol, afirmando que o Santos ganhar do Corinthians é muito mais emocionante do que ganhar do Internacional, mesmo este sendo um grande clube.

Aqui também o processo dialógico é essencial e o leitor precisa conhecer o arquétipo da ironia, o que só é possível por meio de experiências anteriores com outros textos irônicos. Pressupõe-se o conhecimento prévio dos nomes mencionados, caso contrário o entendimento pretendido ficará comprometido.

Esse sentimento de dar mais valor ao que está próximo não é algo muito bonito. Melhor seria se tivéssemos noção de que fazemos parte da humanidade, de um todo, do mundo. Porém não é assim que acontece. Para a grande maioria, o vizinho é um tirano maior do que Hitler.

Mas deixo claro que este não é o seu caso, seu Manoel, ainda mais que, depois de apenas quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, finalmente acabou sua reforma.

O primeiro parágrafo desse trecho explicita o sentimento de se “dar mais valor ao que está próximo”, mas o autor afirma não ser “algo muito bonito” e justifica a afirmação com “fazemos parte da humanidade, de um todo, do mundo”. Mas, ainda no mesmo parágrafo, ele retoma o título da crônica na afirmação “o vizinho é um tirano maior que Hitler” e mostra, de forma irônica, o que a temática do texto abordou ao longo dos parágrafos.

Temos nesse trecho novamente a intertextualidade explícita já que a figura de Hitler é retomada e comparada, ironicamente, com o vizinho “seu Manoel”, uma vez que este representa a figura de maior temor, o mais ameaçador dos inimigos, muito mais do que o tirano Hitler, simplesmente porque está ao alcance, mais perto.

No último parágrafo, quando o autor menciona o final da reforma do apartamento do seu vizinho que durou “apenas quatro meses, 12 dias, sete horas e

20 minutos”, podemos notar a idéia de que o que lhe incomoda ou o que lhe deixa mais atento é, sem dúvida, o que está mais próximo, logo, sua defesa pelos campeonatos estaduais.

A seguir, analisaremos o terceiro texto do *corpus*, a crônica intitulada *Meu vizinho Torero*, de Juca Kfoury, publicada no dia 28 de janeiro de 2007, e que consiste em uma resposta dada a José Roberto Torero sobre essa crônica que acabamos de analisar.

4.1.3 Texto III

D4 esporte

DOMINGO, 28 DE JANEIRO DE 2007

FOLHA DE S.PAULO

JUCA KFOURI

Meu vizinho Torero

Não há nada mais gostoso do que brincar com quem está perto. Mas os Estaduais estão cada vez mais longe

TRANSTORNADO com a reforma do apartamento de seu Manoel, o vizinho do apartamento de cima, que durou quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, meu vizinho de coluna José Roberto Torero fez uma deliciosa, para variar, defesa dos campeonatos estaduais, nesse espaço, na última quinta-feira.

Muitos comentaristas respeitáveis são a favor dos campeonatos estaduais. Eu não (não sou a favor nem muito respeitável). Mas adoro uma provocação e uma polêmica com gente descomprometida, garantida de um debate intelectualmente honesto e sem mentiras.

Certamente o barulho da reforma de seu Manoel embaralhou um pouco, inclusive um pouco, a bela cabeça de Torero.

Ele escreveu, com toda a razão, que o vizinho profere ganhar do Flamengo do que o Cruzeiro. Queo cruzeirense gosta mais de vencer o Galo do que o Internacional. Que o

colorado quer muito mais derrotar o Grêmio do que o Palmeiras. E que ele fica mais feliz quando o Santos ganha do Corinthians, e não do campeão mundial Inter.

Eu também, garçô, eu não, ou melhor, eu concordo com o raciocínio integralmente, mas repito que o enriquecimento pessoal do apartamento 204 do prédio do Torero impediu que ele dormisse e refletisse um pouco mais, para ampliar seu leque de exemplos.

Pois pergunto se um vascoano prefere ganhar do Madureira ou do Cruzeiro. Se um são-paulino prefere derrotar o Barueri ou o Atlético-PR. Se um cruzeirense mais feliz com uma vitória sobre o Grêmio ou sobre o Ipatinga. E estas são, para quem não tem vizinhos que atrapalham o pensamento, as perguntas a serem feitas.

Porque os clássicos estaduais que fazem a alegria maior do torcedor e seus vizinhos estão garantidos duas vezes por ano nos campeonatos nacionais.

Sim, finda a reforma do seu Manoel com a família do 204 em férias com o barulhento pequinês, Torero, rápido no gallo como o, dirá: "Não tem O-N-Sal no Campeonato Brasileiro de 2005 nem Atlético x Cruzeiro no do ano passado?". É verdade,

mas, espera-se, foram excoxytes. E muito melhor que os torneios estaduais são as competições regionais, tipo Sul-Minas, Rio-São Paulo, Copa do Nordeste (que andava enchendo os cotos dos times mais populares da região), porque não se garantem os clássicos como ainda promovem outros embates entre calchotes grandes — enquanto o pequinês fica latindo.

Além do mais, lembramos, faz tempo que o Torero não pode brincar com seu Manoel.

E não apenas porque a relação ficou abalada pela reforma, pelo varimento e pela queda dos azulejos mas também porque a Luna não jogou contra o Santos no Brasileiro passado nem jogará neste Paulista, repleto de blocos que nada acrescentam à qualidade técnica do campeonato ou à rivalidade entre os torcedores.

Visto a concordar com Torero, no entanto, quando ele diz que damos mais valor ao que está mais perto.

O escritor russo Leon Tolstói já ensinava que "Se queres ser universal, fala da tua aldeia", e Fernando Pessoa, como Alberto Caetano, versava que "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia".

Pois é, queridíssimo vizinho.

O Flamengo está mais perto do Corinthians (a 422 km) que o América de São José do Rio Preto (a 440 km) ou o Marília (a 444 km), sem se dizer que tem ardo a toda hora.

E, se fosse você, mandava o seu Manoel e o pequinês do 204 para Rio Preto mudarem de opinião.

blog@folha.com.br

Corinthians abuse dos erros e perde

Pela 1ª vez em dois meses sem atletas improvisados, time de Leão vê, diante do Ituano, fim de invencibilidade de 12 jogos

Corinthians 1
Ituano 2

LUIS FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

Pela primeira vez em dois meses, o Corinthians entrou em campo sem atletas improvisados. A presença do lateral-esquerdo Wellington fez Leão celebrar: "É o certo. Deixar de improvisar é o certo", disse o treinador, que viu seu time sucumbir por excesso de erros.

A derrota de ontem, a primeira de um time grande neste Estadual, encerrou uma sequência de 12 jogos de invencibilidade corinthiana. A última derrota havia sido em 15 de outubro, contra o Flamengo.

Antes da partida, os jogadores do Corinthians comemoravam que rival deveria se postar na defesa, na expectativa de explorar os erros do adversário.

E foram vários os erros explorados. O primeiro deles, já aos 7 min, quando o Corinthians errou passe na saída de bola, deixando o zagueiro Gustavo contra dois rivais do Ituano. Ele tentou carregar, mas a bola acabou para Sorato.

Dois minutos mais tarde, um novo erro de passe, agora do atacante Wellington, foi aproveitada por Flávio, que encheu o pé e acertou a trave à esquerda.

A equipe de Leão não conseguiu tirar proveito do recuo do time do interior em razão da dificuldade em acertar passes no campo de ataque. Márgio, Robin e Edson erraram muito.

A melhor chance de empatar



O zagueiro Gustavo disputa jogada aérea com adversários do Ituano na partida em que o Corinthians sofreu sua primeira derrota no Estadual, ontem, no Pacaembu

ocorreu só aos 27 min, quando, enfim, Wellington fez seu primeiro cruzamento certeiro na cabeça de Christian. O atacante lançou de cima para baixo, exigindo boa defesa de Márgio.

Mas o raro acerto ofensivo não trouxe tranquilidade para zaga, que dava espaço para as movimentações de Sorato, Everaldo e Reginaldo, que exigiu arrastada saída de Marcelo ao receber livre na área.

Nem este susto serviu para que a retaguarda corinthiana se entendesse. Já nos acréscimos, na tentativa de afastar o perigo, a defesa se confundiu, e a bola acabou para Sorato na área. O

veterano encheu o pé e sacramentou a vaia sob a qual o Corinthians desceu ao vestiário.

No segundo tempo, Leão alterou a equipe, que melhorou com as entradas de Elton e Arce. Mas isso deu o time mais vulnerável aos contragolpes.

A pressão corinthiana surtiu efeito aos 22 min, quando Christian recebeu de Elton e bateu de virada para fazer seu quarto gol no Paulista-2007.

A partir dali, o Corinthians virou só ataque, ainda mais com a entrada de Wilson na vaga de Roger. Porém só não levou o terceiro porque, desta vez, Sorato acertou o transpasso.

Faltou falar, abrir a boca. As duas bolas eram nossas. E acabamos dando o gol. Entrar do jeito que o time entrou hoje não pode ser considerado uma vitória.

O time não se encontrou

ROGER
meia do Corinthians

Corinthians	1	2	Ituano
Márgio			Márgio
Elton			Paulo César
Marinho			João Paulo
Gustavo			Marinho
Wellington			David
Marinho			Flávio
Mauro			Adriano
Reginaldo			Reginaldo
Edson			Edson
Robin			Robin
Flávio			Flávio
Y. Elia			T. Adami

Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Jogo: Estadual Paulista Série A-1
Público: 17.763 pagantes
Gols: Sorato, aos 7 min; Arce, depois do primeiro tempo; Christian, aos 27 min; Sorato, aos 42 min

DA GLOBO/ASSOCIATED PRESS

MEACULPA: LEÃO PEDE DESCULPA À TORCIDA

"Não entendemos bem hoje (ontem). Reconhecemos e pedimos desculpas. O Ituano teve boa performance e mereceu elogios. Nós tivemos desempenho fraco e merecemos críticas", afirmou o técnico Emerson Leão. Segundo ele, o Corinthians "foi muito dispersivo" no primeiro tempo, quando tomou dois gols em falhas de zaga. Agora, o time buscará a reabilitação na quarta, diante do São Caetano, no Pacaembu.

Serena arrasa a n° 1 e fatura seu 8º Grand Slam

Americana bate Sharapova em 1h03min na Austrália

DA REPORTAGEM LOCAL

Serena Williams costuma fazer anotações antes dos jogos. Geralmente escreve "preste atenção na bola" ou instruções do gênero. Ontem, no entanto, rubicou somente: "Vetunde".

Em para a irmã, assassinada em 2003, que a norte-americana queria dedicá-la sua vitória.

A homenagem já dá a dimensão da gata de Serena, 25, ao entrar na quadra para a decisão do Aberto da Austrália, primeiro Grand Slam da temporada.

Some-se a isso que a tenista, ex-líder do ranking, estava só em 81º lugar na classificação — passou a última temporada se recuperando de lesões e não venceu há dois anos. A última conquista foram Melbourne.

O resultado foi um arrasador 2 sets a 0 (6/1 e 6/2), em apenas uma hora e três minutos, sobre Maria Sharapova, que agora é a número um do mundo. Foi a terceira pior derrota da carreira da russa no circuito mundial.

O maior trunfo da americana: um saque que atingiu 199

km/h, com aproveitamento de 67%. "Todos sabem que eu não sou realmente a número 81", disse Serena, após, emocionada, ter dedicado o feito à irmã.

"Foi uma vitória incrível, sofrí muitas críticas, ouvi que não estava em forma. E disse que eu gosto, me diga um não, e eu irei provar a você que sou capaz."

Em 2006, com problema no joelho, ela jogou só quatro torneios e chegou às semifinais em Cincinnati e Los Angeles.

Com o terceiro título na Austrália (venceu em 2003 e 2005), Serena atinge 27 títulos, oito deles obtidos em Grand Slams.

A americana se tornou a segunda tenista com o manequeto mais baixo a conquistar o torneio australiano. Chris O'Neill era a 111ª do mundo quando venceu em 1978.

Com o título, Serena atingirá a 14ª posição no ranking. E, se depender da motivação de ontem, deve subir ainda mais.

"Meus melhores anos ainda estão por vir", sentenciou.

Com Agência Internacional



Serena Williams segura o troféu do Aberto da Austrália após bater a líder do ranking mundial

BASQUETE OUBRINHOS É FINALISTA DE NACIONAL FEMININO

O atual campeão bateu ontem o Sport, por 84 a 71 na prorrogação (68 a 68 no tempo regulamentar), e fechou a série em 3 a 0. Seu rival vai de São Caetano a Catanduva — o time ABC lidera a série por 2 a 1.

FUTEBOL POLÍTICO FACISTA É EXPULSO DE PARTIDO

O Partido Socialista da França expulsou de suas listas Georges Frêche. O político criticou o "excesso de pragmatismo" na seleção nacional. "Para os brancos, isso não é bom. E vergonhoso para europeus".

ATLETA SCHALKKE 04 VENCE E SE ISOLA NA LIDERANÇA

A equipe bateu o Eintracht Frankfurt por 3 a 1 e chegou a 39 pontos. Os gols do Schalkke foram de Vlas Vlasov (2), Sevincer, e Werder Bremen, que jogou o Hannover, dividindo a ponta.

Transtornado com a reforma do apartamento de seu Manoel, o vizinho do apartamento de cima, que durou quatro meses, 12 dias, sete hora e 20 minutos, meu vizinho de coluna José Roberto Torero fez uma deliciosa, para variar, defesa dos campeonatos estaduais, neste espaço, na última quinta-feira.

Muitos comentaristas respeitáveis são a favor dos campeonatos estaduais. Eu não (não sou a favor nem muito respeitável). Mas adoro uma provocação e uma polêmica com gente decente e inteligente, garantia de um debate intelectualmente honesto e sem mentiras.

Certamente o barulho da reforma de seu Manoel embaralhou um pouco, somente um pouco, a bela cabeça de Torero.

Ele escreveu, com toda a razão, que o vascaíno prefere ganhar do Flamengo do que do Cruzeiro. Que o cruzeirense gosta mais de vencer o Galo do que o Internacional. Que o colorado quer muito mais derrotar o Grêmio do que o Palmeiras. E que ele fica mais feliz quando o Santos ganha do Corinthians, e não do campeão mundial Inter.

Eu também, quer dizer, eu não, ou melhor, eu concordo com o raciocínio integralmente, mas repito que o enlouquecido pequinês do apartamento 204 do prédio do Torero impediu que ele dormisse e refletisse um pouco mais, para ampliar seu leque de exemplos.

Pois pergunte se um vascaíno prefere ganhar do Madureira ou do Cruzeiro. Se um são-paulino prefere derrotar o Barueri ou o Atlético-PR. Se o cruzeirense fica mais feliz com uma vitória sobre o Grêmio ou sobre o Ipatinga. E estas são, para quem não tem vizinhos que atrapalhem o pensamento, as perguntas a serem feitas.

Porque os clássicos estaduais que fazem a alegria maior do torcedor e seus vizinhos estão garantidos duas vezes por ano nos campeonatos nacionais.

Sim, finda a reforma do seu Manoel e com a família do 204 em férias com o barulhento pequinês, Torero, rápido no gatilho como é, dirá: "Não teve Gre-Nal no Campeonato Brasileiro de 2005 nem Atlético x Cruzeiro no do ano passado". E é verdade, mas, espera-se, foram exceções.

E muito melhor que os torneios estaduais são as competições regionais, tipo Sul-Minas, Rio-São Paulo, Copa do Nordeste (que andava enchendo os cofres dos times mais populares da região), porque não só garantem os clássicos como ainda promovem outros embates entre cachorros grandes – enquanto o pequinês fica latindo.

Além do mais, lembremos, faz tempo que o Torero não pode brincar com seu Manoel.

E não apenas porque a relação ficou abalada pela reforma, pelo vazamento e pela queda dos azulejos mas também porque a Lusa não jogou contra o Santos no Brasileirão passado nem jogará nesta Paulista, repleto de bicões que nada acrescentam à qualidade técnica do campeonato ou à rivalidade entre os torcedores.

Volto a concordar com Torero, no entanto, quando ele diz que damos mais valor ao que está mais perto.

O escritor russo Leon Tolstói já ensinava que "Se queres ser universal, fala da tua aldeia", e Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro, versejava que "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia."

Pois é, queridíssimo vizinho.

O Flamengo está mais perto do Corinthians (a 429 km) que o América de São José do Rio Preto (a 440 km) ou o Marília (a 444 km), sem se dizer que tem avião a toda hora.

Eu, se fosse você, mandava o seu Manoel e o pequinês do 204 para Rio Preto e mudava de opinião.

²³ Texto de Juca Kfourì publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 28 de janeiro de 2007.

O título “Meu vizinho Torero” faz referência a José Roberto Torero, colunista do mesmo jornal que, por dividir o espaço com o autor, foi chamado de “vizinho”, logo a justificativa para o título.

A familiaridade entre os cronistas é bastante comum e referir-se ao colega pelo sobrenome faz parte da linguagem simples e direta desse gênero. Segundo Cândido (1980:16), “a linguagem ‘simplória’ faz com que haja maior proximidade entre as normas da língua escrita e da falada” e essa simplicidade e naturalidade são sintomas do processo de busca de oralidade na escrita.

Podemos afirmar ainda que ocorre um processo de retextualização quando o autor retoma o título “Meu vizinho é pior que Hitler”, crônica de Torero, para construir a versão de seu texto “Meu vizinho Torero”, orientando, assim, novo sentido para o interlocutor. Bazerman (2006) afirma que os empréstimos textuais passam a chamar a atenção quando usados em outros contextos.

Transtornado com a reforma do apartamento de seu Manoel, o vizinho do apartamento de cima, que durou quatro meses, 12 dias, sete horas e 20 minutos, meu vizinho de coluna José Roberto Torero fez uma deliciosa, para variar, defesa dos campeonatos estaduais, neste espaço, na última quinta-feira.

Além de dialogar com o leitor, o cronista também dialoga constantemente com seus pares e suas referências. Na crônica em análise, por exemplo, há uma interlocução com o texto de José Roberto Torero, publicado em 25 de janeiro de 2007, a respeito do tema “campeonatos estaduais”. Dessa forma, o texto é inserido diretamente no objetivo do parágrafo: mostrar o diálogo entre os “vizinhos”.

Aqui, observa-se com clareza o papel da intertextualidade temática que resgata informações relevantes presentes em outros textos da mesma área do saber ou da mesma corrente de pensamento que não só partilham temas, mas se servem de conceitos e terminologia próprios (Koch, Bentes e Cavalcante, 2007).

Quando o autor cita “seu Manoel”, faz referência ao vizinho de Torero descrito no texto intitulado “Meu vizinho é pior que Hitler”, publicado no mesmo espaço, na “última quinta-feira”. Juca Kfour, por meio do aposto, esclarece quem é o vizinho. Temos, então, a intertextualidade explícita uma vez que há menção à fonte do intertexto. Com isso, deixa o leitor não só a par da data da publicação como também

da “personagem” e afirma ter sido a reforma do apartamento desse morador a causa de Torero ter feito uma “defesa dos campeonatos estaduais”.

Portanto, o leitor precisa da experiência de outros textos para conhecer essa possibilidade de significação de texto e contexto, caso contrário, o tema poderia produzir uma significação equivocada.

*Muitos comentaristas respeitáveis são a favor dos campeonatos estaduais. Eu não (não sou a favor nem muito respeitável). Mas adoro uma provocação e uma polêmica com gente decente e inteligente, garantia de um debate intelectualmente honesto e sem mentiras.
Certamente o barulho da reforma de seu Manoel embaralhou um pouco, somente um pouco, a bela cabeça de Torero.*

O primeiro parágrafo do trecho em análise é a transcrição, quase na íntegra, de dois períodos completos da crônica de Torero. No primeiro parágrafo “Muitos comentaristas respeitáveis são a favor dos campeonatos estaduais”, a estrutura utilizada é a mesma que a do colega, justamente porque a intenção é a de contraditá-lo e, o termo empregado para isso foi “a favor”, substituindo o léxico “contra”. O mesmo processo acontece com o segundo período “Eu não (não sou a favor nem muito respeitável)”, em que o autor faz, novamente, apenas a troca do termo “contra” por “a favor”.

Essa retomada do texto do parceiro com a intenção de questioná-lo configura-se na intertextualidade com valor de subversão. Nesse caso, conforme Maingueneau (1997:87), “todo texto incorpora o intertexto para, ironicamente, colocá-lo em questão”.

O autor segue o discurso confessando adorar “uma provocação”, referindo-se ao tom de discussão que o tema assumiu, como se estivesse em um “debate” e agora fosse sua vez de “falar”. Inicia o turno²⁴ tecendo elogios ao “vizinho” quando lhe atribui características como “gente decente e inteligente”, mas segue novamente de forma irônica e intertextual quando afirma que “o barulho da reforma de seu Manoel embaralhou um pouco, somente um pouco, a bela cabeça de Torero”.

Temos, nesse momento, a intertextualidade explícita, uma vez que a fonte do intertexto é informada, e o cronista, ao mencionar a personagem de seu Manoel,

²⁴ O turno de fala é a contribuição de um locutor dada em um certo momento da conversação; essa noção equivale, então, àquilo que, no teatro, se denomina de réplica. Os turnos de fala de diferentes locutores se encadeiam segundo um sistema de alternância. Em análise conversacional, o turno de fala constitui a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas. (Charaudeau & Maingueneau, 2008:488).

solicita do leitor a ativação do texto-fonte, pressupondo que o mesmo acompanha o assunto das crônicas e está inserido no tema abordado. Isso significa que o autor não repetirá todas as informações anteriores relacionadas ao assunto, mas se limitará somente a retomadas que julgar pertinentes à produção de sentido do texto.

Ainda no trecho “reforma de seu Manoel”, o autor retoma o conteúdo desenvolvido na crônica anterior e insere o leitor no novo contexto para a produção de sentido. Sobre esse aspecto, Koch e Travaglia (2008) afirmam que a intertextualidade relativa ao conteúdo está relacionada ao conhecimento de mundo e que nunca vai ser uma cópia fiel do mundo real, já que o produtor do texto recria o mundo sob uma dada ótica ou ponto de vista. Barzeman (2006) também aponta a mudança significativa de sentido quando ocorre a recontextualização de palavras em um novo contexto.

Ele escreveu, com toda a razão, que o vascaíno prefere ganhar do Flamengo do que do Cruzeiro. Que o cruzeirense gosta mais de vencer o Galo do que o Internacional. Que o colorado quer muito mais derrotar o Grêmio do que o Palmeiras. E que ele fica mais feliz quando o Santos ganha do Corinthians, e não do campeão mundial Inter.
Eu também, quer dizer, eu não, ou melhor, eu concordo com o raciocínio integralmente, mas repito que o enlouquecido pequinês do apartamento 204 do prédio do Torero impediu que ele dormisse e refletisse um pouco mais, para ampliar seu leque de exemplos.

O primeiro parágrafo desse trecho são as respostas às supostas perguntas que Torero faz em seu texto sobre a preferência que os times têm em relação aos seus adversários em campo. O texto continua mantendo intertextualidade com a intenção de retomar para argumentar e rebater a tese defendida pelo colega e ainda afirma que o amigo deveria refletir melhor porque há outros exemplos que não foram mencionados.

Temos nesses trechos a personificação dos times que disputam entre si, no entanto, não há referência ao vocábulo “time”, termo que fica implícito, apenas a referência direta aos times, “ganhar do Flamengo”, “vencer o Galo do que o Internacional”, “derrotar o Grêmio do que o Palmeiras”, “o Santos ganha do Corinthians”. Quando o autor recupera o texto do colega parafraseando-o “Ele escreveu, com toda a razão, que...”, temos a intertextualidade explícita, pois o intertexto é identificado e ganha novo efeito de sentido no contexto em que é empregado.

No segundo parágrafo, o cronista não mais utiliza o pronome “ele”, mas a primeira pessoa do singular para se colocar e, assim, concordar ou discordar do seu interlocutor. É visível o fenômeno dialógico no processo discursivo estabelecido entre os enunciados e, usando a linguagem coloquial, própria da crônica, o autor, novamente, em um primeiro momento, concorda com o discurso do colega, porém, enfatiza, de forma irônica, em um segundo momento, que o episódio do “pequinhês do apartamento 204”, ocorrido no prédio deste, influenciou para que Torero não tivesse uma visão mais exemplificada sobre o assunto dos campeonatos estaduais. Novamente, há uma retomada do outro texto para estruturar sua argumentação e construir sua fundamentação ao questioná-lo.

Pois pergunte se um vascaíno prefere ganhar do Madureira ou do Cruzeiro. Se um são-paulino prefere derrotar o Barueri ou o Atlético-PR. Se um cruzeirense fica mais feliz com a vitória sobre o Grêmio ou sobre o Ipatinga. E estas são, para quem não tem vizinhos que atrapalhem o pensamento, as perguntas a serem feitas. Porque os clássicos estaduais que fazem a alegria maior do torcedor e seus vizinhos estão garantidos duas vezes por ano nos campeonatos nacionais.

Nesses trechos, temos dois parágrafos iniciados com conjunções, sendo a primeira conclusiva, “pois”, pela qual o cronista introduz a defesa de seu ponto de vista sobre os campeonatos estaduais e explica, por meio da conjunção “porque”, que essas partidas de futebol são desnecessárias durante o ano, uma vez que esses clássicos estaduais se repetem nos campeonatos nacionais.

Notamos que a mesma estrutura composicional utilizada por José Roberto Torero é retomada no texto de Juca Kfourri para este contra argumentar a posição do colega e defender seu ponto de vista sobre os campeonatos estaduais. Ou seja, temos a intertextualidade estilística, porque o produtor do texto imita o intertexto para a construção de novo sentido.

Sim, finda a reforma do seu Manoel e com a família do 204 em férias com o barulhento pequinhês, Torero, rápido no gatilho como é, dirá: “Não teve Gre-Nal no Campeonato Brasileiro de 2005 nem Atlético x Cruzeiro no do ano passado”. E é verdade, mas, espera-se, foram exceções.

Aqui o cronista supõe, devido à familiaridade com o colega, o que ele responderia a essas suas colocações sobre o fato dos clássicos estaduais estarem garantidos nos campeonatos nacionais “Não teve Gre-Nal no Campeonato Brasileiro de 2005 nem Atlético x Cruzeiro no do ano passado” e, ele mesmo, prontamente,

concorda e responde “E é verdade, mas, espera-se, foram exceções”. Há um diálogo imaginário, uma vez que a antecipação dos fatos acontece e se concretiza por meio do discurso escrito do autor.

As escolhas lexicais confirmam uma das características do gênero crônica que é a aproximação com o vocabulário do leitor. Expressões como “rápido no gatilho” e “E é verdade” dão o tom da conversa e a informalidade da linguagem que aproxima o leitor dessa discussão entre os pares.

E muito melhor que os torneios estaduais são as competições regionais, tipo Sul-Minas, Rio-São Paulo, Copa do Nordeste (que andava enchendo os cofres dos times mais populares da região), porque não só garantem os clássicos como ainda promovem outros embates entre cachorros grandes – enquanto o pequinês fica latindo.

Nesse trecho, o cronista continua sua defesa a favor das competições regionais em detrimento dos torneios estaduais. Outros vocábulos coloquiais são empregados e até mesmo o uso da gíria como o vocábulo “tipo” no sentido de “por exemplo” é constatado nesse parágrafo. Novamente, a referência ao cão pequinês que fica latindo, personagem do colega Torero na crônica “Meu vizinho é pior que Hitler”. O autor cita o cão pequinês para contrapô-lo aos “cachorros grandes” que são, metaforicamente, as partidas futebolísticas entre os grandes times e que já são considerados jogos clássicos do futebol brasileiro.

Além do mais, lembremos, faz tempo que o Torero não pode brincar com seu Manoel. E não apenas porque a relação ficou abalada pela reforma, pelo vazamento e pela queda dos azulejos mas também porque a Lusa não jogou contra o Santos no Brasileirão passado nem jogará neste Paulista, repleto de bicões que nada acrescentam à qualidade técnica do campeonato ou à rivalidade entre os torcedores.

No primeiro parágrafo desse trecho o autor usa o verbo “lembrar” no presente do subjuntivo. Dessa maneira, ele trava, mais uma vez, o diálogo com seu leitor e o convida a retomar na memória discursiva fatos já passados e, provavelmente, sabidos pelo leitor que acompanha as crônicas esportivas. A expressão “faz tempo” também sugere a idéia de familiaridade discursiva, ou seja, algo vivido e que está sendo resgatado no texto.

Podemos afirmar que temos nesse trecho a intertextualidade explícita porque o cronista cita “seu Manoel” e espera que o leitor seja capaz de reconhecer a

presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, caso contrário, a construção do sentido poderá ficar prejudicada.

Nesse trecho, o autor explicita, por meio do discurso irônico, que há familiaridade com o colega colunista. Isso acontece quando afirma que o mesmo há tempos não brinca com seu Manoel e que o motivo não seria, simplesmente, a reforma do apartamento ou o vazamento que causou a queda de azulejos, mas o fato de a Portuguesa (Lusa) – obviamente time de seu Manoel – não ter jogado contra o Santos, time de Torero.

Volto a concordar com Torero, no entanto, quando ele diz que damos mais valor ao que está mais perto.

O escritor russo Leon Tolstoi já ensinava que “Se queres ser universal, fala da tua aldeia”, e Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro, versejava que “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”.

Quando o autor afirma “concordar com Torero”, recupera novamente o intertexto e retoma o discurso do colega que menciona o fato de se dar mais valor ao que está mais próximo. A intertextualidade explícita se faz presente também no segundo parágrafo quando é feita menção à fonte do intertexto, em que, um pensamento do escritor russo Leon Tolstoi e versos de Fernando Pessoa são citados.

Tanto com a citação da frase “Se queres ser universal, fala da tua aldeia”, de Tolstoi, quanto com os versos “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”, de Fernando Pessoa, o autor apresenta uma idéia que revela sua posição sobre os campeonatos estaduais e a importância de se valorizar o que está perto. O nome do poema²⁵ não é mencionado, mas o cronista explicita a fonte e cita os três primeiros versos.

Temos, assim como no texto “Os aflitos”, de José Geraldo Couto, analisado nesse *corpus*, a citação de versos, porém com a diferença que, neste, apenas alguns versos são citados, enquanto naquele há o poema na íntegra. Os versos inseridos na crônica, como já afirmamos, propiciam a destituição da poeticidade constitutiva do enunciado, enquanto parte de um livro de poemas, e produzem outro efeito de sentido no gênero em que aparece. De acordo com Bazerman (2006),

²⁵ O poema em referência é o número XX, *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro (2003:45). Ver no anexo XII o poema na íntegra.

algumas vezes, a recontextualização pode colocar as palavras em um contexto que as discute, avalia ou distancia de outras palavras causando mudança significativa.

Pois é, queridíssimo vizinho.

O Flamengo está mais perto do Corinthians (a 429 km) que o América de São José do Rio Preto (a 440 km) ou o Marília (a 444 km), sem se dizer que tem avião a toda hora.

Eu, se fosse você, mandava o seu Manoel e o pequinês do 204 para o Rio Preto e mudava de opinião.

O termo “Pois é”, empregado pelo cronista, é coloquial e imprime ao discurso o tom de constatação na conversa. O autor discute sobre a distância entre os times de futebol, afirma que a quilometragem não é tão grande entre as cidades, pelo contrário, uma partida entre o time do Flamengo, que fica no Rio de Janeiro, e o time do Corinthians, de São Paulo, é mais perto do que a distância entre duas cidades do mesmo Estado. Mais uma vez, a defesa pelos campeonatos nacionais e não estaduais.

Usando a primeira pessoa do singular, o autor finaliza ironicamente sua crônica ainda dando conselhos ao colega colunista e sugerindo que o mesmo mude de opinião.

O diálogo entre os colunistas não se encerra nesses dois textos e José Roberto Torero faz, no dia 1º de fevereiro de 2007, uma “tréplica” ao texto de Juca Kfourri discorrendo sobre o tema dos campeonatos estaduais e o título da sua crônica é “O estado das coisas e coisas do Estado”²⁶. Por sua vez, Juca Kfourri, em sua crônica do dia 11 de fevereiro de 2007, insiste sobre o tema e escreve seu último texto sobre o assunto, intitulado “Ainda sobre o velho Estadual”²⁷. Não analisaremos essas duas “crônicas respostas”, porque não fazem parte da constituição do nosso *corpus*, porém a continuidade do assunto sobre os campeonatos estaduais comprova a presença e a importância da intertextualidade temática, essa categorização que é tão comum entre matérias de jornais e da mídia em geral.

A seguir, analisaremos o quarto texto do *corpus*, a crônica *Apenas um jogo, mas como dói*, de Xico Sá, publicada no dia 15 de junho de 2007.

²⁶ Ver anexos II e III, crônica “O estado das coisas e coisas do Estado” de José Roberto Torero.

²⁷ Ver anexos IV e V, crônica “Ainda sobre o velho Estadual” de Juca Kfourri.

4.1.4 Texto IV

FOLHA DE SP PAULO

SEXTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2007

esporte D3

A MISMO TORCEDOR, amigo seccador, todos nós, marmanjos barbadados, sofremos horrores nas grandes derrotas dos nossos times. O juiz apita, e desabamos, inconsoláveis, como se ovissemos, no último volume, "Meu mundo caiu", na voz trágica de Maysa. As mulheres jamais entenderão tal tristeza. Algumas, amorosas, tentam até nos despertar para o sexo, como se algum prazer fosse possível.

Tudo homem diante de uma derrota acapachou do seu time viram um eunuco. Davido de que o mal tarado gremista, mesmo na terra das Gíesles, tenha conseguido encerrar uma graça, uma bela novilha após triplice desgosto da Bombonera.

Sofremos impiedosamente nas grandes derrotas, mas duro é testemunhar o sofrimento das crianças. Difícil explicar para elas. Não há cegonha ludopédica a quem possamos

imputar a inconveniência.

De tão abatidos, não temos forças para amparar os meninos nesse momento. Como dizer que foi apenas mais um jogo, que aconteceu, que avança assim mesmo, se a ambulância do Incor quase foi atacada?

O leitor Benilson Tonello, torcedor do Santos, mandou-me uma mensagem consoante sobre o assunto. Na vitória do Fúze sobre o Grêmio, na semana passada, na Vila Belmimo, o seu filho Bruno, 8, derrubou as suas primeiras lágrimas abrigadas. Mesmo com os heróicos triplices do Imortal tricolor, seu time dançou a arripiante milonga do adito da Libertadores da América.

XICO SÁ

Apenas um jogo, mas como dói

Há dor na derrota, mas duro é ver a angústia de crianças. Não há cegonha ludopédica para imputarmos a inconveniência

Benilson, que quase infartara durante a peléja, ficou sem saber o que fazer com o pequeno. Não é das situações mais fáceis para um pai. Sem ter o que falar, Benilson recorreu à poesia. As pressas fez uma adaptação para o futebol do poema "Consolo na praia", de Carlos Drummond de Andrade. "O primeiro jogo passou, O segundo jogo passou, O terceiro jogo passou, Mas o

coração continua", dizia num dos trechos, e assim por diante, sempre substituindo o amor pela partida.

O mais duro é quando o filho, descombinado por algum tio ou amigo, não torce pelo mesmo time do pai. Imaginem a situação, um pai paulista com um filho cortiniano ou vice-versa. O pai feliz com a vitória do seu time, mas diante de uma criança inconsolável, abutida, sem ânimo para devorar um brigadeiro.

Duro explicar as tragédias futebolísticas para as crianças. Se o crescimento acompanha uma bela fase do seu time, tudo bem, é quase indolor. Faltz de quem cresceu com o Santos de Pelé e Coutinho, o Nantico de

Nado e Bitu, o Santa de Nunes e Fumanchu, o Sport do Juninho Pernambucano, o Palmeiras dos tempos da Acadêmia, o Flamengo de Zico e Junke, o Cruzeiro de Tostão, o Galvão de Dadi Maravilha, o São Paulo dos anos 90 ou do Rogério Ceni, o Bahia do toque sutil do Bobó, o Corinthians de Sócrates e Casagrande, a máquina do Fluminense de Falcão, o Grêmio do Renato, PC, Caju e Márcio Sérgio, só para ficar em alguns times e seus momentos mágicos. Você deve ter outro lido, favor me lembrar (citarei oportunamente).

Se bem que um garoto crescido na adversidade do time, nos grandes jornadas de vitórias, normalmente se torna um grande homem, menos arrogante, mais generoso e que conhece desde cedo o gosto sagrado das ligas, mas, ah, vira um colorista.

xico.sá@uol.com.br

Ainda sem ritmo, Guga desiste do Pan

Sem jogar simples desde março, tenista afirma não estar pronto e que não vale a pena entrar na disputa 'só por entrar'

Após conversa com Kruent, tenista Costa chama-se (2º do país), Sareta (2º) Daniel (5º), fora, Mello (9º) diz não entender critérios

DESPORTAGEM/CA

Gustavo Kruent, 31, decidiu não disputar o Pan do Rio. Mesmo sem competir em simples desde março e sendo apenas o 23º brasileiro no ran-

king da ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), Guga foi procurado pelo capitão do Brasil na Copa Davis. Francisco Costa, responsável pela convocação para os Jogos do Rio. "Falei com o Chico e expliquei que não vale a pena eu me precipitar e entrar numa disputa dessas, não. Importante, só por entrar", afirmou o tricampeão de Roland Garros, que está em Santa Catarina treinando e fazendo trabalho físico para

tentar voltar ao circuito. "Neste momento, não estou pronto para competir", disse Guga, que abria mão de disputar o Aberto da França-2007. Costa concordou com a avaliação do ex-número um do mundo. "Conversamos com o Guga. Ele ainda não está pronto para jogar, mas estamos na expectativa de sua volta às quadras", afirmou o técnico. Sem poder contar com Guga, Costa não seguiu o ranking pa-

ra definir os três tenistas que estarão no Pan-Americano. Foram chamados Thiago Alves (13º do ATP), Flávio Saretta (157º) e Marcos Daniel (188º) e apenas o quinto do país). Ricardo Mello (166º) e Raulo Siles (189º) foram preferidos. Costa justificou a convocação de Alves por ser o mais bem ranqueado no momento e a de Saretta pela experiência em competições importantes. "O Marcos foi nosso número um

durante todo o ano passado e vem conseguindo bons resultados em 2007", acrescentou. Mello disse ter ficado sem entender a convocação. "Estou entre os três primeiros tenistas do país e não entendo os critérios, principalmente porque nenhum brasileiro vem tendo grandes resultados". Daniel foi o único brasileiro de Roland Garros, após passar pelo qualifying, e foi finalista de um challenger (torneio menor

do circuito da ATP) no sábado, mas não conseguiu bom resultado. Depois de Guga, Mello teve como melhor resultado as quartas-de-final de um challenger. Em abril, Costa derrotou Alves e Daniel de fora do confronto diante do Canadá, pela Copa Davis. Guga, Saretta, Mello e André Sá formaram o time. "O Thiago e o Marcos têm estado sempre entre os melhores do Brasil e merecem uma oportunidade de defender o país", afirmou o técnico do Brasil.

HIPISMO

Confederação vai inspecionar xodô de Pessoa

FÁBIO SEIXAS DA SUCURAL DO RIO

No domingo, Pedro Veniss, cotado a uma das duas vagas abertas na equipe de saltos para o Pan, desistiu no meio de uma prova em Saint Tropez (França) após cometer três falhas. Por isso, acabou de fora da equipe no Rio-07. Lúcia Santa Cruz, viajante com uma para Cannes (França), onde Veniss, Rodrigo Pessoa e Fernando Alves — os dois últimos garantidos nos Jogos, com César Almeida — estão competindo.

Na segunda, termina o prazo de inscrição dos atletas para os Jogos. A Folha apurou que a desistência não foi bem vista pela Confederação Brasileira de Hipismo. "Quero observar de perto. Houve incidentes inesperados", afirmou Lúcia, sobre a desistência de Rodrigo Pessoa e Veniss da prova. O campeão olímpico justificou sua saída dizendo que seu cavalo, Rufus, "não passou o [físico] tripla muito bem".

Veniss ficou em segundo na prova de ontem sem falha, com Um Blanc des Blancs. "As coisas deram certo, o cavalo esteve bem. Não creio que [a desistência em Saint Tropez] possa me atrapalhar [a disputa pela vaga no Pan]".



Lula, em Jacarepaguá, durante a entrega dos veículos que serão usados pela polícia no Pan-2007

Lula admite que Rio-07 custará 'muito' ao país

Governo federal já gastou R\$ 1,8 bilhão com Jogos

SÉRGIO RANGEL DA SUCURAL DO RIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu ontem que o país vai gastar "muito dinheiro" com o Pan e comparou os Jogos ao casamento.

Lo-dicitar-nos a cerimônia de entrega de equipamentos de segurança que serão usados no evento, Lula disse que não espera tantas dificuldades. "Eu imaginava que, pelo fato de a gente ganhar [o direito de organizar o evento], estava do pronto, não tinha que fazer nada. Era só trazer atletas e começar o jogo. Mas como não, assim. Estamos investindo cerca de R\$ 3,5 bilhões. É muito dinheiro", disse o presidente.

O Pan custará aos cofres públicos pelo menos 79% a mais do que estava previsto em 2002. Segundo os dados oficiais dos três financiadores governamentais (federal, estadual e municipal), a conta pública dos Jogos é de R\$ 3,7 bilhões.

O governo federal é o principal pagador do evento. A conta federal já chega a R\$ 1,8 bilhão. Pelo orçamento inicial, a União iria desembolsar menos de 8% disso — R\$ 188 milhões.

Em 2002, quando o Rio ganhou o direito de sediar os Jogos, os governos informaram numa brochura de 196 páginas que gastariam R\$ 414 milhões. O documento foi enviado oficialmente aos dirigentes da

Odepa (Organização Desportiva Pan-Americana).

Depois que o Rio ganhou, isso é como o casamento. Quando a gente é namorado, tudo é maravilhoso. Mas, depois que casa, a gente começa a perceber que o mundo não é tão ao quanto imaginava, e começam a aparecer os defeitos. Depois que ganhamos o Pan, começaram os problemas", acrescentou Lula, que não era presidente quando o Rio conquistou o direito de sediar o Pan.

Após justificar os altos gastos com segurança, Lula pediu cuidado para a imagem do Brasil não ir para "as nuvens".

"Tudo isso vai ser para nós uma marca extraordinária [os equipamentos de segurança entregues ontem]. Precisamos tomar cuidado pelo seguinte. No Pan, não vir muitos estrangeiros, se acontece uma desgraça o que vai acontecer? A imagem do Brasil vai para as nuvens. Já viu dizer que não podemos fazer investimentos no Brasil, que não podemos ter Olimpíada porque tem violência", disse Lula no autódromo de Jacarepaguá, no Rio.

O local serviu de estacionamento para mais de mil carros que serão utilizados pelas polícias no Pan, em julho.

Até agora, o Ministério da Justiça declarou ter gastado R\$ 562 milhões para a segurança do Pan, sendo que R\$ 161 milhões não foram lícitos.

FÁBIO SEIXAS

Tabo de ensaio

Assim como Schumacher e Senna, Hamilton choca por ser uma novidade, que tem tudo para virar tendência

Um neozelandês, matemático, astrológico e neurocientista, afirma ser as respostas. "Hamilton está preparado. Ele não vai falhar".

Há quatro anos, a missão de Kerry Spackman — que passou a estudar os pilotos após combater Jackie Stewart e se impressionar com seu autotrain — é preparar Hamilton.

Em reportagem publicada pelo "El País", na terça, ele explica seus métodos. Diz que "condição F-1 é como fugir de um tigre". Enxina que a categoria é "um meio que ameaça sua vida, em que você observa muitos impactos e sobre forças

emoções e tempo todo, mas que você reage de um modo rápido". E, depois de comparar o cérebro dos pilotos a supercomputadores, revela seu paradigma. "Quando Schumacher rodava numa curva, já calculava 10 mil soluções e escolhia a melhor".

Do dia-a-dia, conta, ele e Hamilton fazem exercícios de repetição

simulando problemas. A tarefa do piloto, determinam as soluções.

Não se trata, aqui, de imputar a Spackman e a seus métodos todo o sucesso do inglês. Primeiro, porque há muito mais coisa errada. Segundo, porque, particularmente, seu método em relação a esse tipo de trabalho. Terceiro, porque, viéses o sucesso de Schumacher, o de Hamilton é o contrário.

O matemático-astrofísico-neurocientista é apenas uma parte do projeto de formação do piloto. Desde os

12 anos, quando foi adotado pela equipe, Hamilton conta também com nutricionista, preparador físico, psicólogo e outras coisas.

Depois do "fitness" Senna e do "robótico" Schumacher, que também embasbacaram, encantaram e encanaram, Hamilton faz o mesmo por ser, como eles, novidade. Quer um rótulo? Ok, "piloto de laboratório".

Sim, equipes já adotaram e lançaram pilotos. Mas nunca os formaram do zero. Hamilton talvez tenha talento nato e talvez fosse o mesmo sucesso se fosse de pára-quedas, hoje, num F-1. Mas não foi assim, foi assado. E, por isso, o assado vai virar tendência, regra, receita.

Pode esperar. Como pode!

fseixas@rethap.com.br

Amigo torcedor, amigo secador, todos nós, marmanjos barbados, sofremos horrores nas grandes derrotas dos nossos times. O juiz apita, e desabamos, inconsoláveis, como se ouvíssemos, no último volume, “Meu mundo caiu”, na voz trágica de Maysa. As mulheres jamais entenderão tal tristeza. Algumas, amadoras, tentam até nos despertar para o sexo, como se algum prazer fosse possível.

Todo homem diante de uma derrota acachapante do seu time vira um eunuco. Duvido de que o mais tarado gremista, mesmo na terra das Giseles, tenha conseguido encarar uma gazela, uma bela novilha, após o tríplice desgosto da Bombonera.

Sofremos impiedosamente nas grandes derrotas, mas duro é testemunhar o sofrimento das crianças. Difícil explicar para elas. Não há cegonha ludopédica a quem possamos imputar a inconveniência.

De tão abatidos, não temos forças para amparar os meninos nesse momento. Como dizer que foi apenas mais um jogo, que acontece, que a vida é assim mesmo, se a ambulância do Incor quase foi acionada?

O leitor Benilson Toniolo, torcedor do Santos, mandou-me uma mensagem comovente sobre o assunto. Na vitória do Peixe sobre o Grêmio, na semana passada, na Vila Belmiro, o seu filho Bruno, 8, derramou as suas primeiras lágrimas alvinegras. Mesmo com os heróicos três gols no imortal tricolor, seu time dançou a arrepiante milonga do adiós da Libertadores da América.

Benilson, que quase infartara durante a peleja, ficou sem saber o que fazer com o pequeno. Não é das situações mais fáceis para um pai.

Sem ter o que falar, Benilson recorreu à poesia. Às pressas fez uma adaptação para o futebol do poema “Consolo na praia”, de Carlos Dummond de Andrade. “O primeiro jogo passou./ O segundo jogo passou./ O terceiro jogo passou./ Mas o coração continua”, dizia num dos trechos, e assim por diante, sempre substituindo o amor pela partida.

O mais duro é quando o filho, descaminhado por algum tio ou amigo, não torce pelo mesmo time do pai. Imagine a situação: um pai são-paulino com um filho corintiano ou vice-versa. O pai feliz com a vitória do seu time, mas diante de uma criança inconsolável, abatida, sem ânimo para devorar um brigadeiro.

Duro explicar as tragédias futebolísticas para as crianças. Se o crescimento acompanha uma bela fase do seu time, tudo bem, é quase indolor.

Feliz de quem cresceu com o Santos de Pelé e Coutinho, o Náutico de Nado e Bitá, o Santa de Nunes e Fumanchu, o Sport de Juninho Pernambucano, o Palmeiras dos tempos da Academia, o Flamengo de Zico e Júnior, o Cruzeiro de Tostão, o Galo de Dadá Maravilha, o São Paulo dos anos 90 ou do Rogério Ceni, o Bahia de toque sutil do Bobô, o Corinthians de Sócrates e Casagrande, a máquina do Flu, o Inter de Falcão, o Grêmio de Renato, PC Caju e Mário Sérgio, só para ficar em alguns times e seus momentos mágicos. [Você deve ter outro listão, favor me lembrar e citarei oportunamente.] Se bem que um garoto crescido na adversidade do time, nos grandes jejuns de títulos, normalmente se torna um grande homem, menos arrogante, mais generoso e que conhece desde cedo o gosto salgado das lágrimas, alvinegras ou coloridas.

²⁸ Texto de Xico Sá publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 15 de junho de 2007.

Apenas um jogo, mas como dói

O título da crônica remete-nos aos versos do poema “Confidência do Itabirano”²⁹, de Carlos Drummond de Andrade. Os versos “Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas como dói” são adaptados para a construção do título da crônica “Apenas um jogo, mas como dói”. O autor não faz referência à fonte do intertexto e, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007), na intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva. Ainda segundo as autoras, não reconhecer a presença do intertexto prejudicará a construção do sentido pretendido pelo produtor do texto, principalmente nos casos de subversão, já que nos casos de captação, por se tratar de uma paráfrase, mais ou menos próxima do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual.

Se o leitor não tiver armazenado na memória discursiva os consagrados versos do poeta, ainda assim o tema do poema seria bastante pertinente ao conteúdo da crônica, uma vez que trata da saudade e da tristeza de se estar longe da cidade natal, Itabira é só uma lembrança, porém causa dor e nostalgia.

Podemos afirmar também que o título da crônica é um exemplo de *détournement* com valor de subversão, uma vez que o tom parodístico e irônico do autor ao proceder às modificações dos versos de Carlos Drummond de Andrade, adapta-o a uma nova situação, ou seja, título de seu texto. Em conformidade com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), por meio das formas de retextualização, isto é, na transformação de um texto em outro, operam-se diversos tipos de *détournement*, inclusive o de textos ou títulos de textos literários.

Amigo torcedor, amigo secador, todos nós, marmanjos barbados, sofremos horrores nas grandes derrotas dos nossos times. O juiz apita, e desabamos, inconsoláveis, como se ouvíssemos, no último volume, “Meu mundo caiu”, na voz trágica de Maysa. As mulheres jamais entenderão tal tristeza. Algumas, amadoras, tentam até nos despertar para o sexo, como se algum prazer fosse possível.

Nesse trecho, revela-se a intimidade que o texto procura estabelecer com o leitor por meio das expressões “Amigo torcedor, amigo secador”, o que é próprio da

²⁹ Ver no anexo X a transcrição do poema *Confidência do Itabirano*, de Carlos Drummond de Andrade.

linguagem coloquial e informal da crônica. O tom de conversa e o uso do pronome pessoal “nós”, inclui intencionalmente o interlocutor, confirmando o diálogo sobre o assunto que será tratado. O parágrafo em análise faz afirmações e leva o leitor a concordar com elas, uma vez que usa do senso comum ao afirmar que “sofremos horrores nas grandes derrotas dos nossos times”. Nesse caso, é esperado no meio futebolístico que torcedores sofram quando seus times perdem uma partida de futebol.

Notamos a intertextualidade explícita quando o autor faz referência à música “Meu mundo caiu”³⁰, da cantora Maysa, comparando o sofrimento da perda de uma partida de futebol com o seu próprio mundo que cai. Além disso, o uso do vocábulo “trágica” que qualifica o termo “voz”, também intensifica o estado em que fica um torcedor ao ver seu time perder um jogo.

O texto ainda afirma que as mulheres “jamais entenderão tal tristeza” e, temos nesse trecho, a idéia formada pelo senso comum de que mulher não entende de futebol e do sentimento que os homens têm por esse esporte.

Todo homem diante de uma derrota acachapante do seu time vira um eunuco. Duvido de que o mais tarado gremista, mesmo na terra das Giseles, tenha conseguido encarar uma gazela, uma bela novilha, após o tríplice desgosto da Bombonera.

O trecho acima dialoga, por meio do emprego do vocábulo “eunuco”, com a história dos homens que tinham os testículos removidos e ficavam sem disposição para o sexo. Em seguida, o texto faz referência à famosa modelo Gisele Bündchen, comparando a tristeza de uma derrota do seu time de futebol com o fato de ser impossível sentir algum prazer, mesmo que o sexual, depois de tal acontecido, embora sendo morador da mesma cidade onde nasceu a modelo. O leitor construirá sentido pretendido pelo autor se tiver internalizado as referências que o cronista usa para compor seu texto, ou seja, é preciso que o interlocutor possua um conhecimento partilhado com o produtor do texto para que haja produção coerente de sentido.

Na seqüência, o texto ainda discorre sobre alguns vocábulos que qualificam a mulher como “gazela” e “bela novilha”. A figura da mulher é comparada ao episódio do futebol, mas não sendo capaz de acabar com a tristeza que o estado da perda de uma partida provoca em um torcedor. O termo “Bombonera”, citado no final desse

³⁰ Ver no anexo VIII, letra da música *Meu mundo caiu*, da cantora Maysa.

trecho significa “estádio Club Atlético Boca Junior” e um leitor não familiarizado com essa informação não conseguiria compreender a última referência do trecho que diz “tríplice desgosto da Bombonera”.

Sofremos impiedosamente nas grandes derrotas, mas duro é testemunhar o sofrimento das crianças. Difícil explicar para elas. Não há cegonha ludopédica a quem possamos imputar a inconveniência.

A intertextualidade implícita nesse trecho é percebida quando o autor faz referência às histórias que se contam para as crianças sobre o nascimento dos bebês, no que diz respeito ao fato de os mesmos serem trazidos por uma cegonha. A adaptação feita, nesse caso, é sobre a afirmação de que não há cegonha ludopédica para explicar uma derrota do time que se torce e, dessa forma, difícil tentar qualquer explicação.

De tão abatidos, não temos forças para amparar os meninos nesse momento. Como dizer que foi apenas mais um jogo, que acontece, que a vida é assim mesmo, se a ambulância do Incor quase foi acionada?

Nesse parágrafo, a intertextualidade implícita nos remete novamente aos versos do poema “Confidência do Itabirano”³¹, de Carlos Drummond de Andrade. O autor não cita a referência, mas faz alusão ao verso “Itabira é apenas uma fotografia na parede” e parodia afirmando “apenas mais um jogo”. Em seguida afirma, ironicamente, ser difícil qualquer explicação quando “a ambulância do Incor quase foi acionada”. Temos de acionar nesse trecho o conhecimento prévio e reconhecer o que seja “Incor”, Instituto do Coração, hospital especializado no coração, pois o autor não explica o significado da sigla.

O leitor Benilson Toniolo, torcedor do Santos, mandou-me uma mensagem comovente sobre o assunto. Na vitória do Peixe sobre o Grêmio, na semana passada, na Vila Belmiro, o seu filho Bruno, 8, derramou as suas primeiras lágrimas alvinegras. Mesmo com os heróicos três gols no imortal tricolor, seu time dançou a arrepiante milonga do adiós da Libertadores da América.

A mensagem mencionada pelo cronista, recebida do leitor Benilson Toniolo, sobre o mesmo assunto abordado na crônica é, provavelmente, em forma de *e-mail*, supondo que, nas redações dos jornais, o meio de comunicação entre leitor e redator seja via internet, temos, então, uma alusão no processo de relação intertextual, dois gêneros diferentes, crônica e *e-mail*.

³¹ Ver no anexo X, poema *Confidência do Itabirano*, de Carlos Drummond de Andrade.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que os exemplares de cada gênero mantêm entre si relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo. A intertextualidade (inter)genérica é denominada por Marcuschi (2008) de *configuração híbrida*, ou seja, um gênero que exerce a função de outro.

Temos nesse trecho não um gênero exercendo a função de outro, mas o diálogo entre eles e, entendemos que a interpretabilidade não fica prejudicada, uma vez que o fenômeno apenas evidencia a plasticidade e dinamismo dos gêneros.

No último trecho do parágrafo em estudo, o produtor do texto conta com o conhecimento prévio do leitor quando menciona “a arrepiante milonga do adiós da Libertadores da América” referindo-se à perda do jogo e sendo desclassificado para o campeonato intitulado Libertadores da América.

Benilson, que quase infartaria durante a peleja, ficou sem saber o que fazer com o pequeno. Não é das situações mais fáceis para um pai. Sem ter o que falar, Benilson recorreu à poesia. Às pressas fez uma adaptação para o futebol do poema “Consolo na praia”, de Carlos Drummond de Andrade. “O primeiro jogo passou./ O segundo jogo passou./ O terceiro jogo passou./ Mas o coração continua”, dizia num dos trechos, e assim por diante, sempre substituindo o amor pela partida.

Há nesse trecho a intertextualidade explícita quando o autor cita o poema “Consolo na praia”³², de Carlos Drummond de Andrade. A adaptação do poema feita pelo leitor é comentada e transcrita pelo cronista. A intenção é demonstrar que, apesar da perda do jogo, a vida continua e outras partidas virão e a temática do poema ganha novo significado dentro do contexto situacional e produz novo sentido.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que é nas “configurações híbridas” que se pode verificar o quanto a mobilização do contexto sociocognitivo é essencial na detecção da ironia e do humor para a construção de um sentido pretendido pelo produtor do texto. Não temos no trecho em análise a intergenerecidade ou a intertextualidade intergenérica porque não há um gênero que exerce a função de outro, mas uma mescla de gêneros com intertextualidade (crônica e poema).

Segundo Marcuschi (2008:168):

É bastante comum que nos órgãos de imprensa se usem as contaminações de gêneros ou se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase

³² Ver anexo XI, poema *Consolo da praia*, de Carlos Drummond de Andrade.

mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que ali está. Esse aspecto mereceria um estudo à parte.

Temos ainda no trecho em análise o *détournement* que ocorre quando o autor manipula a seleção do termo “amor”, presente no poema e troca por “jogo”, produzindo assim novo sentido dentro no contexto futebolístico. Essa repetição do verso com a alteração do léxico, explicada pelo próprio autor, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007), funciona como a extensão do conceito de *détournement* às diversas formas de intertextualidade nas quais ocorre algum tipo de alteração ou adulteração de um texto-fonte visando à produção de sentidos.

O autor explica a produção feita pelo leitor da crônica e, por meio da expressão “e assim por diante”, deixa claro que o mesmo continua seu poema seguindo a mesma estrutura e procurando parafrasear os sentidos produzidos pelo poema que também tem como temática a desilusão, a perda, a tristeza e, dessa forma, estabelecendo as relações intertextuais de natureza temática e composicional.

O mais duro é quando o filho, descaminhado por algum tio ou amigo, não torce pelo mesmo time do pai. Imagine a situação: um pai são-paulino com um filho corintiano ou vice-versa. O pai feliz com a vitória do seu time, mas diante de uma criança inconsolável, abatida, sem ânimo para devorar um brigadeiro. Duro explicar as tragédias futebolísticas para as crianças. Se o crescimento acompanha uma bela fase do seu time, tudo bem, é quase indolor.

A intertextualidade implícita nos trechos acima evidencia o senso comum de que o time de futebol para o qual o filho deve torcer é sempre igual ao do pai, logo, se houver um “descaminhado”, ou seja, uma pessoa que influencie o filho a torcer por outro time de futebol que não seja o mesmo do do pai, o sofrimento de ambos em jogos entre os dois times seria sempre muito difícil, uma vez que a vitória de um significaria a tristeza de alguém, enquanto que torcendo para o mesmo time, ambos teriam os mesmos sentimentos independentemente do resultado.

O autor usa o tema do futebol para justificar ser difícil explicar fatos para as crianças e com o futebol não é diferente, mas se o crescimento da criança acompanha uma boa campanha do seu time, quase não há sofrimento e, assim, não há necessidade de explicações, embora essa afirmação seja revista no final da crônica.

Feliz de quem cresceu com o Santos de Pelé e Coutinho, o Náutico de Nado e Bitá, o Santa de Nunes e Fumanchu, o Sport de Juninho Pernambucano, o Palmeiras dos

tempos da Academia, o Flamengo de Zico e Júnior, o Cruzeiro de Tostão, o Galo de Dadá Maravilha, o São Paulo dos anos 90 ou do Rogério Ceni, o Bahia do toque sutil do Bobô, o Corinthians de Sócrates e Casagrande, a máquina do Flu, o Inter de Falcão, o Grêmio de Renato, PC Caju e Mário Sérgio, só para ficar em alguns times e seus momentos mágicos. [Você deve ter outro listão, favor me lembrar e citarei oportunamente.] Se bem que um garoto crescido na adversidade do time, nos grandes jejuns de títulos, normalmente se torna um grande homem, menos arrogante, mais generoso e que conhece desde cedo o gosto salgado das lágrimas, alvinegras ou coloridas.

Retomando o conceito de intertextualidade no sentido amplo, “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1978), temos, nesse último parágrafo, uma série de citações que fazem parte de uma memória discursiva cuja temática é o repertório futebolístico. O autor menciona, por exemplo, a felicidade de quem cresceu conhecendo e assistindo a partidas de futebol do Santos no tempo em que o jogador Pelé, ídolo desse esporte, jogava e teve sua carreira esportiva projetada mundialmente. O autor segue com comparações desse tipo e pressupõe da parte do leitor conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos para construir sentidos mais adequados e esperados pelo produtor do texto.

O autor ainda utiliza o discurso direto para criar a familiaridade com o leitor quando cita o trecho “[Você deve ter outro listão, favor me lembrar e citarei oportunamente]”, o que também dá margem a uma continuidade para o assunto em outra futura crônica esportiva, característica comum dentro desse gênero, a continuidade temática.

A seguir, analisaremos o último texto do *corpus*, a crônica intitulada *A emoção e a beleza do esporte*, de Tostão, publicada no dia 22 de julho de 2007.

A emoção e a beleza do esporte³³

Tostão

Uma competição esportiva pode ser vista de várias maneiras. Alguns, principalmente treinadores e jornalistas mais pragmáticos, enxergam no esporte uma disputa quase apenas de técnica, de estratégias e de eficiência. São os “entendidos”, como dizia Nelson Rodrigues.

Nem todos que falam de esporte são “entendidos”. De médico, louco e comentarista de esporte, todo mundo tem um pouco. Como o futebol é o esporte mais imprevisível, todos se acham no direito de opinar. E ainda dizem: “É a sua opinião contra a minha”. Todos são colocados dentro do mesmo saco.

Grande número de torcedores quer apenas torcer por seu clube e/ou país, como no Pan. É também uma forma de exteriorizar as emoções e de participar de um grupo, de uma nação.

Muitos torcedores projetam também nos seus ídolos os seus sonhos de ser um campeão, um medalhista de ouro, de fazer algo grandioso e de ser imortalizado. Esse desejo está presente em todos nós.

Os psicólogos, com diploma ou de botequim, tentam analisar as emoções dos atletas e como eles lidam com a pressão e a ansiedade. A profissão da moda é o motivador, psicólogo ou não. Todo atleta ou equipe tem o seu motivador. Para ser um bom motivador, é preciso ser esperto, falar bem e ser um grande sedutor, capaz de sugestionar. Isso não se aprende na escola.

Os sociólogos enxergam o esporte como um espelho na sociedade. Os moralistas, como uma metáfora do bem e do mal, do certo e do errado.

Muitos preconceituosos intelectuais vêem o esporte como algo menor, puramente corporal, pouco inteligente. O clichê de que esporte é cultura não ocorre na prática. A cultura costuma ignorar o esporte.

Na maior parte da vida, os afetos estão ligados a uma idéia, a uma história. Gosto ou não, fico alegre ou triste por algum motivo, mesmo quando não sei o que é.

A música é uma das exceções. Quando escutamos uma bela melodia, sem letra, viajamos por um mundo imaginário, que vai além da palavra e do pensamento. Nesses momentos, nos sentimos mais humanos e mais próximos da natureza.

As emoções de uma disputa esportiva costumam também não chegar à consciência e se manifestar diretamente no corpo dos atletas. Ao sofrer uma falta, um atleta, sem racionalizar, solta o braço e agride ao adversário. A falta de intenção não o livra de punição.

Em outra situação, o craque, sem pensar, executa um belo lance. É um saber que antecede ao raciocínio lógico. Ele sabe, mas não sabe que sabe.

Melhor que entender os detalhes técnicos de um esporte, é vê-lo como algo prazeroso e belo.

“O essencial é saber ver, sem estar a pensar, sem pensar quando se vê.” (Fernando Pessoa).

Nesse momento trágico e de indignação, por causa do acidente aéreo, eu me distraio com as competições do Pan, mesmo sem compreender bem a maioria dos esportes.

O que mais me fascinou, pela beleza dos movimentos, foi a apresentação do ginasta Mosiah Rodrigues, medalhista de ouro na barra fixa. Ele voou como um pássaro. Nada mais belo.

³³ Texto de Tostão publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 22 de julho de 2007.

A emoção e a beleza do esporte

O título da crônica sugere, com o vocábulo “esporte”, que o texto não transcorrerá apenas e exclusivamente sobre o tema futebol, mas a “emoção” e a “beleza” de qualquer esporte.

Uma competição esportiva pode ser vista de várias maneiras. Alguns, principalmente treinadores e jornalistas mais pragmáticos, enxergam no esporte uma disputa quase apenas de técnica, de estratégias e de eficiência. São os “entendidos”, como dizia Nelson Rodrigues.

De início, o autor afirma que “uma competição esportiva pode ser vista de várias maneiras”, porque há várias possibilidades de leitura, várias formas de interpretar e vários olhares para um mesmo objeto de estudo. O conhecimento enciclopédico e de mundo de cada leitor vai determinar os sentidos produzidos e, uma competição esportiva para um leigo no assunto não fará o mesmo sentido que para treinadores e jornalistas “mais pragmáticos” como mencionados no trecho em análise.

Temos nesse parágrafo a intertextualidade explícita quando o autor cita uma das alcunhas pejorativas criadas pelo escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues ao se referir a alguns analistas do esporte. O termo “entendidos” era definido da seguinte maneira:

O que é o “entendido”? Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: - o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. Estávamos atrasados de quarenta anos para mais. Quanto à velocidade, era uma invenção européia. Os brasileiros andavam de velocípede e os europeus a jato. O “entendido” afirmava mais: - os times de lá não deixavam jogar. Essa foi genial. Imaginem vocês um time jogando e o adversário assistindo, como numa frisa de teatro. Por outro lado, o preparo físico dos europeus era esmagador. Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o “entendido”: - o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol subdesenvolvido de Brasil e outros. (Rodrigues, 1993: 183)

Enquanto Nelson Rodrigues era um nacionalista convicto, o “entendido” era um admirador do estrangeiro, mas, a intencionalidade nesse momento, por parte do autor, é a de conseguir respaldo de sua afirmação citando a “fala” de uma personalidade para legitimar sua afirmação.

Nem todos que falam de esporte são “entendidos”. De médico, louco e comentarista de esporte, todo mundo tem um pouco. Como o futebol é o esporte mais

imprevisível, todos se acham no direito de opinar. E ainda dizem: “É a sua opinião contra a minha”. Todos são colocados dentro do mesmo saco.

Nesse trecho, o autor retoma o léxico “entendidos” de autoria de Nelson Rodrigues para, mais uma vez, reforçar sua argumentação de que não são todas as pessoas que falam sobre esporte que têm conhecimento aprofundado sobre o assunto.

É importante para a produção de sentido que o leitor, além da identificação do fenômeno da intertextualidade explícita, considere a importância e a função da escolha desse recurso por parte do autor, uma vez que o mesmo teria a opção de não fazê-lo.

Ainda no parágrafo em estudo, identificamos um caso de *détournement* quando o autor transforma um texto em outro por meio da retextualização. O emprego do ditado popular “De cientista, médico e louco todo mundo tem um pouco” para justificar que todos entendem um pouco de futebol foi adaptado para “De médico, louco e comentarista de esporte, todo mundo tem um pouco”. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007), “os *détournement* têm sempre valor argumentativo, em grau maior ou menor”.

Quando o autor afirma “É a sua opinião contra a minha”, ele dialoga com uma suposta frase dita por alguém que opina sobre o futebol, já que todos acreditam, segundo o cronista, entender sobre esse esporte tão imprevisível e assim colocados “dentro do mesmo saco”.

Grande número de torcedores quer apenas torcer por seu clube e/ou país, como no Pan. É também uma forma de exteriorizar as emoções e de participar de um grupo, de uma nação.

O emprego do vocábulo “apenas” no trecho em análise tem a intenção de restringir a idéia de grandes reflexões sobre o futebol. O desejo instigado é, simplesmente, o de torcer e fazer parte “de uma nação” e, nesse momento, é possível perceber uma característica típica em muitas crônicas esportivas, o envolvimento emocional, ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, “transbordando” sentimentos, principalmente o de paixão.

Nesse parágrafo o autor menciona o Pan, competição panamericana de grande prestígio no meio esportivo, mas não tece comentários sobre o evento. A referência é usada apenas para induzir à idéia entusiástica de se “torcer por seu

clube e/ou país” e, nesse momento, o conhecimento prévio a respeito do Pan por parte do leitor é importante para produzir efeito de sentido coerente na interpretação.

Muitos torcedores projetam também nos seus ídolos os seus sonhos de ser um campeão, um medalhista de ouro, de fazer algo grandioso e de ser imortalizado. Esse desejo está presente em todos nós.

A afirmação de que os torcedores projetam em seus ídolos os seus sonhos de serem campeões é baseada em uma imagem construída, muitas vezes, pelos próprios cronistas esportivos, gerando verdadeiros mitos do esporte. Em contrapartida, também transformam esse mesmo ídolo no mais sórdido “vilão”. Desse modo, o “herói” de ontem pode ser o “algoz” de hoje e *vice-versa*.

Quando o autor afirma que esse desejo de tornar seu ídolo um campeão está em todos nós, inclui a todos para ganhar respaldo do leitor e “Esse desejo está presente em todos nós” é mais uma afirmação que tem o intuito de manter a familiaridade discursiva com o leitor do mundo futebolístico.

Os psicólogos, com diploma ou de botequim, tentam analisar as emoções dos atletas e como eles lidam com a pressão e a ansiedade. A profissão da moda é o motivador, psicólogo ou não. Todo atleta ou equipe tem o seu motivador. Para ser um bom motivador, é preciso ser esperto, falar bem e ser um grande sedutor, capaz de sugerir. Isso não se aprende na escola.

Segundo o postulado dialógico de Bakhtin (2003), um texto não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente, ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim, quando o autor afirma que psicólogos tentam analisar as emoções dos atletas e como eles lidam com a pressão e a ansiedade, o texto alude a outros textos que compartilham da mesma afirmação.

Na frase “A profissão da moda”, percebemos a existência de uma intertextualidade ampla em razão da presença do outro, de um intertexto, uma vez que é comum ouvirmos e lermos expressões como “o livro da moda”, “a roupa da moda”, “a frase da moda” etc. Já na expressão “Isso não se aprende na escola”, observamos o que é quase um clichê ou “frase pronta” para explicar o que não pode ser aprendido em uma instituição educacional, representando tudo que é possível ser assimilado com a chamada experiência de vida. É senso comum afirmar que o que depende de esforço pessoal ou vocação, não se adquire na escola, “nasce com o indivíduo”.

Os sociólogos enxergam o esporte como um espelho na sociedade. Os moralistas, como uma metáfora do bem e do mal, do certo e do errado. Muitos preconceitos intelectuais vêem o esporte como algo menor, puramente corporal, pouco inteligente. O clichê de que esporte é cultura não ocorre na prática. A cultura costuma ignorar o esporte.

Aqui, quando o autor analisa como sociólogos e moralistas vêem o esporte, detectamos a existência da intertextualidade no seu sentido amplo, ou seja, “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1978). Quando o cronista afirma que o clichê “esporte é cultura” não corresponde à realidade, ele quer dizer que na prática ainda não há uma valorização importante para esse segmento e o assunto é agravado com o preconceito intelectual de que o esporte é “algo menor”, “puramente corporal”, “pouco inteligente”.

Na maior parte da vida, os afetos estão ligados a uma idéia, a uma história. Gosto ou não, fico alegre ou triste por algum motivo, mesmo quando não sei o que é. A música é uma das exceções. Quando escutamos uma bela melodia, sem letra, viajamos por um mundo imaginário, que vai além da palavra e do pensamento. Nesses momentos, nos sentimos mais humanos e mais próximos da natureza.

Podemos afirmar que o autor, nesses trechos, faz uma reflexão sobre a razão e a emoção, voltando, assim, um pouco ao título desta crônica. A idéia central no primeiro parágrafo é a de causa e efeito, ou seja, gostar ou não, ficar alegre ou triste por algum motivo. Mas a exceção apontada pelo autor para essa situação é a música. Segundo ele, é possível ouvir uma bela melodia e ir “além da palavra e do pensamento”, logo, distante do racional, o que nos faz, também, estarmos mais próximos da natureza e do sentimento humano.

A abordagem emotiva feita nesses parágrafos prepara o leitor para a comparação que o autor fará em seguida sobre as emoções vividas no esporte, exemplificando com aspectos do futebol.

As emoções de uma disputa esportiva costumam também não chegar à consciência e se manifestar diretamente no corpo dos atletas. Ao sofrer uma falta, um atleta, sem racionalizar, solta o braço e agride ao adversário. A falta de intenção não o livra de punição. Em outra situação, o craque, sem pensar, executa um belo lance. É um saber que antecede ao raciocínio lógico. Ele sabe, mas não sabe que sabe. Melhor que entender os detalhes técnicos de um esporte, é vê-lo como algo prazeroso e belo. “O essencial é saber ver, sem estar a pensar, sem pensar quando se vê.” (Fernando Pessoa).

Nos quatro curtos parágrafos em análise, o autor discorre sobre as emoções do esporte que não são fundamentadas na consciência, mas se manifestam no corpo dos atletas. Ele exemplifica, afirmando que uma falta, por exemplo, é contestada de forma corporal e agressiva, enquanto que, em outras situações, ainda sem a racionalidade, de forma intuitiva, faz “um belo lance”. O autor afirma ainda que acontecimentos desse tipo não têm uma explicação lógica e que, mais do que tentar compreender essas posturas, é melhor enxergar o belo e prazeroso do esporte.

Temos, no último parágrafo desse trecho, a intertextualidade explícita, uma vez que versos do poema³⁴ de Fernando Pessoa são introduzidos com aspas e com referência explícita à autoria do excerto. A citação, nesse caso, tem como objetivo reforçar o efeito de verdade e legitimar o discurso do autor sobre suas afirmações.

Nesse momento trágico e de indignação, por causa do acidente aéreo, eu me distraio com as competições do Pan, mesmo sem compreender bem a maioria dos esportes.

O que mais me fascinou, pela beleza dos movimentos, foi a apresentação do ginasta Mosiah Rodrigues, medalhista de ouro na barra fixa. Ele voou como um pássaro. Nada mais belo.

O cronista, nesse trecho, faz referência, sem maiores detalhes, ao trágico acidente aéreo ocorrido no mesmo mês da publicação da crônica com um avião da companhia TAM e, bastante divulgado pela imprensa³⁵. O autor nos remete à lembrança de outro texto que trata do assunto sobre o que foi considerado a maior tragédia na aviação aérea brasileira e que matou 199 pessoas³⁶. Observamos, então, a intertextualidade explícita em que o autor cita o intertexto com a intenção de justificar seu lado emotivo e sua necessidade em se distrair com outro acontecimento que lhe proporcione beleza, por isso a referência às competições do Pan.

Para os leitores compreenderem o trecho em análise é fundamental o conhecimento prévio de dois temas distintos: o Pan e o acidente aéreo. Segundo

³⁴ Ver anexo XIII, poema *Guardador de Rebanho* (Poemas Completos), de Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro.

³⁵ O voo 3054 da TAM com passageiros a bordo teria derrapado na noite de terça-feira quando pousava no aeroporto de Congonhas (zona sul de São Paulo) e bateu contra um depósito da empresa que fica ao lado oposto da avenida Washington Luís. O choque provocou um incêndio de grandes proporções. www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/voo3054/acidente (acesso em 17.10.08)

³⁶ No voo 3054 estavam 187 pessoas: 181 passageiros, 19 dos quais eram funcionários da TAM, e seis membros da tripulação. O número total de vítimas fatais do acidente foi 199. www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/voo3054/acidente (acesso em 17.10.08)

Koch e Travaglia (2008), a noção de conteúdo está diretamente ligada ao conhecimento de mundo, ou seja, os jornalistas não precisam explicar detalhadamente todas as informações que transmitem, por acreditar que boa parte já é de conhecimento do público. Assim, podem se concentrar em transmitir aquilo que julgam ser novidade para as pessoas.

Apesar de a intertextualidade temática se servir da mesma área do saber, ou seja, partilhar temas da mesma corrente de pensamento, podemos afirmar que existe um processo intertextual resgatado pelo autor em seu texto para explicitar seu estado emocional e justificar um paradoxo, de um lado, uma tragédia, acidente aéreo, e de outro, uma beleza, resultados brilhantes de atletas brasileiros em uma competição esportiva.

Usando a primeira pessoa do singular “eu” e, assim se colocando de forma pessoal, o cronista afirma distrair-se com as competições do Pan, mesmo não sabendo com propriedade as especificidades de cada esporte.

No último parágrafo da crônica, o autor emprega um dos itens léxicais do título do texto em estudo, “beleza”. O cronista, apesar de ser um especialista na área futebolística, encerra seu texto comentando sobre o fascínio de outro esporte, a ginástica olímpica, que o fez se emocionar ao ver a atuação de Mosiah Rodrigues, medalhista de ouro na barra fixa que “voou como um pássaro”.

Acreditamos que as análises desenvolvidas possibilitam afirmar que o texto deve ser considerado nas suas relações estabelecidas com outros textos e que não é possível uma leitura ingênua dos mesmos. Dessa forma, o fenômeno da intertextualidade é essencial para a legibilidade das relações dialógicas materializadas em textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pesquisamos o papel da intertextualidade como um dos elementos essenciais para a produção de sentido e verificamos como os processos dialógicos atuam na produção e na leitura de crônicas esportivas.

Gênero de fronteira que transita entre o jornalismo e a literatura, a crônica incorpora o coloquial da linguagem falada, alterna temas leves e mundanos à denúncia social e cria um elo com o leitor. Isso significa que todo o processo comunicativo passa necessariamente por uma relação interdependente e interindividual: meu discurso está necessariamente ligado a outros discursos. Por isso, Bakhtin (2006) concebe a linguagem como um sistema coletivo determinado por um diálogo cumulativo entre os diversos “eus” e os diversos “outros”.

Nossa pesquisa partiu de uma análise das crônicas, verificando em cada trecho as marcas da intertextualidade, sua importância no momento da leitura e a produção de sentido que está diretamente ligada ao conhecimento prévio dos leitores no que diz respeito ao tema do futebol. Quanto mais informações sobre o tema, maior será a probabilidade de os leitores produzirem inferências e estabelecerem relações intertextuais, em alguns casos, essenciais para a produção de significados nos textos das crônicas.

Percebemos, na análise do *corpus*, que os cronistas, por meio de seus textos diários, exercitaram a força do diálogo que se estabeleceu não só com seus leitores, mas também com seus pares, como foi o caso de José Roberto Torero com a crônica “Meu vizinho é pior que Hitler” e Juca Kfoury, em resposta ao amigo com a crônica “Meu vizinho Torero”. Ambos discutiram, durante algumas semanas, o assunto futebolístico dos campeonatos estaduais.

Já na crônica “Os aflitos” de José Geraldo Couto, concluímos que a questão da intertextualidade, nesse texto, passa pela mescla de gêneros, uma vez que temos poema e crônica em um mesmo espaço físico. Porém, a dificuldade não se encontra na nomeação dos gêneros, no geral, bem fixados, mas na sua identificação e, para designar esse aspecto da hibridização, segundo Marcuschi (2008:164), “em muitos casos, apenas o local em que o texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata”.

Nos dois últimos textos que compõem nosso *corpus*, a presença dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa citados pelos cronistas Xico Sá e

Tostão, confirmaram as relações intertextuais e a linguagem literária inserida na jornalística ampliando as possibilidades de efeito e construção de sentidos.

Quanto à importância da leitura nesse processo, Vigner (2002) afirma que ele passa pela manipulação de textos originais, cabendo ao leitor interpretá-los a partir dos demais textos a que ele se refere. Isso significa que a leitura está estreitamente ligada ao reconhecimento de traços e marcas presentes no texto e que, muitas vezes, são colhidos por meio de processos intertextuais.

Nossas análises mostraram-nos os diferentes efeitos de sentido que a intertextualidade, tanto em sentido amplo quanto em sentido restrito geram e, com base nas crônicas estudadas, percebemos a importância de como a identificação do texto-origem para a construção do efeito de sentido provoca pelo deslocamento ou transformação de outros textos.

Com base nos estudos realizados, empenhamo-nos no intuito de responder às questões: como se manifesta a intertextualidade nas crônicas esportivas e qual a importância da sua identificação para a produção de sentidos?

Verificamos que, na leitura, para que ocorra a identificação da intertextualidade – presença de um texto inserido em outro texto produzido anteriormente – é necessário que o texto-fonte faça parte da memória discursiva do leitor e ele seja ativado no momento da leitura.

A produção de sentido na leitura, em muitos casos, depende dessa identificação. A intertextualidade pode ser identificada por meio de uma citação explícita ou implícita do texto-fonte. Todo texto é um intertexto. Sabemos que sempre estamos nos remetendo a outro texto na interpretação daquele que lemos ou ouvimos. Devemos considerar que, em alguns casos, o contexto de produção pré-determina a necessidade de ativação da memória do leitor, isto é, o leitor precisa ativar determinado texto-fonte para a compreensão da inserção do intertexto e construção dos sentidos pretendidos.

A posição autônoma do leitor, capaz de realizar uma leitura significativa, proporciona-lhe desenvolvimento e capacidade para intervir na realidade e transformá-la. O fenômeno da intertextualidade é potencializador e enriquecedor dessa leitura pelo fato de colaborar para a formação proficiente e crítica desse leitor. Portanto, com esta dissertação, pretendemos acrescentar nossa contribuição às pesquisas sobre a produção de sentidos, abrindo perspectivas para estudos futuros.

Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e Comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. Rio de Janeiro: M. W. Jackson, 2003.

AUTHIER-Revuz, Jacqueline. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris, VIII: 1982.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. *Text, discourse and process*. London/New York: Longman, 1980.

BEAUGRANDE, R. de e DRESSLER, W. U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BELLOS, A. *Futebol – o Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, em *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. In.: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”, prefácio do volume 5 da série *Para gostar de ler – crônicas*. Vários autores. São Paulo: Ática, 1980.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 1994.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

CONY, Carlos Heitor. Entrevista, *Cult* – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo: Bregantini, n° 100, ano 9, março/2006.

COUTINHO, Afrânio (org.) Ensaio e Crônica. In: *A Literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, v.6. 1971.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2004.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a "O nome da rosa"*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerências textuais*. São Paulo: Ática, 2004.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: Publifolha, 2006.

GRÉSILLON, A. e MAINGUENEAU, D. *Poliphonie, proverbe et détournement*. Langages 73, 1984.

JENNY, Laurent. *Intertextualidade*. Coimbra: Almedina, 1979.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça e ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2008.

KRISTEVA, Júlia. *Semiótica do Romance*. 1. ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: *Bakhtin – conceitos-chave*. (org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. Trad. C. P. Souza-e-Silva e D. Rocha, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e Ensino*. (orgs) Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado & Maria Auxiliadora Bezerra. Rio de Janeiro: Lucerna, 4ª edição, 2005.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MENDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massuad. *A criação literária - Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Tradição e renovação. In: MORENO, César Fernández. *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEREIRA, Welligton. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

SAER, Juan José. *A literatura e as novas linguagens*. In: MORENO, César Fernández. *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIGNER, Gerard. *Intertextualidade, norma e legibilidade*. In: GALVES, Charlotte et alii (org.) *O texto: leitura e escrita*. 3ª ed. revisada. Campinas: Pontes, 2002.

ANEXOS

Anexo I	Jornal <i>Folha de S. Paulo</i> de 27 de abril de 2007 – esporte D5
Anexo II	Jornal <i>Folha de S. Paulo</i> de 1º de fevereiro de 2007 – esporte D4
Anexo III	Crônica <i>O estado das coisas e coisas do Estado</i>
Anexo IV	Jornal <i>Folha de S. Paulo</i> de 11 de fevereiro de 2007 – esporte D4
Anexo V	Crônica <i>Ainda sobre o velho Estadual</i>
Anexo VI	Última tira do Snoopy
Anexo VII	UOL News de 08 de julho de 2005
Anexo VIII	Letra da música <i>Meu mundo caiu</i> - Maysa
Anexo IX	Letra do Hino do Corinthians
Anexo X	Poema <i>Confidência do Itabirano</i> – Carlos Drummond de Andrade
Anexo XI	Poema <i>Consolo na praia</i> – Carlos Drummond de Andrade
Anexo XII	Poema XX <i>O guardador de rebanhos</i> – Fernando Pessoa
Anexo XIII	Poema XXIV <i>O guardador de rebanhos</i> – Fernando Pessoa



Seguranças detêm torcedor corintiano no momento em que ele tentava pular a grade de acesso às arquibancadas, depois de ter invadido o gramado do Pacaembu.

No Pacaembu, Corinthians é eliminado da Copa do Brasil e agora só volta a jogar no meio de maio

EDUARDO ARRUDA
DA REPORTAGEM LOCAL

Paulo César Carpegiani estreou, e o Corinthians entrou em férias até a estreia no Brasileiro, 13 de maio. Não poderia ser pior. A equipe, mesmo podendo empatar por 0 a 0 ou 1 a 1, foi derrotada, em um Pacaembu lotado, pelo Náutico e eliminada da Copa do Brasil.

Ao final, a torcida protestou contra atletas e o presidente do clube, Alberto Dualib. "Não é mole não, tem que ser homem pra jogar no Coringão", "ô, ô, ô, queremos jogador", cantavam.

Depois, houve confronto entre torcedores e policiais, que bloquearam a entrada do vestiário do time alvinegro.

Os atletas do Corinthians desataram o gramado rapidamente e jogaram o lixo dentro da entrada do vestiário do time. "Não fizemos o que tínhamos que fazer, fomos eliminados em casa. Não poderia ser diferente a reação da torcida", afirmou o volante Magrão. Caraceni terá muito trabalho boicotado pelos companheiros. Por três vezes, o jogador, livre de uma lesão, pediu para não receber. O resultado: vagou pelo meio-campo, perdido, na maior parte do tempo.

Outro problema era a defesa, especialmente o zagueiro Marinho, que falhava muito e levava instabilidade aos coqueiros.

Desse modo, o Nautico é quem se sentia em casa. Mais organizado em campo e aproveitando-se dos erros rivais, os visitantes chegaram com mais consistência ao ataque.

Até que Wagner Rosa, em chute de fora da área, fez justiça ao placar e ampliou o desespero do torcedor corintiano. Jean, vilão em gol do Náutico no Recife e que pediu "muitas bolas" no Pacembu, falhou de novo. O gol, aos 16min, abalou os corintinos, que partiram de desesperadamente ao ataque e

Em nova falha da defesa, Marcel serviu Acosta, que só to-

Corinthians	0	2	Nautico
Jean			Glázer
Eduardo			Sidley
(Linha)			(Saena)
Batão			Abrson
Murinho			Cris
Cardio			(Walker)
Marcelo Mattos			Dolbo
Mykel			Earlson
Evarlon			Wagner Roco
Rosinei			Marcel
(Tamanand)			Acosta
Arca			Batô
(Alcass)			Felipe
Wilson			(Gamer)
(Tamanand)			T. (Gamer)

Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Juiz: Evandro Rogério Raman (PR)
Banda: R\$ 466.167,00
Público: 27.794 pagantes
Gols: Wagner Ross, aos 16min, e A Costa, aos 46min, do primeiro tempo

A torcida, nas numeradas, pedia a cabeça de Dualib, que não foi ao Pacaembu. Na volta do intervalo, os corintianos se abraçaram antes de a bola rolar. A torcida voltou a apoiar o time. Lulinha entrou, deu mais movimentação, mas não o suficiente para alterar o placar.

O mesmo ocorreu com outro prato da casa, o atacante Alison. Everton, mal no início, melhorou ao ir à lateral no segundo tempo. As revelações corinthianas, porém, não resolveram os problemas de um time sem identidade. Muito menos o lateral-direito Tumandaré, que entrou nos minutos finais de jogo e foi responsável pelas primeiras vaia a Carpegiani.

A noite deprimente do Corinthians contou ainda com a invasão de campo de um torcedor, que foi detido pela polícia.

DA REPORTAGEM LOCAL

A Polícia Militar teve de expulsar um grupo de torcedores corintianos que esperava a saída do ônibus

O confronto começou após os manifestantes arremessarem pedras e garrafas nos soldados, que revidaram atingindo os torcedores com cassetetes. Rapidamente, mais de cem policiais cercaram a entrada do Pacaembu que dá acesso aos vestiários.

Por medida de segurança, toda a delegação ficou trancada no vestiário sob a proteção de sua equipe de segurança particular. Às 23h45, sem dar entrevistas, todos conseguiram en-

"A violência não resolve, só traz violência. A torcida fica triste, mas o Corinthians está iniciando uma nova fase com um técnico vencedor", disse o técnico do Náutico, PC Gusmão, que se assustou com a violência dos torcedores.

Em meio à crise, ontem o clube apresentou o goleiro Felipe, 23, e o zagueiro Zelão, 22, ambos contratados do Bragantino. Eles estiveram no Pacaembu ontem à noite, mas deixaram o estádio antes do final da partida e não presenciaram o tumulto entre policiais e torcedores.

O clube pode acertar hoje a contratação do atacante Finazzi, que estava na Ponte Preta. (EAF)

PORCELANATO É NA TELHANORTE

O MAIOR REVENDEDOR DE PORCELANATOS DO BRASIL



Porcelanato Esmaltado
Porcelanato Amazon White
 ou **Antico Negro**
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$19,90 / m²



Porcelanato Esmaltado
Porcelanato Esmaltado Abitare Bege
 ou **Legno Marron**
 50x50cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$28,90 / m²



Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Grant Crema
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$34,90 / m²



Porcelanato Polido
Porcelanato Delicat Milano
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$38,90 / m²



PREÇO DE FÁBRICA
Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Oslo
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$49,90 / m²



Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Lantini
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$45,90 / m²



Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Zena
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$54,90 / m²



PREÇO DE FÁBRICA
Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Marconini
 40x40cm, ca. 1,25m²
 Cada
R\$39,90 / m²



Porcelanato Polido
Porcelanato Polido Acropolis, Himalaia, Pielo ou Glades
 50x50cm, ca. 1,44m²
 Cada
R\$59,90 / m²



a hora é agora

Tá na hora de aproveitar estas ofertas

QUALIDADE GARANTIDA
PRODUTO 100% NACIONAL

TELHANORTE

TELEFONADAS
 0800 012 0266

Porcelanato é na Telhanorte
 a maior rede de revendedores de porcelanatos do Brasil. Com mais de 30 anos de experiência, a Telhanorte é líder no mercado de porcelanatos no Brasil. Oferece produtos de alta qualidade, com garantia de 10 anos, e atendimento personalizado. Para mais informações, visite nosso site ou ligue para o 0800 012 0266.

Endereço: Rua da Telhanorte, 123 - Jd. Primavera, São Paulo - SP
Telefone: (11) 3456-7890
E-mail: contato@telhanorte.com.br

Anexo III

O estado das coisas e coisas do Estado³⁷

José Roberto Torero

Em minha última coluna fiz uma defesa dos campeonatos estaduais. Domingo, em sua coluna, Juca Kfoury fez uma réplica, posicionando-se contra.

Vamos à tréplica.

Juca recebeu alguns e-mails por conta de seu texto (a grande maioria posicionando-se a favor dos Estaduais) e, gentil e honesto que é, reenviou-me as tais mensagens. Foi um incauto, pois deu munção ao (cordial) inimigo. Ou seja, farei minha defesa com as palavras dos próprios leitores do Juca.

Eles levantaram pontos de vista com os quais concordo inteiramente. Para os juquistas, os Estaduais são importantes para: (1) a formação de craques, (2) suprir necessidades locais, (3) aquecer os times grandes, (4) a glória de times de Estados menos poderosos, (5) a sobrevivência dos pequenos clubes e (6) a felicidade dos torcedores do interior.

Vamos aos argumentos dos sábios leitores:

(1) “É importantíssimo, na minha modesta opinião, para que o Brasil continue a ser este celeiro de craques, que existam os campeonatos estaduais, pois, se você tiver a paciência de fazer um levantamento dos diversos clubes grandes existentes, em todos os Estados, garanto que de 70% a 80% dos jogadores vêm do interior.” E outro leitor exemplifica: “De onde surgiram Pelé, Sócrates, Raí, Leivinha, Luís Pereira, Marinho Peres, Toninho Guerreiro, Leão, Careca, Dudu, Oscar e Geraldão Manteiga, este último da cidade de Álvares Machado e artilheiro do Paulistão pelo Botafogo de Ribeirão Preto?”.

(2) “Como dizem o antropólogo Nestor Garcia Canclini e o jornalista Martín Barbero, sou daqueles que não crê que o “global” se apresenta como substituto do “local”. A integração e a concorrência com os outros podem ser estimulantes, mas continuam existindo necessidades locais em meio à globalização.”

(3) “Ao contrário do que o Juca costuma argumentar, os Estaduais parecem-me interessantes para os clubes grandes. Servem como uma espécie de pré-temporada, em que os times podem ganhar entrosamento de jogo ao mesmo tempo em que são testados. Um campeonato compacto e bem organizado, com duração de pouco mais de dois meses, é um excelente início de temporada.”

(4) “Desenecessário realçar a importância desses campeonatos em Estados que não têm representantes na Série A do Brasileirão. Em Estados cuja representação oscila (Pernambuco, por exemplo), o Estadual é igualmente importante (...). Ao contrário do que acontece no Nacional, em que Santa Cruz, Náutico e Sport costumam ser saco de pancada (sobem em um ano, descem no outro), no Pernambuco eles entram para vencer e ganhar títulos.”

(5) “O Estadual é essencial para um Estado como São Paulo. É o que permite a vários clubes do interior existir.” E outro leitor completa: “Você já pensou que, sem os campeonatos estaduais, a maioria dos times do nosso interior morreria e não teria razão de existir?”.

(6) “Se você tiver oportunidade de assistir a um jogo de futebol no interior, verificará que o número de crianças, mulheres e famílias que vão aos estádios é cada vez maior. (...) Você não imagina a expectativa na cidade 15 dias antes de um grande jogo.”

São seis argumentos muito interessantes. E chamo a atenção para o primeiro e para o último. A existência de tantos clubes é que faz com que o futebol brasileiro seja o melhor do mundo. A quantidade traz a qualidade (e não coisas como a malemolência-natural-do-brasileiro). E acho que receber os grandes clubes em suas cidades deixa milhões de torcedores mais felizes, o que, no fim das contas (ou além delas), talvez seja o mais importante.

Excluído: ¶
¶

³⁷ Texto de José Roberto Torero publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 1º de fevereiro de 2007.

Anexo_V

Ainda sobre o velho Estadual³⁸

Juca Kfourri

Mestre Armando Nogueira tomou partido no debate entre esta coluna e a do bom vizinho Torero.

E, para meu desencanto, também engrossou a tropa do vizinho.

E com um argumento da mais pura vizinhança, ele que era pelo fim dos campeonatos estaduais. "O que incendeia corações é a guerra santa entre vizinhos", escreveu.

O que me obriga a voltar ao tema, ainda mais por imaginar o sorriso sarcástico de Torero ao ler o mestre no diário "Lance".

Eu não sou pela extinção dos Estaduais. Quero mais que eles durem a temporada inteira.

Eu sou contra que os clubes grandes participem dos Estaduais.

Prefiro vê-los na disputa dos mais interessantes torneios regionais, como o Rio-São Paulo, por exemplo, muito melhor como aperitivo da temporada e para avaliar as condições técnicas de cada time.

E que mantém acesa a rivalidade entre os vizinhos.

E não aceito que esta seja uma posição elitista, porque a defenso em nome da maioria, das grandes massas torcedoras.

Poderia até argumentar que elitista é quem defende o São Caetano ou o Barueri, que não existem como fenômenos de massa nem em suas cidades. Mas não vou fazê-lo...

Defendo o direito de São Caetano e Barueri sonharem em ser grandes, como um dia o Santos sonhou e realizou o sonho, nos anos 50.

Mais que grande, virou o melhor de todos, então.

O fato é que os Estaduais hoje em dia rendem aos grandes menos do que os regionais renderiam e não aliviam os pequenos, ao contrário. Basta ver a situação de penúria de Botafogo de Ribeirão Preto ou dos times campineiros – embora vivam em regiões ricas.

Porque jogar durante dois meses não os conduzem a nada e dificultam a vida de um Noroeste, por exemplo, que parece disposto a crescer, algo que a riqueza de sua região lhe permite, como permite a tantos outros no interior de São Paulo, como São José dos Campos.

Mas o fato é que, do jeito que as coisas estão, o torcedor interiorano só vai mesmo ao estádio quando sua cidade recebe um grande – e pouca bola dá quando o confronto é com um visitante de seu tamanho.

Defendo um campeonato estadual que estimule as rivalidades interioranas e não obrigue os grandes a manter uma tradição que já fez todo sentido do mundo e hoje não faz mais.

Estaduais que poderiam classificar seu campeão para o Rio-São Paulo, por exemplo.

Lembro que o que matou a bela iniciativa dos regionais, como o Campeonato do Nordeste, que estava valendo a redenção de clubes como Bahia, Santa Cruz, Vitória, Sport, Remo, foi o medo das federações estaduais e da CBF em perder espaço e poder diante das ligas formadas – a Liga Rio-São Paulo, a Liga do Nordeste, a Liga Sul-Minas.

E contaram como o apoio da Globo Esportes, não só por interesse estratégico de ficar bem como o status quo como, também, porque um campeonato estadual custa bem mais barato do que uma copa regional, naturalmente mais valorizada porque é de maior alcance.

O torcedor do interior que vê em minha posição uma atitude de desprezo em relação aos "caipiras" se engana redondamente.

Sou filho de pai nascido em Botucatu e passei boa parte da minha infância morando em Taubaté.

Só quero ver o futebol do interior forte novamente e estou convencido de que, com o modelo que hoje vigora, ao contrário, a tendência é de asfixia lenta, gradual e segura.

E não se esqueça: o corintiano quer sim, antes de mais nada, ganhar do são-paulino. E é mais vizinho do Flamengo que do Marília.

³⁸ Texto de Juca Kfourri publicado no caderno de esporte do jornal *Folha de S. Paulo* de 11 de fevereiro de 2007.

Anexo VI

Última Tira Original...



Anexo VII

08/07/2005 - 18h31

Assessor de irmão de Genoio é preso em aeroporto de São Paulo com mala cheia de dinheiro

Da Redação



PF divulga foto com dólares apreendidos

A Polícia Federal prendeu nesta sexta-feira em São Paulo um homem que foi flagrado com US\$ 100 mil (cerca de R\$ 252 mil, pela cotação do dólar turismo) e R\$ 200 mil em dinheiro. José Adalberto Vieira da Silva, 39, foi preso no aeroporto de Congonhas, às 11h40, segundo a PF. Parte do dinheiro estava em uma valise e parte sob as calças que Vieira vestia.

Adalberto Vieira é assessor do líder do PT na Assembleia Legislativa do Ceará, José Nobre Guimarães, que é irmão do presidente nacional do PT, José Genoio. Vieira também é secretário de organização do Diretório Estadual do PT no Ceará.

A Redação do UOL News conversou com Guimarães por telefone por volta de 19h30. O deputado disse que estava desde segunda-feira em São Paulo para as reuniões do Diretório Nacional do PT, e confirmou que Adalberto é assessor político de seu gabinete. "Ele é assessor político. Não tenho idéia de onde ele estava", disse. Guimarães disse que não conversou hoje com Vieira.

"Não falei absolutamente nada. Não tenho nenhuma responsabilidade sobre o que ele estava fazendo. A última vez que falei com ele foi na quarta-feira para tratar da minha agenda no interior. Conversamos por telefone, ele estava em Fortaleza."



PF apreende R\$ 200 mil de assessor do PT

Guimarães disse que soube da prisão de Vieira pela imprensa. "Adalberto foi trabalhar no meu gabinete depois da eleição de 2000. Vamos investigar isso tudo e tomar as providências. Fui surpreendido tanto quanto você", disse o deputado.

Segundo a PF, ele embarcaria num voo para Fortaleza. Foi preso por suspeita de crime contra o sistema financeiro e a ordem tributária.



Malleta de náilon que levava R\$ 200 mil

O dinheiro foi apreendido e Silva está sendo ouvido na sede da PF em São Paulo. Em 2000, Vieira foi candidato a vereador pelo PT no município de Aracati, no Ceará. Obteve 215 votos (0,69% dos válidos). Foi o petista mais votado na cidade, mas não foi eleito.

A Polícia Federal divulgou a seguinte nota sobre o caso:

"A Polícia Federal prendeu em flagrante hoje, por volta das 11 horas da manhã, no Aeroporto de Congonhas, São Paulo, José Adalberto Vieira da Silva, que embarcava para Fortaleza (CE) com 200 mil reais em uma mala de mão e 100 mil dólares presos ao corpo, sob suas calças.

Agentes de Polícia Federal desconfiaram do conteúdo da mala de mão, quando esta passava pelo aparelho de Raio-X. Em uma busca minuciosa foram encontrados na valise os 200 mil reais e sob suas roupas íntimas os 100 mil dólares. José Adalberto Vieira da Silva não explicou a origem nem o destino do dinheiro.

José Adalberto Vieira da Silva, 39 anos, natural de Aracati, Ceará, foi preso e encaminhado para a custódia da Superintendência Regional no Estado de São Paulo, onde responderá por crimes contra o sistema financeiro (art. 16 da Lei 7.492) e a ordem tributária nacional (art. 2º. da Lei 8.137)."

Fonte: UOL News, 08 de julho de 2005.

Meu mundo caiu³⁹*Maysa*

Meu mundo caiu
E me fez ficar assim
Você conseguiu
E agora diz que tem pena de mim

Não sei se me explico bem
Eu nada pedi
Nem a você nem a ninguém
Não fui eu que caí

Sei que você me entendeu
Sei também que não vai se importar
Se meu mundo caiu
Eu que aprenda a levantar

³⁹ Fonte: <http://letras.terra.com.br/maysa/126023/> - acesso no dia 19.07.08

Anexo IX**Hino do Corinthians⁴⁰**

Até os anos 40, o time Corinthiano teve alguns hinos, porém todos acabaram caindo no esquecimento por terem letras complicadas e melodias fracas. Somente em 1952, quando o radialista e compositor Lauro d'Avila criou o sucesso *Campeão dos Campeões* é que o clube passou a ter uma canção oficial. Tudo graças à torcida que após a final do Paulistão de 1954 aprovou o hino e passou a cantá-lo com frequência. A música foi gravada pela primeira vez nos estúdios da rádio Bandeirantes pelo cantor Osny Silva, da gravadora Continental.

O Campeão dos Campeões**Lauro D'Avila**

Salve o Corinthians
O campeão dos campeões
Eternamente
Dentro dos nossos corações

Salve o Corinthians
De tradição e glórias mil
Tu és orgulho
Dos esportistas do Brasil

Teu passado é uma bandeira
Teu presente, uma lição
Figuras entre os primeiros
Do nosso esporte bretão

Corinthians grande
Sempre altaneiro
És do Brasil
O clube mais brasileiro

⁴⁰ Fonte: <http://www.brasile scola.com/educacao fisica/corinthians.htm> - acesso em 25.07.08

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade.
Antologia poética. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Consolo na praia

Vamos, não chores
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o *humour*?

A injustiça não se resolve.]
À sobra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.

Tudo somado, devias
precipitar-te – de vez – nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.

Carlos Drummond de Andrade.
Antologia poética. Rio de Janeiro: Record, 1991.

XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.

Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro.
Poesia. O guardador de rebanhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XXIV

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro.
Poesia. O guardador de rebanhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.